

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**PELAS TRILHAS DA REPETIÇÃO:
do representacional ao pulsional no pensamento freudiano**

Flávia Hasky

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**PELAS TRILHAS DA REPETIÇÃO:
do representacional ao pulsional no pensamento freudiano**

Flávia Hasky

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Joel Birman

Rio de Janeiro

Fevereiro/2008

**PELAS TRILHAS DA REPETIÇÃO:
do representacional ao pulsional no pensamento freudiano**

Flávia Hasky

Orientador: Joel Birman

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Joel Birman

Profa. Dra. Fernanda Costa-Moura

Prof. Dr. Auterives Maciel Júnior

Rio de Janeiro
Fevereiro/2008

Hasky, Flávia

Pelas trilhas da repetição: do representacional ao pulsional no pensamento freudiano.

Flávia Hasky. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2008

xi, 128f. ; 29,7 cm

Orientador: Joel Birman

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 124-128.

1. Pensamento freudiano 2. Repetição 3. Compulsão à repetição 4. Pulsão

I. Birman, Joel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Pelas trilhas da repetição: do representacional ao pulsional no pensamento freudiano.

AGRADECIMENTOS

A Joel Birman, meu orientador, com quem divido o prazer de trabalhar junto e ao mesmo tempo aprender a produzir por mim mesma.

Ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica e a todos os professores, pelos primeiros e estimulantes contatos com a psicanálise. Um agradecimento especial a Fernanda Costa-Moura e Maria Isabel Fortes, pelo acolhimento, pelo “gás” e também pelas importantes considerações no Exame de Qualificação.

Agradeço à CAPES, pelo fornecimento da bolsa de incentivo a esta dissertação.

Ao meu pai, pelo carinho e “porque tudo o que eu fizer vai ser bem feito”.

À minha mãe, por seu esforço constante em tentar me ajudar e pela vibração com que comemora minhas conquistas.

A todos os meus tios e primos, à minha avó e ao meu irmão e sobrinhos, agradeço pela torcida constante, por sempre jogarem no meu time rumo a novas realizações.

Aos meus amigos, velhos e novos, todos fundamentais nos momentos de alegria (muitas!) e de crescimento coletivo. É maravilhoso dividir minha vida com cada um de vocês.

Um agradecimento à parte aos meus “sócios” e amigos Andreia e Rodrigo, pessoas maravilhosas que entraram na minha vida pra ficar.

E também ao Rodrigo, pela parceria e pelo amor de outrora e pelo axé de agora, sempre presente, de alguma forma, em meu percurso nesses dois anos.

A Auterives Maciel e Romildo do Rêgo Barros, agradeço pelos ensinamentos valiosos e principalmente pela arte de transmitir apaixonadamente.

Por fim, agradeço à Angélica, por nosso trabalho semanal por entre as trilhas da minha repetição.

“... prosseguiremos escrevendo nosso destino sem nenhum sentido a partir do caos que herdamos, até que talvez um dia despertemos para essa graça da vida: ela não precisa de sentido para valer a pena”

(Vieira, 2007, p.185).

RESUMO

PELAS TRILHAS DA REPETIÇÃO: do representacional ao pulsional no pensamento freudiano

Flávia Hasky

Orientador: Joel Birman

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Esta dissertação pretende trabalhar a questão da repetição sob o ponto de vista da psicanálise. Tal escolha está pautada na relevância dessa noção e em sua estrita relação com outras noções-chave da psicanálise. A repetição encontra-se nos fundamentos do saber psicanalítico, além de estar muito presente na prática clínica. Esta análise da incidência da repetição na obra de Sigmund Freud será realizada através de uma leitura eminentemente cronológica dos textos escolhidos, em busca do aparecimento da idéia da repetição, estando sempre atentos ao que vai mudando com o passar dos anos.

Marcaremos dois momentos distintos e importantes, onde a repetição aparece ora como pano de fundo de conceitos cruciais como inconsciente, recalçamento, transferência e pulsão, ora em primeiro plano, dada sua mudança de estatuto com o aparecimento do fenômeno da compulsão à repetição. Daremos destaque à virada que se deu no pensamento freudiano nos anos vinte, ressaltando o choque entre repetição e sentido, a conceituação da pulsão de morte e o novo dualismo pulsional. Considerando o forte vínculo entre a repetição e a pulsão, buscaremos nos aprofundar na questão pulsional ao longo desta pesquisa. Sendo assim, paralelamente ao rastreamento da questão da repetição em Freud, procuraremos acompanhar as mudanças que operou em seu pensamento, atentos aos passos dados em direção à predominância do pulsional, em detrimento do campo representacional.

São ainda objetivos deste trabalho analisar os desdobramentos dados à constatação de que a repetição do doloroso é um fato irrecusável da clínica analítica e perceber os efeitos disso nas postulações de Freud no período tardio de sua produção. Pensamos ser este um ponto capital para justificar a atualidade do tema, que assim como os sintomas dos nossos tempos, aponta para o excesso e para o traumático, impondo desafios pelo imperativo de se criar modos possíveis de lidar com o não-sentido.

Palavras-chave: Pensamento freudiano- Repetição- Compulsão à repetição- Pulsão.

Rio de Janeiro
Fevereiro/2008

RÉSUMÉ

À TRAVERS LES SENTIERS DE LA RÉPÉTITION: du représentationnel au pulsionnel dans la pensée freudienne

Flávia Hasky

Directeur: Joel Birman

Résumé de la Dissertation de Master soumise au Programme de Master et Doctorat en Théorie Psychanalytique, Institut de Psychologie de l'Université Fédéral de Rio de Janeiro – UFRJ, comme partie des requises à l'obtention du titre de Maître en Théorie Psychanalytique.

Cette dissertation a l'intention de travailler la question de la répétition sous le point de vue de la psychanalyse. Ce choix est fondé sur l'importance de cette notion et sur son rapport avec d'autres notions-clés de la psychanalyse. La répétition se trouve dans les fondements du savoir psychanalytique et est, en outre, très présente dans la pratique clinique. Cette analyse de l'incidence de la répétition dans l'oeuvre de Sigmund Freud se réalisera à travers une lecture presque entièrement chronologique des textes choisies, à la recherche de l'apparition de l'idée de répétition, étant toujours attentif aux aspects qui changent avec le passage des années.

On marquera deux moments distincts et importants, dans lesquels la répétition apparaît parfois comme toile de fonds des concepts fondamentaux tel que l'inconscient, le refoulement, le transfert et la pulsion, et parfois au premier plan, suite au changement de statut avec l'apparition du phénomène de compulsion à la répétition. On donnera importance au tournant qui a eu lieu dans la pensée freudienne pendant les années 20, en mettant en relief le choc entre la répétition et le sens, la conception de la pulsion de mort et le nouveau dualisme pulsionnel. Tenant en compte l'enchaînement entre la répétition et la pulsion, on cherchera un approfondissement dans la question pulsionnelle au cours de cette recherche. Ainsi, parallèlement à l'investigation de la question de la répétition chez Freud,

on essaiera de suivre les changements de sa pensée, attentif aux étapes vers la prédominance du pulsionnel sur le représentationnel.

Le but de ce travail est d'analyser aussi les conséquences de la constatation du fait que la répétition de la douleur est un point irréfutable de la clinique analytique et de percevoir les effets de celle-ci dans les postulations de Freud durant la période finale de sa production. On estime que c'est un point capital pour justifier l'actualité du sujet, qui de la même manière que les symptômes de nos jours, nous mène à l'excès et au traumatisme, imposant des défis suite au besoin de se créer des manières possibles de côtoyer le non-sens.

Mots-clés: Pensée freudienne - répétition - compulsion à la répétition - pulsion.

Rio de Janeiro

Février/2008

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: A psicanálise como arte interpretativa: que lugar para a repetição?.....	17
Da clínica à teoria.....	18
Os sonhos e o Inconsciente.....	19
Repetição e memória.....	20
O recalçamento.....	22
Experiência de satisfação, repetição e desejo.....	23
Desejo e universo simbólico.....	25
A transferência entra em cena.....	27
O que o Caso Dora nos ensina.....	28
O que escapa ou os “pontos de impossível”.....	33
CAPÍTULO 2: Repetição-resistência-transferência e a economia pulsional.....	38
Transferência e resistência.....	38
A repetição no dispositivo analítico.....	40
A repetição pela vida afora.....	42
Sobre o amor transferencial.....	44
Repetição e resistência.....	45
Perlaboração.....	48
Um mergulho no universo das pulsões.....	49
Princípios econômicos.....	52
Caracterizando as pulsões.....	56
Os destinos como modalidades de defesa.....	60
CAPÍTULO 3: A virada de 1920: da compulsão à repetição à pulsão de morte.....	63
Preparando o terreno... ..	63
Princípio de prazer: a hegemonia na corda bamba.....	68
Compulsão à repetição: o exemplo decisivo.....	73
A pulsão de morte.....	78
O novo dualismo pulsional.....	80
Redefinindo o trauma.....	82
A virada.....	84

CAPÍTULO 4: Fim de percurso: consequências teórico-clínicas da virada de 1920.....	90
Fusão e des fusão pulsional.....	91
A severidade do superego.....	93
O masoquismo originário.....	95
O princípio de Nirvana.....	97
Uma nova teoria da angústia.....	99
Resistências por todo lado.....	101
O mal-estar ineliminável.....	102
A questão do desamparo.....	105
O que pode uma análise...?.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124

INTRODUÇÃO

O livro *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco é uma boa fonte de inspiração aos que se vêem diante da tarefa de escrever um trabalho acadêmico. As muitas indicações formais, que aproximam o livro de um manual passo-a-passo são interessantes e ajudam na organização da operação de fazer uma tese ou dissertação. Mas, o que marca verdadeiramente, tornando preciosas as palavras do autor, são as bem-humoradas e muitas vezes poéticas colocações que faz em relação à atividade de pesquisa e produção escrita. De tudo o que lemos, ficamos com a idéia de que poderia ser lúdico, além de árduo e desafiador, o trabalho a ser desenvolvido. Mais do que um levantamento de dados e uma exploração sobre certo tema, uma dissertação tem algo de invenção e de descoberta.

A presente pesquisa tem como principal meta trabalhar a questão da repetição sob o ponto de vista da psicanálise. Dentre todas as demais noções da teoria psicanalítica, a escolha da repetição se justifica com base em algumas razões. A repetição está nos fundamentos do saber psicanalítico, que como se sabe, é intimamente articulado com a prática clínica. Jacques Lacan (1963-1964) em *O seminário, livro, 11* a considera como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, por se fazer presente de forma maciça na clínica analítica e por ser essencial ao direcionamento dos argumentos de Freud. Ser fundamental significa ainda poder articular-se teoricamente aos outros conceitos centrais.

Nossa proposta concentra-se essencialmente em uma análise da incidência da repetição na obra de Sigmund Freud. Sendo o discurso freudiano particularmente marcado por uma forte relação entre teoria e prática, pensamos que o estudo de seus conceitos nunca deve ser separado de um olhar cuidadoso ora em sua produção escrita, ora em seu trabalho no dispositivo analítico. Faremos uma leitura eminentemente cronológica dos textos escolhidos, em busca do aparecimento da idéia da repetição, estando sempre atentos ao que vai mudando com o passar dos anos.

Em linhas gerais, podemos observar na obra freudiana dois momentos distintos e importantes em relação à repetição. Inicialmente, encontra-se presente na base de conceitos cruciais como inconsciente, recalçamento, transferência e pulsão. Pouco a pouco, em decorrência de fenômenos que insistem em aparecer na clínica, a repetição vai ganhando

destaque dentre as teorizações de Freud, até que em 1920 tem seu estatuto significativamente modificado, passando de um lugar de pano de fundo para o primeiro plano. A repetição de experiências desde sempre desagradáveis, marcadas pela insistência no desprazer e no sofrimento, então nomeada como compulsão à repetição, torna-se um dado irrecusável da experiência analítica. A constatação da existência de algo mais elementar, que desbanca a hegemonia do princípio de prazer, exige uma reformulação teórico-clínica, que ficou conhecida como a virada de 1920.

Vemos um destaque à compulsão à repetição, pelo fato de ter sido o exemplo decisivo que levou à conceituação da pulsão de morte. O estudo desta importante passagem do pensamento freudiano teve efeitos analogamente decisivos em nossa pesquisa. Para além daquilo que havíamos pensado inicialmente, um novo elemento despertou nossa curiosidade e precisou ser incluído em nosso percurso. Assim, junto ao rastreamento da questão da repetição em Freud, iremos acompanhar as mudanças em seu pensamento, do início ao fim de sua obra. Caminharemos de idéia nova em idéia nova, tendo a repetição como guia de leitura, um fio condutor nessa busca em direção aos pontos que vão sendo enfatizados. Como o título da dissertação logo anuncia, procuraremos destrinchar quais passos foram dados em direção à predominância do pulsional, em detrimento do campo representacional. Não perderemos de vista nosso foco, dando especial atenção às consequências internas ao próprio trabalho de Freud decorrentes da compulsão à repetição.

Pensamos que marcar a falência do representacional e a insuficiência do método interpretativo como ferramenta única de um exercício clínico pode ajudar na tomada de posição enquanto psicanalistas na contemporaneidade. Tal fato nos parece justificar a atualidade do tema da repetição, que assim como os sintomas dos nossos tempos, aponta para o excesso e para o traumático. O psicanalista tem de lidar com o que está e o que não está inscrito, não podendo cair no engodo da atribuição de sentido como totalmente apaziguadora, como chave dos problemas. O que pretendemos no desenvolvimento dessa dissertação é dar especial relevo à presença e aos diferentes coloridos atribuídos à repetição no pensamento freudiano, deixando de lado por ora uma análise pormenorizada dos fenômenos atuais. Apenas apontamos aqui para essa possível articulação, na qual desejamos nos deter em pesquisas futuras.

O roteiro que seguiremos está estruturado em quatro capítulos. O primeiro deles versará sobre os primórdios da psicanálise, momento caracterizado pela forte presença do plano das representações, tanto no corpo teórico da metapsicologia quanto nas propostas técnicas relativas à clínica. Perceberemos uma ênfase inicial na rememoração e na interpretação pela via da significação, sendo a psicanálise nessa primeira etapa identificada como uma arte interpretativa. O psiquismo é definido por Freud como campo de representações, baseando-se, portanto, em relações entre conceitos e objetos. Enquanto mediação, a representação mediatiza o vivido, ao relacioná-lo com a forma de um objeto semelhante. Mostraremos que também a repetição é enquadrada no esquema representacional, aparecendo nas cadeias de idéias, na insistência de algumas que persistem e retornam. Examinaremos ainda a ligação da repetição com a memória, com o desejo e com o inconsciente, além de atentar para as primeiras aparições do fenômeno transferencial. Os principais textos analisados serão *Projeto para uma psicologia científica* (1895), *A interpretação dos Sonhos* (1900) e o caso Dora (1905 [1901]).

O segundo capítulo subdivide-se em dois eixos principais. Primeiramente, nos deteremos nos desafios enfrentados por Freud em seu fazer analítico quando a transferência e a resistência tomam a cena. Situaremos a repetição lado a lado com esses fenômenos, tendo o artigo técnico *Recordar, repetir, elaborar* (1914) como referência. Nele, a repetição ganha destaque notável, pelo papel de pivô de reflexões profundas que ocupa. O que fazer com pacientes que nada recordam do material recalçado e o expressam pela atuação - *acts it out*? Frente a esta dificuldade de recordar lembranças esquecidas e conseqüentemente de associar livremente, o repetir passa a ser considerado como uma forma de lembrar, uma rememoração em ato. Em seguida, mergulharemos no universo das pulsões, a partir de uma análise minuciosa do artigo metapsicológico *As pulsões e seus destinos* (1915). Buscaremos demonstrar a importância atribuída à força pulsional e ao ponto de vista econômico, aspectos que abrem caminho para a idéia da repetição como não representável e para o advento do conceito de pulsão de morte. É um capítulo que serve como ponte entre os momentos iniciais e finais do pensamento freudiano, por deter-se em mudanças importantes que preparam o terreno para a virada mais radical que se dará nos anos vinte.

No terceiro capítulo nossa atenção estará voltada justamente para a virada de 1920. Em *Além do princípio de prazer* (1920) encontraremos elementos decisivos que apontam

para uma mudança de direção na obra de Freud, tais como o fim da dominância do princípio de prazer na regulação do funcionamento psíquico e o destaque à energética. Daremos relevo à transição responsável por deslocar o enfoque do representacional ao pulsional, do sentido ao excesso. O destaque à compulsão à repetição é evidente, por ter sido o conceito-pista que levou à pulsão de morte. Trabalharemos cuidadosamente cada uma das situações problematizadas por Freud para que chegasse à constatação de um “além”: o princípio de realidade, o sintoma neurótico, os sonhos traumáticos, as brincadeiras das crianças e a repetição no tratamento analítico. Apresentaremos o novo dualismo pulsional e a redefinição da questão do trauma, como os primeiros desdobramentos dessa reviravolta na teoria e na clínica psicanalítica.

Finalmente, no quarto capítulo seguiremos os passos de Freud subsequentes ao seu encontro com isto que descreveu como obscuro e paradoxal, tentando acompanhar a ampla revisão dos esquemas teóricos a fim de dar conta dos fenômenos clínicos. O foco serão os destinos que serão traçados em função da repetição do doloroso, em uma proposta que caminha no sentido de tirar as implicações disto na própria obra freudiana. Pretendemos então listá-las e articulá-las entre si, tendo a questão do excesso como chave de entendimento das postulações de Freud nessa parte final de seu percurso. São muitos os textos selecionados, tais como *O problema econômico do masoquismo* (1924), *O mal-estar na cultura* (1930) e *Análise terminável e interminável* (1937). Nesse último, veremos a problematização da eficácia terapêutica da psicanálise, pela apresentação dos muitos limites que poderiam tirá-la do campo de ação. Acompanharemos os questionamentos de Freud diante do caráter inesgotável do conflito psíquico e da insuficiência da simbolização frente ao não-sentido. A idéia é poder verificar aí possibilidades de se sustentar a validade da psicanálise de forma afirmativa.

Ao longo de todo o trabalho, desejamos deixar claras ao menos duas características marcantes do estilo freudiano de produzir: a clínica é o ponto de partida de suas especulações teóricas e a revisão de pontos de vista anteriores ao se deparar com dificuldades. Segundo Mezan (2003), há um movimento incessante de ir e vir, um retorno dos temas e questões que a cada vez abre novas perspectivas e articulações. Cabe indicar ainda que escolhemos Sigmund Freud como autor central e autores como Jacques Lacan, Gilles Deleuze, Joel Birman, Luiz Alfredo Garcia-Roza e Renato Mezan na posição de

comentadores. Pois bem, sigamos a recomendação de Lacan, em direção à aventura de acompanhar “Freud com suas obscuridades fecundas” (Lacan, 1956-1957/1995, p.180).

CAPÍTULO I

A psicanálise como arte interpretativa: que lugar para a repetição?

Em seus primórdios, a psicanálise se caracterizava pela promoção da cura através da rememoração, adotando um método psicoterapêutico que visava trazer à luz a lembrança de um determinado fato que teria provocado um sintoma histérico. Freud postulou e sustentou a crença de uma etiologia sexual das neuroses, segundo a qual a histeria teria origem a partir do recalçamento de uma idéia incompatível, que possuiria caráter patogênico por não estar de acordo com as demais idéias do sujeito. Em casos de neurose haveria *idéias antitéticas* a uma intenção consciente patologicamente intensificadas.

O processo analítico consistiria então em caminhar de representação em representação, reconstituindo séries de pensamentos e lembranças, em um trabalho de significação. A partir da associação livre de idéias surgem palavras aparentemente sem sentido. A atenção flutuante do analista supõe diversos sentidos a advir, a partir da pergunta que se faz, *o que significa tudo isso?*. Respondê-la o leva a tornar claro o significado da reminiscência, conduzindo ao fator patogênico.

A preocupação era a extirpação dessas lembranças patogênicas dos pacientes, relativas a experiências sexuais não compreendidas, de acordo com a hipótese de que o principal agente etiológico da histeria seria uma experiência sexual prematura. Garcia-Roza (2003) comenta que esse começo da prática terapêutica freudiana consistia em fornecer meios ao paciente para que pudesse recordar um determinado fato infantil que teria sido traumático. Nesse sentido, a crença de Freud era de que o esquecimento ocultava a verdade da doença. “No que o neurótico diz, Freud se põe a deduzir o que ele não diz, ou seja, o que ele deixa de recordar” (Santos, 2002, p.17).

A partir dessa descrição introdutória das primeiras formulações freudianas começamos a perceber o lugar privilegiado que é dado ao campo representacional. O psicanalista operaria pela interpretação, em direção à decifração produtora de sentido. Em uma bela passagem de Bisso (2007), o trabalho de investigação de Freud é comparado ao

de um caçador atrás das pistas de uma criatura invisível. Se servindo do sentido, tal qual um decifrador, leva adiante sua prática de tornar consciente o inconsciente. Birman (1991) aponta que nesse primeiro momento da *démarche* freudiana uma das preocupações centrais é o fenômeno da passagem de uma representação do registro do sistema inconsciente para o registro do sistema pré-consciente/consciente. O psiquismo é definido por Freud como campo de representações e a análise visa interpretar a inscrição, pretendendo decifrá-la minuciosamente através das cadeias associativas. Em outras palavras, “o ato meticuloso da decifração revelaria as diferentes dimensões e estratos contraditórios que se inscrevem de maneira sinuosa na arquitetura dos sintomas” (Freud apud Birman, 2000, p.256).

Da clínica à teoria

É bastante conhecido o fato de que a teorização freudiana sempre teve como ponto de partida o que encontrava em sua clínica. Foi a partir do contato com pacientes histéricas que Freud (1895b) descreveu as idéias que delas escutava como intrusivas, usurpadoras e ridículas, responsáveis por um quadro ininteligível, incongruente. Emma¹ foi uma dessas moças que o procuraram com uma queixa aparentemente sem sentido, de não conseguir entrar em lojas sozinha. Ao falar, recorda-se que aos doze anos, ao entrar em uma loja, foi alvo de risos e os atribui às suas roupas (cena B). Novas associações se sucedem, trazendo uma outra lembrança datada de seus oito anos (cena A): ao entrar em uma confeitaria, agarraram suas partes genitais por cima das roupas. Para compreender a patologia histérica, Freud prioriza os pontos que interessam mais diretamente à sua argumentação. Estabelece então um vínculo associativo entre as cenas A e B, através da eleição de dois elementos presentes em ambas: o riso, indicado pela própria Emma, e o fato de estar sozinha. É a partir desta ponte, construída com base nas semelhanças que se repetem, que direciona todo o tratamento. Operando sob o regime da representação estão fundamentalmente em jogo a similitude e a relação. Sendo assim, ao habitar o reino do sentido, Freud realiza uma leitura segundo a qual o sintoma quer dizer algo, constituindo-se portanto como mensagem, como significação velada, a ser descoberta.

¹ Caso clínico relatado na parte II do texto freudiano de 1895, “Projeto para uma psicologia científica”.

Outro exemplo, que sem dúvida enriquece o panorama teórico aqui traçado, vem da clínica das obsessões e fobias. Uma senhora que sofria com esses sintomas enumera uma série de palavras à princípio desconexas: “porteiro”... “camisola”... “cama”... “carroça”. Ao encontrar o significado das reminiscências, Freud relaciona-o a um trauma sexual da infância, concluindo que “as reminiscências aparentemente desconexas se acham ligadas de modo estreito no pensamento e conduzem de forma bastante direta ao fator patogênico que estamos buscando” (Freud, 1895b/1996, p.290).

Os sonhos e o Inconsciente

Não é apenas em relação aos sintomas que encontramos essa primazia do sentido. Isso seria até mesmo incongruente com a aspiração freudiana de elucidação dos processos inconscientes, já que dificilmente se aceitaria a generalização de algum fenômeno partindo de quadros patológicos, como era o caso das neuroses. Estamos diante da exigência de Freud em conectar processos neuróticos com a dita normalidade.

Esse, aliás, é um dos motivos que fez Freud recorrer à analogia entre os sintomas e os sonhos, traçando um paralelo entre as idéias patológicas e as estruturas oníricas. O valor paradigmático do sonho é explicado por diversos fatores. Sonhos e sintomas, como formações do inconsciente, caracterizam-se por serem uma solução de compromisso diante do conflito psíquico, possuem uma estrutura semelhante por serem sobredeterminados, sofrem mecanismos de deformação, têm um caráter aparentemente ilógico e se inserem na cadeia psíquica relatada pelos pacientes em associação livre. Por todas essas razões e ainda por serem frequentes e não patológicos, já que todos nós sonhamos, os sonhos são elevados à via régia de acesso ao conhecimento dos mecanismos inconscientes.

No trabalho com os sonhos, a ênfase à significação é patente. *A interpretação dos sonhos* (1900) está toda ela calcada na crença de que os sonhos, apesar de enigmáticos, são providos de sentido e podem ser interpretados a partir da decifração dos elementos desconexos. A interpretação é justamente a atribuição de um sentido ao sonho, a elucidação de sentidos ocultos. Como assinala o título deste capítulo, estamos diante de uma arte interpretativa, inserida no campo das representações. Outro elemento que aponta nessa direção é a definição do sonho como processo inconsciente de pensamento, uma linguagem

que “deve ser lida de acordo com suas relações simbólicas”. Assim, *A interpretação dos sonhos* pode ser visto como o ápice da construção freudiana de operar com o conceito de inconsciente. Nesse texto, Freud aposta todas as suas fichas em esgotar o campo do inconsciente através da estratégia de torná-lo representável.

É hora de aproveitar a referência ao título do capítulo e traçar algumas considerações a respeito da noção de repetição neste panorama. Logicamente, tal fenômeno não poderia fugir à abordagem em torno da qual toda a psicanálise estava sendo pensada e construída. Sendo assim, também a repetição se enquadra no esquema representacional, aparecendo nas cadeias de idéias, quando há uma que insiste e retorna, como nos ensinou o caso Emma.

Repetição e memória

Há um vínculo forte e importante entre a repetição e uma questão central no pensamento freudiano inicial, a memória. Como relatamos anteriormente, a clínica se estruturava a partir da evocação de memórias e lembranças, havendo uma certa relação entre esquecimento e adoecimento psíquico. Encontramos teorizações preciosas de Freud a esse respeito em *Projeto para uma psicologia científica*², escrito em 1895 e logo em seguida abandonado. O texto é muitíssimo marcado por uma concepção quantitativa, onde o autor faz uso do ponto de vista biológico para explicar o funcionamento do sistema nervoso. Em linhas bem gerais, apenas para chegarmos ao ponto que nos interessa, este é formado por neurônios permeados por uma quantidade de energia, na forma de estímulos, que tendem a ser descarregados.

A memória ganha ênfase por ser considerada uma das principais características do aparelho neuronal. Seu funcionamento está relacionado à facilitação [*Bahnung*], definida como uma alteração que torna as barreiras de contato existentes entre os neurônios menos impermeáveis, isto é, com maior capacidade de condução de energia. Em outras palavras, a

² Aproveitamos a referência a esse texto para expressarmos a dificuldade de articular seus conteúdos à construção desta pesquisa. Dentre as alternativas imaginadas, optamos por desmembrar os temas abordados, incluindo cada parte que nos interessa no capítulo que mais nos parece apropriado, sem respeitar portanto o fato cronológico de ser um texto datado do período por muitos nomeado de pré-psicanalítico.

facilitação equivale a uma diminuição da resistência à passagem do estímulo de um neurônio ao outro. A partir desse mecanismo vão sendo formadas vias que ganham preferência em relação a outras, constituindo pouco a pouco registros, traços, marcas, que formam a memória. A facilitação, também conhecida como trilhamento, depende da força e da frequência de determinada impressão, ou seja, de quantas vezes ela se repete. Assim, quanto maior a quantidade de excitação e o número de vezes que ela passar por um neurônio, mais facilitado estará o caminho criado, menos dificuldades de fluxo serão ali encontradas. Fica clara a íntima articulação entre as facilitações e a noção de repetição.

Há um aspecto paradoxal envolvendo a idéia das facilitações apontado pelo próprio Freud como uma contradição. Por vezes afirma que servem à função primária de descarga, que aumentam a permeabilidade. Logo, chegaria a uma conclusão negativa, segundo ele próprio, por elas não serem então retentoras de memória. Diz, por exemplo, que quando um estímulo passa sem dificuldade não é capaz de deixar qualquer lembrança em seu rastro. Mais adiante, nos faz notar que a condução dos neurônios mantém uma posição entre a permeabilidade e a impermeabilidade. Tenta solucionar tal contradição afirmando que a existência de alguma cota de resistência à circulação das quantidades é uma constante. A repetição da passagem de estímulos faz com que na vez seguinte ela diminua, sendo esta a positividade do mecanismo da facilitação. O que Freud quer marcar é que, em alguns casos, justamente nestes caminhos facilitados, a resistência é menor e por isso a energia escoar mais livremente.

Será possível articular essa explicação quantitativa da memória com o campo representacional do qual falávamos há pouco? A leitura de Derrida (2002) parece apontar afirmativamente nesse sentido, na medida em que o autor destaca a importância da *Carta 52* (1896) como texto de passagem entre a linguagem neurológica do *Projeto* e um modelo de aparelho psíquico baseado na escritura, no traço, que recorre a modelos metafóricos. Acredita que no manuscrito do *Projeto* “tratava-se de explicar a memória no estilo das ciências naturais, de propor uma psicologia como ciência natural” (Derrida, 2002, p.185). Segundo o filósofo, Freud abandona essa proposta para transformar suas preocupações, entrando em cena a escritura. O aparelho psíquico corresponderia a uma máquina de escrita e o psiquismo seria representado por um texto, entendido como espaçamento, topografia dos traços.

“Doravante, a partir de 1900, a metáfora da escritura vai apoderar-se ao mesmo tempo do problema do aparelho psíquico na sua estrutura e do problema do texto psíquico na sua textura (...). A *Interpretação dos sonhos* será uma leitura e uma decifração” (Derrida, 2002, p.193).

Com efeito, os termos-chave *rearranjo*, *retranscrição*, *signo* e *inscrição* presentes na carta são bem distantes dos empregados no manuscrito do ano anterior e bastante próximos dos que usará em *A interpretação dos sonhos*, por exemplo, no esquema de aparelho psíquico ali construído. Garcia-Roza aponta para esta mesma direção ao considerar que “entre o *Projeto* e o texto de 1900 Freud opera uma passagem da natureza para a linguagem” (Garcia-Roza, 2003, p.90). Mezan, por sua vez, pensa que “*A interpretação dos sonhos* traduzia os esquemas neurológicos do *Projeto* para o plano psíquico” (Mezan, 2003, p.156).

Estamos diante de um cenário em que memória e esquecimento ocupam lugar de destaque. Mas como se dá a passagem de um estado a outro? Qual o mecanismo responsável pelo afastamento de uma lembrança?

O recalçamento

Desde suas primeiras postulações sobre o funcionamento psíquico Freud pensará na existência de um mecanismo de defesa, causado pela incompatibilidade de uma idéia penosa com o resto do ego. A noção de defesa, junto ao fenômeno clínico da resistência, sugere um novo conceito, o recalque. No artigo metapsicológico *O recalque* (1915c) o recalçamento é definido como um mecanismo defensivo que impede que uma idéia se torne consciente, com o propósito de evitar o desprazer que a incompatibilidade entre esta idéia e as demais ocasionaria. A importância deste conceito é explicitada quando Freud o eleva à pedra angular da psicanálise, sobre a qual todo seu edifício poderá ser posto de pé (Freud apud Mezan, 2003, p.04). Seu funcionamento é explicado em três momentos: recalque originário, recalque secundário ou propriamente dito e retorno do recalcado.

Há uma importante articulação entre o retorno do recalçado e a repetição. “O retorno do recalçado consiste no fracasso do recalque e na irrupção do recalçado à superfície” (Jorge, 2005, p.24). Esse retorno se dá sob a forma das formações do inconsciente, tendo caráter de satisfação substitutiva. Pensando no que há de repetição neste fenômeno Prata (1992) propõe que “o recalçamento estrutura-se como uma repetição, já que o contato com um pensamento indesejável força o paciente a repetir sua tentativa de recalque. Na associação com as idéias primeiramente recalçadas repete-se o recalçamento como ação” (Prata, 1992, p.101).

Vemos que a repetição aparece nesta primeira etapa do pensamento freudiano como pano de fundo, presente nos fundamentos de conceitos cruciais como inconsciente, recalque, transferência e pulsão. Até aqui, já foram traçados os paralelos entre a repetição, o inconsciente e o recalque. Passemos então ao mesmo exercício com a pulsão, para em seguida trabalharmos o par repetição-transferência.

Experiência de satisfação, repetição e desejo

Remontamos as origens do que Freud nomeia posteriormente de pulsão aos estímulos endógenos descritos no *Projeto* de 1895. São de natureza intercelular, se produzem de forma contínua, remetendo inevitavelmente à idéia de uma acumulação. Sua ação constante impede que a cota de energia seja zerada, operando uma modificação necessária na tendência à descarga que citamos acima. Será preciso recuar da sustentação inicial de um princípio de inércia, substituindo-o por um princípio de constância que garante uma cota mínima de energia para as urgências da vida³. Dessa forma, a produção de um resultado inteiramente aliviante nunca será possível. “A inércia como uma meta está sempre no horizonte do funcionamento psíquico, sem jamais ser alcançada” (Santos, 2002, p.28).

Para que o estímulo seja abolido e o prazer possa advir é preciso que haja uma intervenção que altere o mundo externo e conseqüentemente suspenda de forma provisória o acúmulo de excitação no interior do corpo. Essa alteração do exterior, aqui chamada de

³ Iremos nos deter mais cuidadosamente nos princípios econômicos propostos por Freud ao longo dos próximos capítulos.

ação específica, tem como condição fundamental a ajuda alheia, devido à incapacidade do organismo humano de promovê-la ainda em estado prematuro.

“...a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga, através da via de alteração interna – por exemplo, o grito da criança. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (Freud, 1895a/1996, p.370).

Estamos diante do que Freud denominou experiência de satisfação, melhor traduzida como vivência, por ser interna, pessoal. Essa experiência que traz satisfação ao bebê é a primeira em que ocorre o diferencial prazer-desprazer. Traz consequências as mais radicais no desenvolvimento dos indivíduos, dentre elas uma facilitação dessa via específica que conduziu à satisfação primordial. Quando reaparecer o estado de urgência, entendido como desejo, esse mecanismo é reativado, havendo um investimento na imagem mnêmica do objeto registrado como prazeroso. Esse investimento, entretanto, não reproduzirá a mesma sensação que antes, por se tratar de uma alucinação. Ao invés de uma nova satisfação, sobrevirá o desapontamento e novamente se fará necessária a presença de um outro que venha em socorro do infante.

A interpretação dos sonhos (1900) nos ajuda a reforçar a relação entre essa vivência de satisfação, a repetição e o desejo. Acompanhemos esta passagem:

“... o acúmulo de excitação é vivido como desprazer, e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a vivência de satisfação que envolveu um decréscimo da excitação e foi sentida com prazer. A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de “desejo”” (Freud, 1900/1996, p.624).

Um importante componente dessa vivência é uma percepção específica que deixa como traço mnêmico uma imagem associada à resolução daquela necessidade momentânea. Daí em diante um vínculo é criado e tende a se repetir. Vamos nos apropriar do exemplo dado por Freud, que ajuda a visualizar este processo: a imagem do seio da mãe e o prazer sentido pelo bebê ao ser amamentado. Quando o bebê sente fome, experimenta um estado

desagradável, o qual tenta eliminar através de gritos e pontapés. A situação, no entanto, não se altera, ele permanece inerte, até que um auxílio externo venha em seu socorro. A mãe, que interpretou seus gritos e sua agitação como fome, lhe oferece o seio, amamentando-o e livrando-o naquele momento do tamanho desprazer que sentia. Na próxima vez em que o bebê se sentir faminto surgirá imediatamente uma moção psíquica que tentará re-investir a imagem do seio materno deixada em sua memória. Ele busca evocar mais uma vez aquela percepção que outrora lhe trouxera satisfação, desejando reestabelecer a situação original. Segundo Freud, “o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma identidade perceptiva – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade” (Freud, 1900/1996, p.595).

A necessidade de uma interpretação que vem de fora evidencia desde já o caráter de dependência e desamparo atribuído pela psicanálise aos seres humanos. Segundo essa perspectiva é o outro que tira o vivente de uma repetição do mesmo que o levaria à autodestruição. Na passagem a que nos referimos há pouco, Freud fala em um desamparo inicial. Mas será que isso se restringe à primeira etapa da vida? De fato, os bebês não são capazes de realizar o teste de realidade, enquanto os adultos possuem a capacidade de distinguir o que é ou não real. Sabemos, porém, que isso nem sempre funciona, o que leva Freud a constatar que os humanos não são seres adaptados ao mundo que os cerca, às condições que lhe são oferecidas. O desamparo é então constitutivo e não ultrapassável⁴.

Desejo e universo simbólico

Uma consequência importantíssima da experiência original de satisfação é a constituição de uma representação, que tornará viável um tratamento semântico do desejo. A série prazer-desprazer não se restringe a diferenças de quantidades de energia, ela implica também a evocação de determinadas percepções em detrimento de outras. Assim, os estímulos endógenos (precursores das pulsões) são atrelados ao universo simbólico e irão se inserir progressivamente em uma certa organização característica do campo representacional, quando por exemplo, a distinção entre a alucinação e a realidade puder

⁴ A questão do desamparo será amplamente trabalhada no último capítulo, já que se tornará central após a virada no pensamento freudiano ocorrida em 1920.

ser feita. Este processo “permite a inserção da atividade de pensamento entre a reivindicação pulsional e a ação que proporciona a satisfação” (Fortes, 2000, p.62-63).

Isso se explica pelo fato do “simbólico estar no cerne da problemática humana, já que o homem não vive em um universo meramente físico” (Cassirer apud Jorge, 2005, p.69). É então a partir da hipótese de que o desejo amarra-se ao universo simbólico que Freud constrói toda sua teorização sobre a interpretação de sonhos. Agora, podemos compreender o contexto que o leva à postulação de que “os sonhos têm mesmo um sentido, é a realização de um desejo”. E nos arriscamos a pensar que o grande esforço de Freud em construir um método de interpretação de sonhos ancorado em cadeias de idéias, que aludem a um significado, se relaciona diretamente com o outro aspecto do desejo que já o apossara, o fator quantitativo. Não seria o trabalho interpretativo uma resposta à insistência das excitações, uma tentativa de circunscrição dos estados de desejo, capaz de torná-los menos obscuros teoricamente e mais manejáveis clinicamente?

Essa é uma questão que comporta elementos essenciais à nossa pesquisa como um todo. Garcia-Roza (1990) propõe uma esquematização em que o campo das idéias (da representação) é o lugar da *ordem*, enquanto o quantitativo, a dispersão referente ao pulsional é o lugar do acaso. Este autor oferece meios para pensarmos a circunscrição oferecida pelo trabalho interpretativo, ao propor, utilizando-se da terminologia lacaniana, que “a pulsão só adquire uma dimensão histórica ao ser capturada pela rede de significantes” (Garcia-Roza, 1990, p.136). Na passagem que se segue, refere-se ao campo simbólico como uma espécie de tratamento do pulsional:

“Creio que é razoável supor que qualquer determinação (e portanto limitação) ao indeterminado das pulsões, deve vir de fora, de um outro lugar que não o corpo pulsional. Esse outro lugar é o aparato psíquico, a rede de significantes que ordena o caos das pulsões” (Garcia-Roza, 1990, p.144).

Estaremos retomando essa discussão em outros momentos, articulada a novos dados e novas problemáticas que serão trabalhados a seguir. Acreditamos que somente dessa forma um esboço de resposta poderá ser construído. Por ora, é preciso retomarmos o cenário que agora nos ocupa, aquele onde a repetição dá sinais de sua existência permeando

os fundamentos de conceitos desde já cruciais à psicanálise. Entremos, pois, no âmbito eminentemente clínico, a fim de analisarmos as relações entre a transferência e a repetição no dispositivo analítico.

A transferência entra em cena

Todos aqueles que têm contato com o estudo da psicanálise ou até mesmo os que são por ela tocados superficialmente, dada sua popularização no social, já estão de alguma forma familiarizados com a idéia de transferência. Essa familiaridade, no entanto, não pode ser estendida ao pai da psicanálise no início de seu exercício clínico. À medida em que ia recebendo pessoas para um tratamento, Freud notava que com frequência estabelecia-se uma relação pessoal entre o paciente e o médico. Percebia haver um importante papel desempenhado pela figura do médico, cuja influência é uma condição *sine qua non* para a solução do problema. Diante das dificuldades decorrentes da presença deste fator afetivo em seus atendimentos, passou a considerá-lo como uma manifestação da resistência. Além de motivações intelectuais e obstáculos inerentes ao material proveniente da fala dos pacientes, estas transferências de representações aflitivas surgiam como um novo motivo para a resistência.

“o desejo assim presente foi então, graças à compulsão a associar que era dominante na consciência da paciente, ligado a minha pessoa, na qual a paciente estava legitimamente interessada; e como resultado dessa *mésalliance* – que descrevo como uma “falsa ligação” – provocou-se o mesmo afeto que forçara a paciente, muito tempo antes, a repudiar esse desejo proibido.”
(Freud, 1895b/1996, p.314).

Como era, e, aliás, será sempre marca do estilo freudiano explicitar as dificuldades com as quais se deparava, logo enfatizou se tratar do pior obstáculo para o sucesso de uma análise. Como toda forma de resistência, tratava-se de uma força psíquica que atuava na direção oposta à rememoração, impondo maiores esforços para que as representações patogênicas se tornassem conscientes. Não podemos deixar de marcar pequenas porém relevantes diferenças entre este primeiro aparecimento da transferência e os subsequentes.

Em *A psicoterapia da histeria* (1895b), Freud fala em transferências, no plural. Além disso, considera ser um obstáculo externo e possível de ser dissipado, caso o analista tenha paciência de esperar, de sustentar a direção do tratamento até que pouco a pouco a resistência deixe de lhe impor limites.

Poucos anos depois, Freud aprende com sua paciente Dora⁵ ou, se preferirem, Dora ensina a Freud que a arte interpretativa passa pela transferência. Ao atribuir à resistência oriunda da transferência o insucesso da análise da jovem, Freud concebe que o trabalho interpretativo não se faz independente das forças libidinais, da dimensão amorosa em jogo. Birman (1991) ressalta que a inserção deste outro processo demonstra que “Freud começa a retirar o código interpretativo do analista de um lugar soberano no processo analítico” (Birman, 1991, p.227). No “pós-escrito” do relato do caso trata esse aspecto como um resíduo que escapou ao tratamento, tendo permanecido à margem do trabalho analítico. Cabe um aprofundamento neste caso, que – se ensinou a Freud – certamente terá muito o que contribuir para o nosso percurso.

O que o Caso Dora nos ensina

Na época em que esta moça de dezoito anos é levada por seu pai ao consultório de Freud o objetivo prático de um tratamento analítico era a eliminação dos sintomas, que seriam dissolvidos através da busca da significação psíquica que lhes correspondesse. Freud acreditava que substituindo os sintomas por pensamentos conscientes, reparando conseqüentemente os danos causados à memória da paciente, teria cumprido com êxito sua tarefa. A proximidade temporal entre a análise de Dora e a elaboração do extenso trabalho sobre os sonhos é digna de nota. Freud aproveitará bastante sua arte de interpretar sonhos na tentativa de descobrir o que estava oculto na vida anímica de sua paciente, utilizando-se do que teorizara para trazer à luz os segredos que ela guardava “sem saber”. Pôde assim “demonstrar a equivalência entre sonho e sintoma no registro concreto da clínica” (Birman, 2000, p.257).

Dora relata um primeiro sonho, do qual se destacam os elementos “casa em chamas”, “caixa de jóias”, “pai ao lado da cama” e “vestir-se rapidamente”. O fato de

⁵ Caso clínico oficialmente nomeado “Fragmento da análise de um caso de histeria”, 1905.

descrevê-lo como um sonho que se repetia periodicamente chama a atenção de Freud, que atribui a esta simples característica o “poder de despertar-lhe a curiosidade” (Freud, 1905/1996, p.67). Obviamente, enquanto rastreadores da aparição deste fenômeno na obra freudiana, também somos causados por esta repetição. Em um dado momento, Freud conclui que esse sonho repetido fora uma reação à experiência de angústia diante da inexistência de pára-raios e da possibilidade real de um incêndio na casa em que Dora ficaria. É uma passagem interessante para apontarmos uma das funções da repetição que ficará mais clara a partir de 1920: funcionar como tentativa de tratamento da angústia, do que causa pavor, do que não pôde ser bem elaborado.

A partir das associações da paciente, Freud desvenda o sentido do sonho, articulando elemento a elemento, trabalhando fragmento por fragmento. Em linhas gerais, diz tratar-se da realização do desejo de relacionar-se sexualmente com o Sr. K, amigo íntimo da família, homem casado, pai das crianças de quem Dora cuidava. Uma cadeia interessante que o leva a tal elaboração é a associação entre “caixa de jóias”, “bolsinha porta-moedas” e os genitais femininos.

Esta bolsinha nos interessa para além dessa análise do sonho. Ela ilustra de maneira preciosa a inclusão que Freud começará a fazer de elementos extra-verbais na concepção dos casos. Certa vez, Dora viera à sessão com um adereço desse tipo preso à cintura. Enquanto falava, brincava de abrir a bolsinha e enfiar ali seu dedo, fechando-a em seguida. Freud a observa cuidadosamente e conclui tratar-se de um *ato sintomático*, definindo-o como “... ações das quais a consciência nada sabe ou nada quer saber, (que) expressam pensamentos e impulsos inconscientes, sendo, portanto, valiosas e instrutivas enquanto manifestações permitidas do inconsciente” (Freud, 1905/1996, p.77-78).

Este ato será responsável por ajudá-lo a comprovar a significação que anteriormente dera à enurese, tida como desejo inconsciente de masturbação, que seria em última instância a razão do sofrimento de Dora. Dessa maneira, atribui ao ato sintomático um sentido em conformidade com a análise do relato verbal, servindo-se desse elemento a mais em prol da tese que construía e desejava sempre reforçar.

Neste exemplo, ressaltamos a atenção dada por Freud a um material não proveniente da fala, mas sim da forma como a paciente se comporta no dispositivo. De fato, há aqui algo de novo. Entretanto, conserva-se um ponto crucial: quando se torna claro

que o tratamento dado a esse ato segue a mesma linha utilizada no trabalho realizado com as associações verbais, ou seja, a atribuição de um sentido, percebemos que Freud ainda opera na direção de uma significação, alimentando o famoso bordão que até hoje escutamos, “Freud explica”.

Mas será que ele diria isso de si? Será que o próprio Freud acreditava que poderia tudo explicar e dessa forma aliviar seus pacientes do sofrimento que os acometia? Acreditamos que não e tentaremos embasar esta resposta com argumentos que serão construídos ao longo da pesquisa. Não precisamos, contudo, esperar longamente para começarmos a fazer vacilar essa centralidade de uma suposta cola entre psicanálise e explicação.

Como assinalamos há pouco, a interrupção abrupta que Dora faz em seu tratamento mostra que o trabalho interpretativo não se faz independente das forças libidinais. Há assim um alargamento do que está em jogo em uma análise, já que a transferência é uma exigência indispensável, incontornável. Diferentemente do que pensara em 1895, Freud é levado a admitir a impossibilidade de exclusão deste fator em um tratamento. Antes de nos aprofundarmos neste lugar especial que a transferência passará a ocupar é preciso esmiuçar melhor do que se trata, considerando ainda o caso Dora.

A partir da interpretação de um segundo sonho, que traz como fachada uma fantasia de vingança contra o pai, a conduta da paciente no tratamento é articulada com a que ela teve com o Sr. K, reforçando a associação já feita, entre este e o pai da moça. O analista entra como mais um elemento de uma série de repetições: “pai - Sr. K – Freud”. Freud interpretará então como uma transferência vingativa a forma como ela abandona o tratamento, por estar substituindo o Sr. K pela figura do analista. Além disso, se vê inclinado a admitir que quando o desejo de vingança de um paciente não se realiza em sua vida, a maneira mais eficaz que encontra para vingar-se é no dispositivo analítico. Em decorrência deste fato o analista é obrigado a se deparar com sua impotência e incapacidade em atingir os efeitos terapêuticos almejados. Resistindo a melhorar é como se o paciente dissesse “continuo sofrendo por que você, meu analista, é incompetente”.

No importante pós-escrito do caso, Freud se detém extensamente, como jamais fizera até aqui, na questão da transferência. Inicialmente a define como criação de um gênero especial de formações inconscientes de pensamento. E prossegue:

“O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico (...) algumas são portanto simples reimpressões, reedições inalteradas. Outras, são edições revistas, e não mais reimpressões” (Freud, 1905/1996, p.111).

Neste trecho primoroso destacamos a quantidade considerável de vezes em que o prefixo *re-* é empregado. Além de ser mais um sinal da proximidade entre a transferência e a repetição, este fato remete a uma reflexão trabalhada por muitos pensadores da filosofia e da psicanálise, a respeito de uma dupla faceta da repetição. O uso de *reedições*, *reproduções*, *simples reimpressões* e *reedições inalteradas* nos faz pensar em uma repetição da mesmidade, do idêntico, muito próxima à idéia de reprodução. Já a distinção entre *o reviver algo passado* e *ter um vínculo atual e edições revistas, não mais reimpressões* apontam haver algo de novo, algo que muda à medida que se repete.

Deleuze (2006) desenvolve em *Diferença e repetição* uma longa tese que toca muito de perto essa discussão. Na tentativa de enriquecer nossa pesquisa, realizaremos volta e meia um diálogo entre as abordagens psicanalíticas e as trazidas por este autor acerca da noção de repetição. Para começar, há neste livro definições afinadíssimas à leitura deste trecho de Freud. A repetição do Mesmo está marcada pela perseverança, pela permanência, sendo uma repetição estática, que remete a um mesmo conceito. A repetição que traz algo de novo, que contem em si a mudança, o movimento, é nomeada pelo filósofo francês de repetição diferencial. Trata-se de uma repetição dinâmica, que comporta a autenticidade e a transgressão.

Ainda é cedo para que se conclua qualquer coisa a respeito da visão de Freud em relação a isso. Até porque, não acreditamos que ele mantenha uma posição única frente ao repetir por toda sua obra. Já neste livro de Deleuze, fica clara a intenção do autor de aproximar a repetição da diferença pura, absoluta, sem conceito. Ele distingue dois tipos de

repetição, mas crê que na repetição do Mesmo está incluída a diferencial. Elas não são independentes, uma é envoltório da outra. Em suas belas palavras:

“A mais exata repetição tem como correlato o máximo de diferença” (Deleuze, 2006, p.18).

“Uma perseverança não faz uma repetição” (: p.21).

“Não há primeiro termo que seja repetido; a mesma coisa é disfarçante e disfarçada” (: p.42).

Retomemos a novidade que Freud anuncia a partir do caso Dora, a inexistência de meios para evitar que a transferência apareça e o conseqüente combate que se fará necessário frente a ela. É o que faz Evangelista (2004) afirmar que “a psicanálise vive do plano da transferência. Se ela é liquidada, o paciente vai embora e, sem paciente, não há analista” (Evangelista, 2004, p.226). A psicanálise deverá incluir em sua prática o trabalho com a transferência, deve levar em conta as resistências, o que a diferencia enormemente das outras terapêuticas.

É próprio da novidade trazer consigo um certo rompimento com o estabelecido, com o já familiar. E isso nunca é vivido sem dificuldades, sem estranhamento. Freud não hesita em dividir com seus leitores e discípulos a fragilidade, a falta de domínio em que se encontra, ao menos momentaneamente, diante de tal descoberta. A transferência constitui para ele o maior obstáculo à psicanálise, tendo sido a responsável por surpreendê-lo e deixá-lo *surdo*⁶ na análise de Dora.

O que fazer diante deste obstáculo? Há como usá-lo a favor do trabalho pretendido? Mesmo admitindo que esta parte do trabalho seja de longe a mais difícil, ao contrário das “artes de tradução (que) são fáceis de aprender” (Freud, 1905/1996, p.111), apostará na possibilidade de converter a transferência em uma poderosa aliada, caso se realizem duas tarefas: conseguir detectá-la em seu surgimento e ser capaz de traduzi-la para o paciente. Vemos que aqui o recurso à arte de tradução se estende de alguma forma ao manejo do campo transferencial. Conforme nos aponta Prata (1992), no caso Dora “a transferência é ainda um obstáculo, mas é também aquilo que transforma a escuta do analista e fornece um caminho privilegiado de acesso ao material inconsciente” (Prata, 1992, p.121). No próximo

⁶ Encontramos este termo na página 113 do volume VII. Nos parece curiosíssima a referência à surdez como forma de falar de sua dificuldade, já que a escuta é a ferramenta de trabalho por excelência de um psicanalista.

capítulo, com a análise dos artigos técnicos de 1914, mostraremos que sutis, porém fundamentais mudanças ocorrerão em relação a este manejo.

O que escapa ou os “pontos de impossível”

Antes porém de encerrar este capítulo, há uma consideração interessante a se fazer. Mergulhar profundamente nos textos de Freud traz ao leitor um conteúdo vastíssimo. O contato com sua obra proporciona, além disso, o prazer de ser envolvido por sua escrita singular, marcada pela arte de produzir na medida em que escreve. Birman (1988) enfatiza que a preocupação de Freud com os obstáculos ao processo analítico sempre alimentou sua indagação teórica, fazendo caminhar o saber psicanalítico. Além de instigante e revelador, esse estilo freudiano nos inspirou a correr um risco semelhante.

O objetivo desse capítulo inicial é apresentar e sustentar a idéia de um privilégio à representação, à interpretação e ao trabalho de decifração pela via do sentido dado por Freud nos primórdios da psicanálise. Pensamos tê-lo cumprido satisfatoriamente, o que nos levaria de imediato à parte seguinte da pesquisa. Contudo, nas trilhas que percorremos, encontramos alguns pontos que de alguma forma escapam ao domínio do representacional, à capacidade de significação, apontando, podemos supor, para o que estaria por vir nas teorizações freudianas. Entre correr o risco de diminuir o impacto dos argumentos até aqui expostos e enriquecer nossa pesquisa com esses aspectos, optamos pelo segundo caminho. Ele nos parece mais interessante e criativo, além de estar de acordo com a proposta geral desta pesquisa, de trabalhar justamente a passagem no pensamento freudiano do representacional ao pulsional. Num certo sentido, haverem pontos que desde os tempos mais remotos se opõem à simbolização diz muito sobre o que se passará após a virada de 1920.

O primeiro destes “pontos de impossível” encontra-se em *A psicoterapia da histeria* (1895b), onde o tratamento analítico consiste em detectar lacunas, superar as resistências e permitir a circulação das representações. Para que isso ocorra, parte-se das ligações entre as idéias, formando-se cadeias que operam como verdadeiros *fios lógicos* e que conduzem finalmente aos motivos inconscientes ocultos. Ao falar das dificuldades inerentes ao tratamento, pelas quais não se pode responsabilizar os pacientes, Freud cita a peculiaridade da estratificação concêntrica do material psíquico patogênico. Existiria um núcleo

patogênico em torno do qual girariam seqüências de lembranças semelhantes. Quanto maior a proximidade entre uma determinada lembrança e este núcleo, maior a resistência para que ela seja recuperada. Ademais, a penetração neste núcleo seria inteiramente irrealizável. Nesse ponto estaria situado o traumático, inabordável pelo trabalho das associações e do qual só se tem notícia através de seus efeitos.

Em seguida, em *Projeto para uma psicologia científica* (1895a), foram dois os pontos que nos instigaram: as compulsões histéricas e a *Coisa*. Discorrendo sobre a psicopatologia, Freud refere-se a pacientes sujeitos a uma compulsão exercida por idéias excessivamente intensas. Essa vizinhança entre a idéia e o excesso (a intensidade) nos pareceu digna de nota. Aponta para uma certa impossibilidade de descolá-los, de dissociá-los quando falamos da relação de um ser humano com o mundo da linguagem, das palavras. Para cada idéia há sempre uma intensidade afetiva correspondente. Mais adiante, quando Freud apresenta o conceito de pulsão, dotando-o de um representante-ideativo e de uma cota de afeto, deixa clara a necessidade de se pensar os destinos das intensidades e não apenas das representações.

A respeito da *Coisa*, [*das Ding*] o que inquieta é a característica de ser não-toda predicável. Trata-se de resíduos que fogem de serem julgados, impossíveis de predicar. Aparece no manuscrito quando Freud fala dos complexos perceptuais, que se dividem em uma parte variável, compreensível - os atributos ou movimentos da coisa - e em outra parte, constante e incompreendida, que seria a *Coisa*. Em um de seus comentários preciosos a esse respeito Lacan diz que *das Ding* é “o que do real primordial padece do significante” (Lacan, 1959-1960/1988, p.149). A importância desta parte inassimilável do objeto, deste núcleo de desconhecimento⁷ se dá por sua ligação com o desejo. Ela é responsável por instalar o objeto do desejo, aquele que traria a satisfação, como perdido. Encontrar esse objeto será “sempre reencontrá-lo... sem encontrá-lo” (Safouan apud Jorge, 2005, p.141). Há algo perdido desde sempre, cuja existência só pode ser mítica e que por esse motivo questiona a eficácia de um trabalho de investigação.

Chegamos então em *A interpretação dos sonhos* (1900), texto emblemático da crença no sentido. Ao longo da análise do sonho da *injeção de Irma*, o sonho modelo,

⁷ Santos (2002) fala de *das Ding* como “essa coisa que não se dá a conhecer” (Santos, 2002, p. 34).

Freud acrescenta, não no corpo do texto, mas em uma nota de rodapé, o seguinte comentário:

“Tive a sensação de que a interpretação dessa parte do sonho não foi suficientemente desenvolvida para possibilitar o entendimento de todo o seu sentido oculto. Se tivesse prosseguido em minha comparação entre as três mulheres, ela me teria levado muito longe. – Existe pelo menos um ponto em todo sonho ao qual ele é insondável – um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido” (Freud, 1900/1996, p.145).

Alguns capítulos adiante, agora no corpo do texto, diz:

“Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido” (: p.556).

Fica claro o consentimento do próprio Freud à existência de um limite ao trabalho interpretativo. Além do umbigo do sonho, há ainda a incerteza quanto à finitude de uma interpretação, por jamais se poder afirmar se há outros sentidos possíveis que não foram revelados. Tal fato remete à idéia lacaniana de um deslizamento infinito, não estancável, de um fluxo contínuo que faz furo na tentativa do sentido de tudo amarrar.

Eis finalmente o último ponto que queremos ressaltar, oriundo da leitura de *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910). Consideramos que aqui Freud demonstra perfeitamente sua forma de trabalhar pela via da significação, em busca dos mais adequados sentidos que possam embasar uma interpretação adequada da fantasia do artista em questão. A minúcia de detalhes impressiona, sendo um exemplo caricatural daquilo que Freud fez e gostou de fazer por bastante tempo. A curiosidade⁸ de que este

⁸ Sobre isso pesquisamos em JONES, E. (1989) “Vida e obra de Sigmund Freud”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

seria um dos trabalhos de que o autor mais se orgulhava fortalece ainda mais o peso que a interpretação enquanto técnica fundamental ocupou para a psicanálise.

Fiel à crença de que toda fantasia possui um significado, Freud parte de uma recordação de Leonardo de que certa vez, quando era bebê e estava em seu berço, teve seus lábios fustigados repetidas vezes pela cauda de um abutre e desenvolve uma análise mirabolante da personalidade do artista. Associa a cauda do abutre ao órgão genital masculino, chegando à hipótese da homossexualidade. Acredita que a cauda da ave seja ainda um substituto do seio materno e na junção das duas interpretações enuncia ter sido “através dessa relação erótica com a mãe que Leonardo tornou-se um homossexual” (Freud, 1910/1996, p.112).

Há toda uma polêmica que gira em torno dessa interpretação, pelo fato do pássaro que consta no relato de Da Vinci não ser um abutre, mas sim um milhafre. Inegavelmente, não é uma troca sem consequências. Como sustentar uma conclusão que se baseou numa cadeia de significações, se o elemento primeiro dessa série, o abutre, não é de fato um abutre? Em *O seminário 4, a relação de objeto*, Lacan (1956-1957) considera ter sido um erro de tradução, acrescentando informações sobre a natureza do milhafre: é um animal muito inclinado à inveja, que maltrata os filhotes. Prossegue com a seguinte colocação: “Vejam o que teria resultado se Freud tivesse topado com isso, e a interpretação diferente que a partir daí poderíamos dar da relação com a mãe” (Lacan, 1956-1957/1995, p.440).

Lacan parece querer acentuar o caráter de armadilha que uma interpretação tão apegada ao sentido possui. Sendo ou não um erro de tradução (já que sabemos que toda tradução tem algo de traição) é imprescindível contextualizar esse trabalho de Freud na fase inicial de seu pensamento, objeto de exposição deste capítulo. Só assim seremos capazes de notar a função que esse texto vem a ocupar. Desejando chegar à comprovação da produtividade semântica da fantasia, parece clara a motivação freudiana para realizar este trabalho.

Com esse exemplo derradeiro encerramos esse capítulo, já marcado pelos indícios de que uma transformação na técnica psicanalítica se fará necessária para que a psicanálise se sustente. Nesse sentido, Birman (1999) demarca que a solução representacional desenvolvida em *A interpretação dos sonhos* (1900) acabou levantando impossibilidades teóricas e clínicas.

“Como ocorre inevitavelmente com o recalcado, são especificamente essas impossibilidades que ressurgem com força renovada por meio da repetição e das intensidades que marcam, por sua vez, a transferência no discurso freudiano” (Birman, 1999, p.208).

É justamente para falar sobre a força da transferência e sobre o lugar que as intensidades começam a ocupar para Freud que construímos o capítulo que se segue. Nele, veremos o começo de um deslocamento da noção de repetição, que do lugar de pano de fundo tornar-se-á cada vez mais central.

CAPÍTULO II

Repetição-resistência-transferência e a economia pulsional

Em psicanálise, a construção de uma teoria se faz de modo peculiar. É a partir da experiência psicanalítica e das exigências de se compreender o que nela se passa que surge então o arsenal teórico. Sabendo disso e nos remetendo às considerações finais do capítulo anterior, iremos apresentar aqui o que Freud propõe em termos de teoria, fruto da elaboração que vai fazendo dos fenômenos clínicos com que se depara. Evidentemente, a ênfase será na transferência e na resistência, responsáveis pelos abalos em seu modo de pensar e fazer de outrora.

Na introdução desta pesquisa marcamos 1920, com *Além do princípio de prazer*, como um ano de virada no pensamento freudiano. Para que ela se dê são necessários alguns passos, algumas transformações prévias, já que tão importante reviravolta não se dá de forma abrupta, em apenas um texto. Nesse sentido, podemos caracterizar esse segundo capítulo como intermediário, como uma passagem entre o momento inicial e os momentos finais da obra de Freud. Tendo em vista a escolha pela idéia de repetição como guia de leitura, desejamos mostrar o destaque que irá ganhar desde já, preparando de certa forma o lugar privilegiado que virá a ocupar anos mais tarde.

Transferência e resistência

Birman (2000) aponta que “o modelo metapsicológico inaugural era *mais ou menos suficiente* para conduzir à cura das neuroses. Não funcionava muito bem, cambaleava e rateava aqui e ali, levando Freud a ter que refundá-lo quase inteiramente” (Birman, 2000, p.69-70). A fim de acompanhar as novidades que daí advém, os *Artigos sobre técnica* são primorosos, por oferecerem um relato minucioso do método psicanalítico, uma exposição geral de sua técnica.

A maior parte destes artigos examina o fenômeno da transferência, sempre muitíssimo associada à resistência. Em *A dinâmica da transferência* (1912), Freud afirma que a transferência serve de forma admirável como meio de resistência e que “o papel que a transferência desempenha no tratamento só pode ser explicado se entrarmos na consideração de suas relações com as resistências” (Freud, 1912/1996, p.116). Tais afirmações se alinham de alguma forma ao que dissera a partir do caso Dora, sendo que agora é reforçada a ênfase na resistência. O aparecimento da transferência é necessário, invariável, não sendo definitivamente da ordem da contingência. Como se dá esse aparecimento? Que observações práticas permitem inferir que é disso que se trata?

Quando a livre associação é interrompida, as associações faltam e ocorre uma ligação com o próprio médico que domina a cena, eis aí a transferência, como arma mais forte da resistência. O investimento libidinal dirigido à figura do médico excede o sensato ou racional, sendo um enigma o tamanho poder que possui de ir contra o sucesso do tratamento. “A transferência é ao mesmo tempo obstáculo à rememoração e presentificação do fechamento do inconsciente, que é a falta, sempre no momento preciso, do bom encontro” (Lacan, 1964-1965/1985, p. 138).

Observemos duas definições do que seria para Freud uma análise, neste momento de seu percurso:

“processo de procurar a libido que fugira do consciente do paciente, penetrando no reino do inconsciente; o tratamento quer que os impulsos conscientes sejam recordados”
(Freud, 1912/1996, p.119).

“... emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente” (Freud, 1914/1996, p.163).

O que se mantém das definições anteriores é a recordação, a arte de interpretação e o tornar consciente. Porém, há elementos novos importantíssimos: procurar a libido e identificar as resistências. Uma outra novidade importante, que nos concerne especialmente, é o interesse declarado de Freud pela relação entre a transferência, a resistência e a repetição, tema do artigo *Recordar, repetir e elaborar* (1914).

A repetição no dispositivo analítico

Esse é sem dúvida um dos artigos de toda a obra freudiana em que a repetição é mais minuciosamente trabalhada. Freud é levado a pensá-la teoricamente a partir de suas observações em relação ao comportamento dos pacientes com o médico. Percebe pouco a pouco que aquilo que os sujeitos manifestavam para além do que diziam não era totalmente desconexo, sem ligação alguma com eles mesmos, com suas histórias. Assim, deduz que o que se expressava pela via transferencial era uma repetição de atitudes do sujeito em sua vida, modos de agir com aqueles que lhe eram próximos.

David-Ménard (2001) considera que a transferência é a repetição “concentrada” das experiências de prazer que nos constituem e se mantêm à espera desde a infância. Trata-se de uma repetição estilizada e “caricaturesca”, por aferrar-se a detalhes como se equivalessem a paixões extremas. Tanto na análise quanto em nosso dia-a-dia, essa repetição espontânea se dá quando encontramos algo ou alguém que desperta essa espera que nos habita sem que saibamos (David-Ménard, 2001, p.18).

Diante deste panorama, Freud afirma que a repetição está na constituição da clínica da psicanálise e anuncia uma nova técnica, introduzindo o *acting out*:

“o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e recalçou, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente saber o que está repetindo” (Freud, 1914/1996, p.165).

Exemplos clínicos não lhe faltam. Há casos de pacientes desafiadores e críticos com todos à sua volta e também com o médico, casos de sujeitos impotentes e em impasse, que não conseguem ter sucesso em nada e assim também não o terão no tratamento, além daqueles envergonhados, que transportam essa característica para o percurso de análise.

Como não era de seu feitio recuar diante de enigmas, Freud encara o fenômeno da resistência e torna explícita tanto a necessidade de realizar alterações na técnica psicanalítica quanto as grandes consequências que elas trarão. Incluir a atuação lado a lado

com a recordação é sem dúvida um passo notável. A questão do *acting out*, uma encenação na esfera motora, traz à tona uma dimensão teatral do inconsciente, enfatizando haver algo que escapa à livre associação situada na esfera verbal, no campo simbólico (da palavra). Essa atuação, mesmo que excedendo à fala, porta segundo Freud, uma mensagem que demanda interpretação. Essa afirmação se alinha à suposição de que a resistência - no caso em forma de atuação- se origina justamente na repulsa em se tomar conhecimento daquilo que foi recalcado. Frente a esta atuação que muitas vezes vem no lugar da recordação – rememoração *versus acting out*- “não há mais daí em diante o privilégio ao processo de recordar na discussão dos fenômenos clínicos” (Santos, 2002).

Freud declara que seu interesse maior em *Recordar, repetir e elaborar* (e podemos inferir que também em seu fazer analítico) é a relação entre essa compulsão à repetição, a resistência e a transferência. É a primeira vez em que utiliza o termo compulsão à repetição, termo que se tornará central e recorrente em sua obra a partir de 1920. Apesar de o termo ser o mesmo, não se trata do mesmo fenômeno aqui e em *Além do princípio de prazer* (1920). Como estabelecer essa distinção? O que há de tão significativo que permite sustentar tal afirmação?

A compulsão à repetição em *Recordar, repetir e elaborar* é uma maneira do paciente recordar. Ela substitui o impulso a recordar e, segundo Freud, “o repetir tal como é induzido no tratamento analítico, segundo a técnica mais recente, implica por outro lado, evocar um fragmento da vida real” (Freud, 1914/1996, p.167). A repetição aproxima-se enormemente do retorno do recalcado por operar um movimento que faz emergir algo que estava inconsciente. Como assinala Maia (2004), a estratégia de Freud para lidar com a repetição nesse momento retorna sempre à insistência de que se verbalize o material psíquico atuado, que seria da ordem do recalcado. E nesse sentido é então tomada como propulsora do tratamento.

Percebe-se ser de outra ordem o caráter de obstáculo ao tratamento que a compulsão à repetição apresenta em 1920. Nesse momento que chamamos de intermediário em sua obra, Freud encontra uma forma de lidar com a repetição para que esta lhe sirva, contribuindo para o objetivo crucial de uma análise, o recordar. O manejo da transferência é o instrumento principal da passagem da repetição à recordação. É através deste manejo, de um certo *savoir-faire*, que o analista torna a repetição não apenas inócua, mas até mesmo

útil ao tratamento. Dito de outro modo, uma função terapêutica advém da transferência caso se saiba servir-se dela. Dessa forma, a transferência é pensada como um *playground* onde aquilo que estava oculto na mente vem se apresentar, trazendo assim certas pistas e uma abertura para o material inconsciente do paciente em questão. Encontrar uma utilidade para esta repetição em análise é torná-la interpretável.

Há claramente uma aproximação muito estreita entre a repetição e a transferência, a ponto de Freud afirmar que “a transferência é ela própria apenas um fragmento da repetição e a repetição é uma transferência do passado esquecido” (Freud, 1914/1996, p.169). Sobre isso, Lacan comenta que “no conceito de transferência vemos o conceito mesmo de repetição, visto que *o que não pode ser lembrado se repete na conduta*. Cabe à reconstrução do analista revelar o que esta conduta repete” (Lacan, 1964-1965/1985, p.124). Deleuze segue a mesma direção, quando constata que “... a transferência é ainda repetição, é antes de tudo repetição” (Deleuze, 2006, p.43).

Ainda referindo-se a algo do passado que se repete no presente, Freud acrescenta que “o paciente retira do arsenal do passado as armas com que se defende contra o progresso do tratamento – armas que lhe temos de arrancar uma por uma” (Freud, 1914/1996, p.167). Consideramos esta passagem precisa para ressaltarmos a diferença entre a repetição aqui e nos anos posteriores à virada no pensamento freudiano. Quando Freud fala em *arrancar* ou quando disse acima que *o repetir é induzido*, percebemos sua crença em controlar de alguma forma essa repetição. Não a vê portanto como incontornável, algo que aparece à revelia do analista. Essa impressão aparece novamente em “... antes que tivesse tempo de dizer-lhe algo que pudesse ter impedido esta repetição” (: p.169). Seria a repetição susceptível a um impedimento por parte do analista? Ademais, quais seriam as consequências para o paciente se o analista de fato lograsse em arrancar-lhe suas armas, justo aquelas com que se defende daquilo com que não pode lidar? Se pensarmos que o ser falante é incapaz de prescindir do apoio do sintoma, não haveria aí uma desestruturação radical, insustentável?

A repetição pela vida afora

Repetir, transferindo algo do passado para a situação atual, não ocorre apenas com o médico, mas também em outros aspectos da vida. Essa percepção de Freud a partir do que seus pacientes lhe mostravam alarga o campo de ação da repetição, permitindo construir a idéia de que a repetição é um fato, um dado estrutural e estruturante para o ser humano. Repete-se nas mais diversas atividades, tanto profissionais, quanto em relacionamentos afetivos. O tema do enamoramento, que, aliás, muito interessou a Freud, nos toca de perto, já que comporta uma carga de repetição que tem sua relevância.

Em 1910, discorrendo sobre as condições necessárias ao amor de um homem por uma mulher, Freud refere-se à natureza *compulsiva* dos relacionamentos apaixonados, que “repetem-se com as mesmas peculiaridades – cada qual uma réplica exata dos outros – sempre e sempre, nas vidas do homem desse tipo” (Freud, 1910b/1996, p.173). A escolha dos objetos amorosos é marcada por uma repetição já que até mesmo quando aparentemente troca-se de objeto, separando-se, por exemplo, de uma mulher e começando um relacionamento com outra, forma-se *uma extensa série dos mesmos*⁹. Novamente a articulação com o pensamento deleuziano é pertinente. Sem dúvida, nesse texto, Freud concebe o amor como uma repetição do Mesmo, caracterizada pela simetria, pela igualdade e pela exatidão. As relações amorosas servem de exemplo para a importante idéia freudiana de que os sujeitos são submetidos a uma determinação inconsciente que marca suas escolhas sem saberem as razões.

“... o amor consiste em novas edições de antigas características, ele repete reações infantis. (...) Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis. É precisamente desta determinação infantil que ele recebe seu caráter compulsivo, beirando, como o faz, o patológico” (Freud, 1915a/1996, p.185).

Freud fala ainda na existência de *clichês estereotípicos* que se repetem, se reimprimem de forma constante ao longo da vida de cada um. Comportamos-nos na vida erótica de acordo com um método próprio, que inclui certas condições para que a paixão nos acometa e formamos assim *protótipos* e *séries psíquicas* que se repetem.

⁹ Mais adiante um novo e fundamental elemento entrará em nossa argumentação, enriquecendo essa especificidade da escolha de objetos pelos sujeitos: a dimensão pulsional e a inexistência de objetos pré-estabelecidos para a satisfação.

Sobre o amor transferencial

Um dos aspectos que mais chama a atenção de Freud (1912) é que também o médico pode entrar em uma destas séries. Destaca-se assim o analista como objeto de amor, suporte de repetições. O investimento libidinal dirigido à figura do médico se dá quando há uma insatisfação na vida amorosa e a situação transferencial vem ocupar para o paciente o lugar de uma opção para que atinja a finalidade esperada. Além desta transferência de ternura e amor, chamada de positiva, há a transferência negativa, responsável por sentimentos hostis e agressivos.

Manzetti (2005), discorrendo sobre as explorações de Lacan ao tema da transferência em *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder* (1958), reproduz um ponto interessante levantado por ele na discussão sobre o analista enquanto suporte de repetições: “se a transferência em análise fosse somente uma repetição do que acontece nas relações amorosas, não se poderia conceber nenhuma via de saída, nenhum momento de concluir e nenhuma produção de um desejo inédito” (Manzetti, 2005, p.176). O que Lacan parece querer ressaltar é a produção, a partir da relação transferencial, de uma novidade que extrapola um certo repertório de repetições habituais.

Em *Observações sobre o amor transferencial* (1915a) Freud afirma que o manejo da transferência é a única dificuldade realmente séria com a qual o analista tem que lidar. Da mesma forma que o *acting out* fora encarado como resistência que, se bem manejada, poderia servir para o tratamento avançar, também o amor de transferência (que não deixa de ser uma forma de atuação) pode ser assim concebido. O que fazer, pois, diante de uma transferência amorosa? Recriminar a paciente, suprimindo seu anseio, seria desastroso. Acatar ao que ela deseja, retribuindo-lhe amorosamente seria igualmente catastrófico. Há um comentário interessante de David-Ménard que nos faz pensar sobre que posição tomar em situações como esta. A autora ressalta que uma psicanálise se faz para que possamos ver o desequilíbrio que há dentro de nós mesmos. O fato de que o analista não faça parte da

experiência de seu paciente contribui justamente para que este desequilíbrio se mostre enquanto tal (David-Ménard, 2001, p.19).

Nas lindíssimas palavras de Freud,

“Instigar a paciente a suprimir, renunciar ou sublimar suas pulsões, no momento em que ela admitiu sua transferência erótica, seria, não uma maneira analítica de lidar com eles, mas uma maneira insensata. Seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta” (Freud, 1915a/1996, p.181).

Conseguir sustentar esse lugar passa a ser mais uma das exigências que a clínica impõe àquele que deseja ocupar tal função. Essa nova tarefa para o analista fala de uma novidade introduzida em *Recordar, repetir e elaborar*, a neurose de transferência. Segundo Freud (1914), trata-se de uma doença artificial, acessível à intervenção do analista, que leva em conta justamente o que se repete no dispositivo para chegar a algumas conclusões. “A partir das reações repetitivas somos levados a caminhos familiares e assim, substituindo-se uma neurose comum por uma neurose de transferência, o paciente pode ser curado pelo trabalho terapêutico” (Freud, 1914/1996, p.170). Laplanche e Pontalis (1998) acrescentam ser uma nova versão da neurose clínica, cuja elucidação leva à descoberta da neurose infantil. Isso é possível pela crença freudiana no recentramento dos traços patológicos do paciente em sua relação com o analista. Eis aqui, portanto, mais um elemento a favor da dinâmica do tratamento.

Repetição e resistência

Já abordamos o aspecto positivo ao tratamento atribuído à repetição no artigo de 1914. Há, contudo, para além deste aspecto que funciona como solução parcial aos impasses clínicos, um outro, que aponta para as dificuldades mais incontornáveis. Vejamos estes dois trechos:

“Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar” (Freud, 1914, p.166).

“... o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência” (: p.167).

Aqui o que é ressaltado por Freud é a proximidade entre a repetição no dispositivo analítico e a resistência ao sucesso do tratamento. Enquanto resistência, o repetir tem um aspecto negativo por ser visto como obstáculo, barreira, empecilho ao andamento desejado. Além disso, essa atuação tem efeitos inibidores por provocar a interrupção da livre associação de idéias e o acesso ao inconsciente que acreditava-se dela decorrer. A repetição é aí situada como um “estorvo ao bom encaminhamento” da análise, pelo fato do “paciente, ao contrário do esperado, ficar estatelado, sem ter nada a dizer” (Araújo, 1999, p.29). Poderíamos montar a seguinte equação para esquematizarmos as relações entre repetição, recordação e resistência: quanto mais o paciente atua, mais ele está resistindo e menos ele recordará.

Deleuze (2006) ressalta que essa via de interpretação negativa da repetição psíquica deu margem a leituras segundo as quais repetimos porque nos enganamos, porque não elaboramos a recordação, porque não temos consciência. Fala de um certo freudismo que estabeleceu um princípio de relação inversa entre repetição e rememoração ou reconhecimento. De fato esta possibilidade é deixada por Freud, sem nos parecer, contudo, que ele se alinhe exclusivamente à faceta de resistência que a repetição comporta. Maia (2004) reforça essa postura ao apontar que, mesmo que a relação de Freud com a repetição e com a transferência tenha sido marcada pela perplexidade e pela estranheza, ele reconhece ser necessário encarar os *demônios vindos das trevas*.

Os exemplos que Freud utiliza para ilustrar essa repetição na contra-mão do tratamento são de pacientes que repetem ou atuam inibições, atitudes inúteis, traços patológicos de caráter e sintomas. De alguma forma, já podemos observar aí uma repetição do doloroso, de caráter demoníaco, como aquela que serve de índice ao conceito de pulsão

de morte. Santos (2002) faz notar que Freud irá cada vez mais se perguntar por isso: o que leva o sujeito a insistir em certos traços ou comportamentos que lhe são desfavoráveis? Como isso se relaciona com a economia psíquica?

O desenvolvimento destas questões só se dará de fato em 1920, já que em 1914 Freud pensa ter encontrado ferramentas (uma forma técnica) para lidar com isso, adiando as razões mais fortes que o levarão a postular a pulsão de morte. Diante de um possível impasse, ele aqui apresenta uma solução que lhe parecia remediar o embaraço diante do qual se via com cada vez mais frequência. Se antes a interpretação das lembranças era a ferramenta para se tornar consciente o inconsciente, agora a repetição servirá como um motivo para recordar. Repetir é uma forma de lembrar, uma lembrança em ato. Eis aí “a faceta da repetição enquanto produtora de cura, fonte de transformações” (Garcia-Roza, 2003, p.23-24).

Eleger o manejo da transferência (com todas as suas sutilezas e dificuldades explicitadas) como uma maneira de lidar com essa nova manifestação, demonstra que Freud quer aprender a fazer uso do que poderia ser uma perigosa ameaça. O deslocamento de um possível obstáculo a uma ferramenta a mais marca a estratégia freudiana de colocar o que poderia boicotar o projeto da psicanálise a seu favor. Manejar a transferência é a capacidade que o analista tem de fazer uso dessa posição que lhe é atribuída pelo analisando, visando reconduzi-lo do agir ao recordar. A tarefa é árdua, uma prova de paciência.

“... controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente” (Freud, 1912/1996, p.119).

Santos (2002) reitera que diante da resistência, o compromisso com a tarefa de lembrança e reconstrução histórica não pode mais ser cumprido. A resistência é então apresentada como um impedimento ao esperado preenchimento de lacunas da memória em uma análise. Evidencia-se que quando a repetição se impõe como experiência, exige-se uma condução diferenciada na clínica. Nesta articulação entre repetição compulsiva e resistência, a repetição já figura do “lado de lá” do campo do sentido, da possibilidade de

uma produção narrativa satisfatória sobre a história do sujeito. Em referência ao capítulo anterior desta pesquisa, vemos que os estatutos da representação e da memória representacional são claramente colocados em questão.

“Ao contrapor rememoração e repetição no artigo de 1914, colocando a demanda de transformar a segunda na primeira, se transforma, para Freud, o lugar do analista no processo psicanalítico. Assim, não caberia apenas ao analista atribuir sentido ao que ocorre no setting, mas constituir também as condições necessárias para que a repetição se inscreva num quadro de representações, para que a rememoração e a interpretação se tornem possíveis. Com isso, se coloca em pauta uma outra forma de interpretação e de manejo da resistência, pois esta perpassa a totalidade do espaço analítico” (Birman, 1988, p.33).

Uma primeira conclusão a que se chega é que a instalação da transferência e a inclusão das resistências marcam a passagem de uma psicoterapia para uma psicanálise. O dever de levar em conta a resistência torna o trabalho do analista uma *luta perpétua*, um *combate*, diante do qual Freud certamente não recuará. Sua coragem impressiona, principalmente quando inclui em seus escritos problemas que restam sem solução paralelamente à construção da possível solução que apresentamos ainda há pouco.

“... tem me sido pedidos conselhos sobre casos em que o médico se queixou de ter apontado a resistência ao paciente, e, não obstante, mudança alguma ter-se efetuado” (Freud, 1914/1996, p.170).

Perlaboração

Na tentativa de dar alguma sugestão a esses médicos, enriquecendo assim as ferramentas clínicas da psicanálise, Freud lança mão de um novo recurso, a perlaboração¹⁰. Enfatiza ser necessário um tempo para que o paciente conheça melhor a resistência com a qual acabou de se familiarizar. Só assim poderá *perlaborá-la*, podendo finalmente superá-la, re-abrindo caminho para o trabalho analítico segundo sua regra fundamental de associar livremente. Esta perlaboração das resistências é tarefa árdua para o sujeito da análise. E para o médico, resta a boa e velha paciência, a sabedoria de “... esperar e deixar as coisas seguirem seu curso...” (: idem).

A etimologia do termo remete à idéia de labor (trabalho). Roudinesco e Plon (1998) acrescentam aspectos curiosos da tradução, apontando para um *trabalhar com cuidado e trabalhar através* (do inglês *working-through*). Trata-se, portanto, de uma espécie de trabalho psíquico insistente sobre as resistências, que resultaria na integração de certas interpretações antes rechaçadas, que não produziram efeitos. Quando a perlaboração acontece, provoca uma interrupção (ao menos momentânea) de mecanismos repetitivos que serviam à resistência. É mais comum que se dê particularmente naqueles momentos em que o tratamento encontra-se estagnado, devido a uma determinada resistência que insiste em não se dissipar. Birman (1991) considera essa nova técnica um instrumento fundamental do processo psicanalítico, a imagem de um trabalho constante sobre as resistências, que torna possível dizer algo de diversas maneiras, em busca de significação de uma experiência vivida. Apesar da ênfase no trabalho que o paciente precisa fazer, também o analista desempenha aí o seu papel, já que sem a sua presença e a necessária paciência nada disso seria possível.

O título *Recordar, repetir, elaborar* suscita uma certa ordem do que se esperava acontecer em uma análise e apresenta os três fatores tidos como propulsores ao tratamento. Ao analisarmos mais adiante as consequências decorrentes da noção de pulsão de morte, perceberemos que a importância da perlaboração será acentuada, pela aposta em sua capacidade de fazer frente à insistência da compulsão à repetição.

Um mergulho no universo das pulsões

¹⁰ Pela inexistência de uma tradução exata do termo alemão *Durcharbeiten* Laplanche e Pontalis (1998) propõem este neologismo em seu Vocabulário. Optamos por adotá-lo pela maior proximidade com a noção freudiana do que o termo *elaborar*, sugerido pela edição brasileira de suas Obras Completas.

Iniciamos este capítulo assinalando ser ele o responsável pela elucidação da passagem entre os primórdios da psicanálise e seus momentos ulteriores. A análise dos *Artigos sobre técnica* nos ocupou até aqui. Há, contudo, outro aspecto crucial neste momento de passagem, sem o qual o entendimento do que se passa em 1920, com o advento da pulsão de morte, torna-se completamente inviável. Somente acompanhando o nascimento do conceito de pulsão e seus desdobramentos se torna possível manter-se junto à Freud em suas postulações finais.

Estamos em 1915, ano no qual Freud escreve seus *Artigos sobre metapsicologia*. Nossa referência central, tendo em vista o objetivo a se alcançar, será *As pulsões e seus destinos*. É o primeiro trabalho de Freud especialmente dedicado às pulsões, seu relato mais claro sobre o tema, sem ser todavia o texto de sua aparição inaugural. Em *Projeto para uma psicologia científica* (1895), os estímulos endógenos são apontados por diversos comentadores como precursores das pulsões, por se produzirem de forma contínua, remetendo naturalmente à idéia de uma acumulação inevitável. Passam-se muitos anos e Freud abandona de certa forma essa abordagem quantitativa, suas elucubrações sobre uma economia da força nervosa. Apenas em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) discorrendo sobre a pulsão sexual, a descreve como sendo “o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação, que flui continuamente (...) um dos conceitos da delimitação entre o mental e o físico” (Freud, 1905/1996, p.159). É instigante esse aparecimento tardio do tema no conjunto da obra. Tendo em vista os argumentos com os quais nos familiarizamos ao longo desta pesquisa, eis uma hipótese: investir fundo no campo das representações foi o caminho que Freud tomou justamente por ter recuado inicialmente ao confrontar-se com a energética.

Retomemos nosso breve histórico. Ao estabelecer em *Perturbação psicogênica da visão* (1910) o primeiro dualismo pulsional, o destaque às pulsões começa a aparecer, já que Freud as localiza na base do conflito psíquico, proposição que lhe é tão cara. A conflitualidade, marca distintiva de seu pensamento sobre o funcionamento psíquico, passa a ser ilustrada, para além das instâncias psíquicas – Cs/Pcs/Ics- pela oposição entre as pulsões de auto-conservação e as pulsões sexuais. Infere-se a partir disso que se deixar levar pelos impulsos da sexualidade é colocar a própria existência em perigo. Esse modelo

dualista não perdura por muito tempo, pois é perturbado pela noção de narcisismo estabelecida formalmente em 1914. Ao perceber que também o ego poderia ser investido libidinalmente, a idéia de uma libido do ego se impõe a Freud. Com isso, quebra-se a oposição entre a libido (energia da pulsão sexual) e a pulsão de auto-conservação, tornando falha a explicação anterior para o conflito pulsional. Esse fato atormenta Freud, pois não se trata de uma modificação banal, sem consequências. Ela mexe justamente em uma das premissas de seu pensamento, que é a dualidade, a existência de forças que se opõem. No próximo capítulo veremos a íntima relação entre a noção de pulsão de morte e o desejo freudiano de re-erguer este pilar dualista.

No assim chamado caso Schreber (1911) a pulsão é definida como “conceito sobre a fronteira entre o somático e o mental, e vemos nele o representante psíquico das forças orgânicas” (Freud, 1911/1996, p.81). A definição proposta em *As pulsões e seus destinos* (1915) é semelhante, porém, mais completa:

“Uma pulsão como um conceito situado na fronteira¹¹ entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915b/1996, p.127)

Freud acrescenta ao longo do artigo outros pontos importantes. A pulsão é um estímulo aplicado à mente, que surge de dentro do próprio organismo, impondo diferentes ações para removê-lo. Sua atuação enquanto força não imprime jamais um impacto momentâneo, seus efeitos são sentidos de forma constante. Por não surgir do mundo exterior mas sim do interior, não há possibilidade alguma de fuga. Trata-se portanto de uma exigência de trabalho que visa uma satisfação a ser alcançada através de uma alteração da fonte interna de estimulação. Em outras palavras, “o organismo é inerme contra os estímulos pulsionais” (: p.139).

¹¹ Na tradução para o português utilizada não consta o termo conceito-limite. Mesmo assim, optamos por comentar adiante esta forma empregada por Freud ao referir-se à pulsão, por ter uma importância que ultrapassa uma simples diferença de tradução (que aliás não é tão simples assim!).

Da mesma forma que a pulsão causa impacto e exige que o psiquismo trabalhe, deparar-se com esse conceito exigiu muito trabalho de Freud. Não foram poucas as referências ao longo de toda a sua obra ao caráter ambíguo e obscuro das pulsões. O próprio artigo no qual nos detemos se inicia com a apresentação da pulsão como conceito básico, indispensável, fundamental [*Grundbegriff*], sendo porém algo obscuro (até o momento), visto que o que já se conhecia sobre o assunto ainda era insatisfatório. Mas o que faz da pulsão algo tão enigmático e sombrio? Quais as dificuldades de acomodá-la em um corpo teórico tão consistente como a metapsicologia?

A apresentação da pulsão como *conceito-limite* faz pensar que Freud sabia que estava lidando com algo que ao mesmo tempo em que apontava para além do campo conceitual o fazia consistir. As pulsões se impuseram ao seu trabalho na clínica e para dar conta disso precisava lançar mão de um conceito, a fim de, como de praxe, tecer considerações teóricas a partir de suas observações. Propõe então esse conceito como ficção, dando pistas de que as pulsões não podem ser inteiramente traduzidas para o campo da palavra. Quando, em 1920, Freud as denomina de “sua mitologia”, dá novos indícios, ainda mais evidentes, de que é preciso recorrer ao mítico, àquilo que vem falar de algo que não tem explicação, para transportar as pulsões para o campo do dizível.

Garcia-Roza (2003) marca que antes mesmo da postulação da pulsão de morte, vemos Freud situar a pulsão em um além da linguagem. Como conceito-limite, a pulsão nos ameaça com o silêncio teórico, levando o autor à hipótese de que as pulsões seriam o lugar do misterioso, do inefável e em última instância do acaso em psicanálise. A pulsão escapa à trama da representação, marcando o limite do discurso conceitual. Enquanto *ficção* revela não ser uma descoberta, mas sim uma *invenção*, uma produção teórica de Freud.

Birman (2000), por sua vez, vê na definição da pulsão como um conceito-limite uma demonstração de que Freud funda a psicanálise como um domínio de saber não redutível à biologia e à psicologia, sendo esta a originalidade epistêmica do campo psicanalítico.

Princípios econômicos

Neste esforço de esboçar uma resposta à questão da obscuridade das pulsões que nos parece crucial, é preciso entrar em contato com os princípios econômicos abordados por Freud ao longo de toda a obra. A relação entre a pulsão e a dimensão econômica da metapsicologia freudiana toca em pontos delicados que de alguma forma aludem a este aspecto obscuro. Sobre isso, Evangelista (2006) destaca que o ponto de vista econômico é em Freud tão fundamental quanto difícil de ser definido. Em uma carta a Fliess de 1897, Freud teria escrito sobre a ambição que o devorava, a de descobrir a relação entre o funcionamento mental e a noção de quantidade. Muito preocupado em construir uma concepção quantitativa do funcionamento mental, ele se vê às voltas com as quantidades de energia implicadas nos processos psíquicos e as formas utilizadas para administrá-las.

Mais uma vez o *Projeto* contribui bastante para o entendimento das bases teóricas da psicanálise. Nesse texto, Freud inicialmente defende a idéia de que “a estrutura do sistema nervoso serviria à finalidade de afastar a Qn ¹² dos neurônios e sua função seria de descarregá-la” (Freud, 1895a/1996, p.358). Fala então em um princípio de inércia neuronal, explicando-o pela propensão dos neurônios a se livrarem de Q . A descarga figura como função primária do sistema nervoso, dotado de uma tendência original a afastar a quantidade. Nesse momento, o pressuposto de Freud é o fato de que o aparelho vai se equilibrar, já que tende a escoar energia. Q , como quantum de energia, relaciona-se com trabalho e por isso pede dissipação, busca se extinguir, se abolir, se anular, como toda energia que exige movimento e transformação. Sendo assim, o aparelho trabalharia para re-equilibrar-se.

Logo em seguida, contudo, Freud tentará tornar esse modo de funcionamento de alguma forma compatível com a vida. Seu postulado só poderá ser aplicável aos seres vivos caso sofra alguma alteração, posto que o re-equilíbrio do aparelho coincidiria com a morte do organismo. A saída que encontra é substituir o princípio de inércia por um princípio de constância. Devido às urgências da vida (como a fome, por exemplo) é preciso abandonar a tendência original à descarga, sendo preciso tolerar a manutenção de um acúmulo suficiente para a realização de uma ação específica. Este novo princípio seria responsável por manter resguardado um mínimo de energia, no nível mais baixo possível, não permitindo o

¹² Símbolo utilizado por Freud em certas passagens do manuscrito do *Projeto*, para designar a “quantidade de energia psíquica”. O motivo pelo qual ora utilizava Q ora Qn permanece ambíguo, segundo J. Strachey.

escoamento total. Dito de outro modo, “sob a pressão das exigências da vida o sistema nervoso se viu forçado a guardar uma reserva de *Qn*” (: p.353).

A passagem da inércia à constância, realizada no próprio manuscrito de 1895, fala da tentativa de Freud em fazer coincidir a inércia e a conservação da vida, o laço com a realidade. Além disso, ao efetuar a mudança do princípio de inércia pelo princípio de constância, Freud insere o psiquismo no registro da representação, pois a série prazer-desprazer inscreve a pulsão em um circuito ordenado tanto pelo seu representante quanto pelo campo dos objetos. A opção teórica de abandonar o princípio de inércia pelo princípio de constância marcou toda uma arquitetura conceitual que teve, num determinado momento do percurso freudiano, o conceito de representação como peça-chave da discursividade psicanalítica (Birman apud Fortes, 2000, p.61).

Sua argumentação daí em diante, não só no *Projeto*, mas em inúmeros textos incluindo o artigo sobre as pulsões de 1915, está centrada nas sensações de prazer e desprazer. A tendência da vida psíquica é evitar o desprazer, que é entendido como um aumento das quantidades de excitação. O prazer, por sua vez, corresponderia à descarga e, sendo assim, quanto mais intenso um investimento, maior o desprazer. A instância prazer-desprazer é reguladora do psiquismo, responsável por sua conservação. Nesse contexto, o princípio de prazer tem como meta de funcionamento evitar o desprazer e proporcionar o prazer¹³. Tem como exigência que a satisfação se efetue de forma imediata, assemelhando-se ao princípio de inércia que acabamos de apresentar. Por essa razão, Freud estabelece mais um princípio que rege o funcionamento mental, afinado ao princípio de constância: o princípio de realidade. Ele modifica o princípio de prazer, resguardando-o de frustrações que podem ser evitadas. Isso ocorre por tornar possível o adiamento da obtenção de satisfação, levando em conta as conjecturas do mundo exterior. Um não se opõe ao outro, “o princípio de realidade é uma modificação interna do princípio de prazer” (David-Ménard, 2001, p.20). Não há propriamente uma imposição de renúncias; o que ocorre é uma tolerância a efetuar desvios no caminho para o prazer. Outra forma de explicar essa passagem é pensar no exemplo de um bebê faminto, que só terá sua necessidade de alimentar-se atendida através do leite materno. O fato do objeto de satisfação encontrar-se

¹³ Schneider (1977) indaga sobre o que teria levado Freud a falar em “princípio de prazer” ao que poderia ser nomeado como “princípio da morte imediata ou retardada” (Schneider, 1977, p. 06).

no exterior torna indispensável que, para que a criança não morra de fome, o funcionamento pelo processo primário seja dominado e que entre em vigor o processo secundário. “Sendo o ser humano condenado a uma existência social, a busca do prazer é limitada por normas que transcendem o indivíduo e lhe impõem as restrições derivadas da cultura” (Mezan, 2003, p.159).

Retomemos, diante deste quadro, as características da pulsão apresentadas no artigo de 1915, principalmente o elemento novo que ali se acrescenta: a qualidade de ser uma excitação contínua, atribuída às pulsões. Freud aponta que a finalidade das pulsões deve estar de acordo com a função do sistema nervoso de livrar-se dos estímulos ou de reduzi-los ao nível mais baixo possível. Ao mesmo tempo, enquanto força constante elas obrigam o sistema nervoso a renunciar a essa intenção ideal de afastar estímulos. Assim, as pulsões escancaram a inviabilidade de se manter um estado inteiramente não-estimulado, já que mantêm um fluxo incessante e inevitável de estimulação.

Nota-se que em *As pulsões e seus destinos* a regulação pelo princípio de prazer, segundo a qual os sentimentos desagradáveis relacionam-se a um aumento e os agradáveis a uma diminuição do estímulo, já se encontra equilibrada. Freud chega inclusive a fazer uma ressalva:

“Preservaremos cuidadosamente, contudo, essa suposição em sua atual forma, altamente indefinida, até conseguirmos, se possível, descobrir que espécie de relação existe entre o prazer e o desprazer por um lado, e flutuações nas quantidades de estímulo que afetam a vida mental, por outro” (Freud, 1915b/1996, p.126).

O caráter de texto intermediário, que opera transições para a virada de 1920 vai se explicitando lentamente. Vemos o prazer mudando de estatuto, dado o enfraquecimento da equivalência entre este e a descarga. Quando a primeira teoria das pulsões – que opunha pulsões sexuais e pulsões do eu (ou de auto-conservação)- vigorava firme e forte, o princípio de prazer remetia à idéia de uma pulsão sexual impetuosa, perigosa e voraz. Assim, o prazer inicialmente não era regulado, era pelo contrário, um prazer imediatista, ávido e infantil. Com a noção de libidinização do eu, correlata ao conceito de narcisismo, a auto-conservação se retira da pulsão do eu e quem passa a ocupar a função de conservar o

eu é o princípio de prazer. Essa estranha passagem mostra seus efeitos em 1915, quando o prazer aparece inserido na regulação do circuito ordenado da série prazer-desprazer (Fortes, 2000).

O grau de subversão que as pulsões comportam vai ficando cada vez mais em evidência. Elas não colaboram, são “do contra”, “espírito de porco”. Que ser estranho e paradoxal esse humano, que inclui no próprio funcionamento dois mecanismos que para chegarem onde querem se antagonizam necessariamente. O desencontro é inevitável e já começa dentro de cada um. A exigência de negociações se faz desde esse ponto mais basal de nossa existência. Cabe acrescentar que essa percepção de que há algo em nós que se satisfaz bizarramente, de forma imperiosa, já é sinalizada desde o princípio da construção da psicanálise, inaugurando propriamente o campo analítico. Afastando-se de sua origem enquanto neurólogo, Freud extrapola o saber médico ao questionar os limites do bom funcionamento da máquina que é o corpo humano. A partir da histeria, por exemplo, observa uma alteração na direção supostamente esperada desta máquina: as pacientes invalidam a idéia de que um corpo é feito para durar, ao escancararem com seus sintomas o apego à condição patológica. Este comentário de Lacan em *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, sobre a ousadia de Freud nos parece preciso e enriquecedor.

“Nunca ninguém, nunca nenhum sistema de reconstituição da ação humana fora tão longe na acentuação desse caráter fundamentalmente conflituoso. Nenhum sistema levava mais longe a explicação a ser dada do organismo no sentido de uma inadequação radical, na medida em que o desdobramento dos sistemas é efetuado para ir contra a profunda inadequação de um dos dois” (Lacan, 1959-1960/ 1988, p.40-41).

Caracterizando as pulsões

Outra maneira de remeter a essa dimensão subversiva do pulsional é estabelecer as diferenças entre a pulsão [*Trieb*] e o instinto [*Instinkt*]. Os instintos caracterizam-se por serem estímulos que surgem do mundo exterior, imprimindo impacto momentâneo ao organismo vivo. Qualificam um comportamento animal pré-determinado, fixado por

hereditariedade e característico de uma certa espécie. Ademais, há possibilidade de fuga por se tratarem de estímulos que vêm de fora e são adaptados ao objeto que sacia a necessidade imposta. Em contrapartida, as pulsões, que segundo Freud caracterizam o ser humano diferenciando-o dos demais animais, são estímulos provenientes de dentro do próprio organismo, que atuam como uma força constante. Devido ao fluxo incessante que então se estabelece e à origem interna de estimulação não há meios de esquivar-se dela. Além disso, a pulsão não descreve um comportamento, não tem necessidade nem objeto específicos. A resposta de cada um a seu acossamento é singular e contingente. Como provoca Lacan, nessa divertida passagem, “o *Trieb* os futuca mais, meus amiguinhos, é toda diferença para com o instinto, o assim dito” (Lacan, 1963-1964/1985, p.51).

O estudo minucioso sobre a teoria pulsional no texto alemão, realizado por Hanns (1997) tem muito a contribuir. O autor apresenta uma definição do instinto como força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades. A pulsão, por sua vez, tem como qualidade essencial ser aquilo que “espicaça o sujeito”. Os significados de *Trieb* correlacionam-se a: algo que “propulsiona”, “coloca em movimento”, “agulha”, “toca para frente”, “não deixa parar” e “empurra”. A pulsão, enquanto estímulo, é inicialmente agradável, um incentivo. Porém, quando não é possível realizá-lo, se acumula, transformando-se em um “imperativo” que impele maciçamente. Além disso, Hanns adiciona mais um sentido ao termo, que evoca a idéia de força, de atemporalidade e de arcaísmo. É algo genérico e impessoal, maior que o sujeito isolado (Hanns, 1997, p.78-81).

Segundo Garcia-Roza, a pulsão é anárquica e “fundamentalmente uma perversão do instinto (...) que se dá por uma desnaturalização deste último, na medida em que ela se desvia de seu objetivo natural que é a auto-conservação” (Garcia-Roza, 2003, p.16). Por tudo isso e ainda por não haver pré-determinação, devemos admitir a ausência de um acordo prévio dessa máquina que é o humano com o mundo. Essas características da pulsão nos inspiraram a fazer uma leitura do trecho que se segue tendo em mente essa contraposição com o instinto.

“Toda vez que tentamos repetir segundo a natureza, como seres da natureza (repetição de um prazer, de um passado, de uma paixão), lançamo-nos numa tentativa demoníaca, desde já maldita, que só tem como saída o desespero ou o tédio” (Deleuze, 2006, p.23).

A fim de entendermos melhor a particularidade e os efeitos da exigência pulsional ao sujeito podemos nos servir dos quatro termos explicitados por Freud em *As pulsões e seus destinos*: força, finalidade, objeto e fonte. A força ou pressão [*Drang*] de uma pulsão diz respeito ao seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A finalidade [*Ziel*] de uma pulsão sempre é a satisfação, que só pode ser alcançada quando o estado de estimulação é eliminado na fonte da pulsão. O objeto [*Objekt*] de uma pulsão é a coisa em relação a qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade e sua fonte [*Quelle*] é um processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo.

Além destas características, acrescenta-se haverem diferentes caminhos que conduzem à finalidade última. Mas o que seria isso afinal? Uma satisfação total, completa? Como alcançá-la se a pulsão é uma força constante que não cessa de exigir trabalho ao psiquismo? A linha entre o entendimento da satisfação enquanto calma e tranquilidade ou como sinônimo da morte é extremamente tênue. Freud nesse momento parece supor que caso estejamos vivos, a pulsão implica na impossibilidade de que a satisfação seja absoluta, impondo um relançamento infinito em sua busca. Admite como possibilidade a obtenção de pequenas satisfações, isto é, satisfações parciais, não-todas.

Somam-se a estas questões algumas outras, agora decorrentes das características dos objetos das pulsões. São o que há de mais variável numa pulsão, sendo marcados pela inespecificidade e pela multiplicidade. A ênfase dada à variabilidade do objeto, ao seu caráter contingencial, aponta para a inexistência de um objeto adequado, que se encaixe justamente com determinada exigência. Não há um objeto natural, as relações entre sujeitos e objetos são subjetivas, construídas a partir de uma historicidade.

O desencontro no campo do desejo, tão familiar a todos nós, tem aqui uma indicação magistral. A idéia de contingência remete à compreensão de que todo encontro é um fato de acaso, que se opera no escuro. A manutenção permanente de certo grau de insatisfação, junto ao fato de que não há um par perfeito, aludem à íntima relação entre o desejo e a repetição. O circuito da pulsão se dá em torno de um vazio. Parte alguma do percurso pulsional pode ser separada de seu “vaivém”, do “caráter circular do percurso da pulsão” (Lacan, 1964-1965/1985, p.168).

Outro aspecto que será enfatizado e que só tende a ganhar cada vez mais centralidade no pensamento freudiano é a força das pulsões. A característica de exercer pressão, nos diz Freud, “é comum a todas as pulsões, sendo de fato, sua própria essência” (Freud, 1915b/1996, p.127).

“A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante” (Lacan, 1964-1965/1985, p.157).

Este destaque à força como a essência da pulsão, sua marca de ser sempre ativa, contribui decisivamente para a argumentação central desta pesquisa. Birman, por exemplo, vê o enunciado do conceito de pulsão de morte, na viragem crucial dos anos 1920, como consequência da desarticulação dos registros da força e dos representantes da pulsão na metapsicologia de 1915 (Birman, 2004, p.29).

A força, ao mesmo tempo em que é uma das quatro características da pulsão, não é propriamente mais uma, como se todas tivessem o mesmo grau de importância. Há algo aí de mais fundamental que indiretamente remete às características da pulsão de morte que serão definidas cinco anos mais tarde. Nessa mesma direção, Freud qualifica a pulsão como sendo nem consciente, nem inconsciente, nem biológica, estando aquém e além do anímico. Tais características somadas à elevação no grau de importância do pulsional abrem caminho para a idéia da repetição como não representável, fora do domínio da representação, assunto do qual se ocupará o próximo capítulo.

Birman (1999) destaca a autonomia que a força pulsional ganha nesse artigo de 1915. O autor acredita que assim tem origem a dimensão da *intensidade* pulsional em Freud e a antecipação da conceituação da pulsão de morte, precisamente por sua característica de ser desvinculada da representação. Propõe distinguirmos três momentos na obra freudiana,

no que se refere à relação entre o representacional e o pulsional. Em um primeiro momento, a pulsão seria regulável pelo trabalho interpretativo, sendo *A interpretação dos sonhos* (1900) um texto exemplar e esclarecedor nesse sentido. O segundo momento vincula-se ao artigo técnico *Recordar, repetir, elaborar* (1914), onde o aspecto da resistência ao tratamento observado na dificuldade de certos pacientes em recordar deixa claro o “não querer saber”, que opera como contra-força à semantização no plano psíquico. Nesse sentido, vemos o estatuto da representação colocado em questão, além de uma certa ameaça à proposta de tornar consciente o que estava inconsciente, pela rememoração e subsequente interpretação. O terceiro momento coincide com o artigo de 1915 sobre as pulsões, onde o para além do semântico é apontado na característica da pulsão denominada força. Quando traçamos um paralelo da força com a pulsão de morte, tornamos clara a falência da solução representacional em casos marcados pelo excesso e pelo traumático. Em *Mal-estar na atualidade* (2000), Birman reforça que por ser uma *konstant Kraft*, a força pulsional exige um remanejamento incessante e inevitável para que se domine seu impacto traumático.

Os destinos como modalidades de defesa

São quatro os destinos pelos quais uma pulsão pode passar: reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo, recalque e sublimação. Todos eles têm em comum o fato de operarem modificações na tendência original que Freud desde já percebia nas pulsões. Visto que o pulsional por si próprio é desruptivo, que caminha rumo à descarga total, torna-se necessário o estabelecimento de mecanismos que organizem de certo modo o estado de pura força no campo representacional. O trabalho que a exigência pulsional enquanto força requer relaciona-se diretamente com a criação e a sustentação destes destinos. Assim nos diz Freud:

“Tendo em mente a existência de forças motoras que impedem que uma pulsão seja elevada até o fim de forma não modificada, também podemos considerar esses destinos como modalidades de *defesa* contra as pulsões” (Freud, 1915b/1996, p.132).

Chama atenção essa defesa *contra* as pulsões. A sobrevivência psíquica não está dada desde sempre, ela advém como produto dos destinos que cada um dará ao pulsional

que aponta para a destruição. Esse “cada um”, aliás, é relativo, já que primeiramente é um outro que acolhe o sujeito, auxiliando-o em seu movimento originário que o conduziria à descarga, na medida em que lhe oferece um leque de escolhas objetais possíveis. É este o papel de prótese encenado pelo entorno, nos diz Schneider (1977). A autora pontua que uma criança é capaz de ferir-se de maneira repetitiva e cega contra um objeto perigoso, caso alguém não efetue em seu lugar o trabalho de orientação e apaziguamento das excitações.

Garcia-Roza indica que

“... a pulsão de que nos fala Freud seria a emergência desse caos original, dessa força não domada e que persiste como fundo não ordenado de todo ser vivo. A pulsão seria, pois, a reafirmação constante do acaso¹⁴” (Garcia-Roza, 2003, p.19).

Novamente toca-se no enigmático que o conceito de pulsão insiste em reforçar. Por se tratar de um momento no qual Freud ainda se encontra “com um pé” no campo representacional, o caráter de pura força e de destrutividade ainda não aparece em seu texto de forma muito explícita, nem tampouco completamente afirmativa. Existem alguns embaraços diante deste quadro que aos poucos vai se engendrando. Primeiramente, nota-se nas definições que são dadas à pulsão, tanto em 1905 quanto em 1911 e em 1915, uma equivalência entre a idéia de pulsão e o seu representante psíquico. Podemos inferir que esse enquadramento das pulsões em um campo puramente ideativo sinaliza uma certa dificuldade de Freud em admitir que há algo que extrapola o representacional.

Ao falar sobre o masoquismo, entendido neste momento como uma das formas de reversão da pulsão ao próprio eu, ele é reafirmado como um derivado do sadismo, este sim primário. A autodestruição desvinculada da sexualidade é por ora impensável. Também as sensações de dor estão diretamente referidas ao sexual, já que quando há dor, o que é de fato fruído não é ela em si, mas a excitação sexual concomitante (Freud, 1915b/1996, p.134). Freud chega a admitir que o sujeito experimente sensações desagradáveis com boa vontade. Para que isso ocorra, todavia, supõe que este desprazer causado pela dor beire a excitação sexual.

¹⁴ Segundo as idéias deleuzianas em *Diferença e repetição* (2006), podemos pensar que as pulsões para Freud encontravam-se de certa forma entre a *ordem conservadora da representação* e a *desordem criadora, o caos genial*.

Não é preciso, entretanto, esperar até 1920 para encontrar novidades no pensamento freudiano que toquem em um para além da representação. Logo nos artigos metapsicológicos que seguem *As pulsões e seus destinos*, a existência de uma distinção entre a pulsão propriamente dita e seu representante psíquico é acentuada.

“uma pulsão jamais pode tornar-se um objeto da consciência – somente a idéia que representa a pulsão é que pode. Mesmo no inconsciente, além disso, uma pulsão não pode ser representada de outra forma senão por uma idéia (...) Quando, não obstante, falamos de um impulso pulsional inconsciente ou de um impulso pulsional recalçado (...) referimo-nos apenas a um impulso pulsional cujo representante ideacional é inconsciente” (Freud, 1915d/1996, p.182).

Ao desenvolver um artigo especialmente dedicado a um dos destinos da pulsão, o recalque, Freud dá um destaque considerável à cota de afeto. Considera o representante pulsional como uma idéia que é investida com uma cota definida de energia psíquica proveniente de uma pulsão. Pensará em possíveis destinos para estas intensidades que acompanham as idéias, chegando inclusive a afirmar que “... a vicissitude da cota de afeto pertencente ao representante é muito mais importante do que a vicissitude da idéia, sendo esse fato decisivo para nossa avaliação do processo do recalque” (Freud, 1915c/1996, p.158). “Sublinhar a dimensão do afeto é situar o sujeito nas dobras reais de seu sofrimento, em vez de se restringir a experiência analítica às cavilações obsedantes do pensamento” (Birman, 2000, p.21).

Paralelamente a essa grande importância que vai sendo dada aos afetos, o ponto de vista econômico (dentre os três da metapsicologia: dinâmico, tópico e econômico) vai passando a ocupar papel estratégico. Em termos qualitativos as pulsões são semelhantes; os efeitos distintos que causam se dão apenas em função das quantidades de excitação que trazem em si ou talvez a determinadas funções desta quantidade.

Encerramos este capítulo reiterando o papel que veio a cumprir no corpo global da pesquisa: explicitar a transição no pensamento freudiano entre o momento inicial marcado pelo representacional e pela busca de sentido e a virada ocorrida em 1920. Enfatizamos a

presença da transferência e da resistência como marcos fundamentais neste momento intermediário, assim como a associação entre elas e a repetição. A perplexidade e os esforços de Freud frente à repetição desde 1914 preparam o terreno para que ela venha a ser, sobretudo, umas das condições para o estabelecimento de uma análise. Destacamos ainda a ênfase no pulsional, na variabilidade do objeto e nas quantidades de energia, apontando para um predomínio do ponto de vista econômico, como índice do excesso e da pura pulsionalidade, que irá se delinear daqui em diante.

CAPÍTULO III

A virada de 1920: da compulsão à repetição à pulsão de morte

Esse capítulo, como seu próprio título anuncia, é destinado a trabalhar uma passagem decisiva no pensamento freudiano, a qual já foram feitas algumas menções. Se em um momento inicial eram o modelo representacional e a busca de sentido as marcas mais características da psicanálise, é possível perceber importantes mudanças por ela sofridas com o passar dos anos. No capítulo anterior, ressaltamos os elementos responsáveis pelos primeiros movimentos rumo a essa reviravolta tanto teórica quanto clínica, dando a devida ênfase à repetição na transferência e à força pulsional. Estes dois pontos nos trouxeram argumentos suficientes para apostar tanto em uma certa queda do modelo assentado na via da significação, quanto na insuficiência da interpretação enquanto ferramenta exclusiva da experiência analítica.

O acontecimento ocorrido no ano de 1920 na obra de Freud teve, além destes antecedentes, alguns outros, oriundos de diversos aspectos. Em textos muito próximos de *Além do princípio de prazer* (1920), tanto temporalmente quanto em termos de idéias desenvolvidas, pinçamos sementes do que será ali finalmente apresentado e esmiuçado.

Preparando o terreno...

Impossível chegarmos à década de vinte do século passado sem fazer referência àquela que ficou conhecida como a Primeira Guerra Mundial. Como cidadão e pensador da cultura, que nasceu e permaneceu no continente europeu, Freud foi inegavelmente afetado pelos efeitos de tão impactante conflito. Além de obviamente ter recebido menos pacientes neste período, teceu observações inéditas a respeito da condição humana. Escrito dois meses após o deflagrar da guerra, *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915d) traz considerações preciosas sobre os mais primitivos impulsos do homem, sobre as relações que estabelecem uns com os outros. Em decorrência de tamanha violência, instala-se segundo Freud, a desilusão, junto à impossibilidade de se acreditar na “erradicação do mal”. Ele anuncia como resultado da pesquisa psicanalítica que “a essência mais profunda da natureza humana consiste em impulsos pulsionais de natureza elementar, semelhantes em todos os homens e que visam à satisfação de certas necessidades primeiras” (Freud, 1915d/1996, p.291). Tais impulsos não são a princípio nem bons nem maus, mesmo aqueles que a sociedade condena como egoístas e cruéis. A possibilidade de se compartilhar a vida individual com o coletivo depende da capacidade de cada um para “transformar os impulsos egoístas sob a influência do erotismo”, chamada de “susceptibilidade à cultura” (: p.292).

Não parecia fácil para Freud enxergar como próprios da natureza humana sentimentos de ódio e desprezo ao outro, que emergiam mesmo em situações de paz. Permaneciam como “mistérios”, como um “enigma”, quais eram os motivos que levavam a isso. Cinco anos antes de postular a pulsão de morte, eram flagrantes tanto a percepção de traços de destrutividade nos indivíduos, quanto a estranheza de Freud em percebê-los: “realmente, é estranho tanto à nossa inteligência quanto a nossos sentimentos aliar assim o amor ao ódio (...) devemos as mais belas florações de nosso amor à reação contra o impulso hostil que sentimos dentro de nós” (: p.309). Veremos adiante o lugar de destaque que será dado a essa mescla entre amor e ódio e à aposta na via do erotismo como forma de lidar com a hostilidade.

Uma leitura cuidadosa dos grandes casos clínicos relatados na obra freudiana rende valiosíssimos elementos para uma compreensão abrangente da psicanálise. *História de uma neurose infantil* (1918), conhecido como o caso do Homem dos Lobos, é o último destes grandes relatos em toda a obra. Nossa escolha em incluí-lo nessa análise baseia-se nas

mudanças na técnica claramente realizadas na condução desse caso, onde a reprodução de lembranças e a interpretação dão lugar à construção e ao ato analítico. São mudanças que trazem mais uma vez à tona os limites ao trabalho interpretativo e que falam de um movimento de abalo do modelo clínico clássico.

Freud refere-se ao tratamento do jovem Serguey como causador de especiais dificuldades. A resistência à análise, que já lhe causara embaraços anos antes, aparece com insistência. A “atitude de amável apatia” do paciente, que escutava e permanecia inabordável e seu hábito de produzir “reações negativas transitórias” são exemplos desse fenômeno. Também a análise de um sonho (aquele dos lobos na árvore que apelida este caso) sofre alterações em sua maneira tradicional. As cenas primitivas da infância “não são reproduzidas durante o tratamento como lembranças, são produto de construção¹⁵” (Freud, 1918/1996, p.61). Frente à impossibilidade do paciente preencher lacunas em sua memória a partir do que o sonho evocou, há um trabalho gradativo e exaustivo para que se construa uma narrativa que dê conta disso que não pode ser recuperado.

Diante desse quadro, vemos Freud recorrer mais de uma vez à herança filogenética em busca de explicações que antes provinham da atribuição de sentido ao que era rememorado em uma análise. Ele se questiona a respeito do caráter real ou fantasmático das cenas primárias - observação das relações sexuais entre os pais, ser seduzido na infância e ser ameaçado com a castração – concluindo serem todas inquestionavelmente um “dote herdado”, uma “herança filogenética” ou ainda parte da experiência individual. Dentre os esquemas filogeneticamente herdados, o complexo de Édipo é o mais conhecido. O recurso a algo que pré-existe à história do próprio sujeito evidencia os limites da significação e da retroação, fruto da interpretação que visa explicar elemento por elemento. A passagem a seguir ajuda a perceber tal fato:

“Tudo o que encontramos na pré-história das neuroses é que a criança lança mão dessa experiência filogenética quando sua própria experiência lhe falha. Ela preenche as lacunas da verdade individual com a verdade pré-histórica” (: p.104).

¹⁵ No quarto e último capítulo, analisaremos o artigo de 1937, *Construções em análise*, no qual Freud se detém particularmente nesse assunto.

Analogamente ao que a criança tentaria fazer diante do que lhe escapava, operava tradicionalmente a psicanálise, ao se dedicar ao preenchimento de lacunas. “Frente à inércia do gozo, Freud (...) estabelece a diferença entre interpretação e construção. Sua preocupação era encontrar o núcleo do real entendido, porém, como uma verdade histórica-vivencial que faltava na cadeia, mas que operava no sintoma. A construção era assim uma suplência do analista a esse saber faltante” (Tizio, 2005, p.84).

Birman pontua que a filogênese em Freud não se refere ao biológico, posto que naquela época isso já era insustentável e ele o sabia. Sua tentativa era a de criar um campo puro de memória, pré-estabelecido, sendo este o recurso de que dispunha como instrumental. Trata-se de uma espécie de passado que aconteceu, não representável e referente à humanidade, mas que marca o indivíduo no corpo, tendo efeitos, portanto, sobre a ontogênese. Em outras palavras, Birman lê o filogenético em Freud como uma forma de abordar a anterioridade da estrutura da linguagem, anterioridade constitutiva do aparelho individual, que inclui o corpo enquanto portador da história da espécie.

Talvez, o passo que Freud não tenha dado, foi perceber que uma análise pode servir justamente para que se consinta com essa falha irremediável de se achar uma causa final, as razões de sermos quem somos, as explicações plenas para o que nos acontece. Recorrer à filogênese o afastou de se deparar com essa impossibilidade radical. Ainda assim, existem passagens curiosíssimas, e não são poucas, onde Freud se mostra extremamente realista, sabedor dos limites de sua prática.

“Deve-se reconhecer que nem tudo se pode aprender a partir de um único caso e que nem tudo pode ser resolvido através dele; devemos-nos contentar em explorar tudo aquilo que porventura se mostre de forma mais clara. Existem, em qualquer caso, limites estreitos para aquilo que a psicanálise foi chamada a explicar. Pois, ao passo que é da sua alçada explicar os sintomas revelando a sua origem, não o é explicar, mas simplesmente descrever, os mecanismos psíquicos e os processos pulsionais aos quais a pessoa é desse modo conduzida” (Freud, 1918/1996, p. 112).

Quando se trata do pulsional, como apontamos desde os capítulos precedentes, nem Freud nem ninguém explica. E esse fato, que cada vez mais insiste em aparecer em seus

artigos, ficará definitivamente explicitado em 1920, com a conceituação da pulsão de morte.

Outro texto rico em elementos que de alguma forma antecipam a virada de vinte, apontando inclusive para consequências ainda mais tardias na obra freudiana é *Uma criança é espancada* (1919). A surpreendente constatação de que a fantasia que nomeia o artigo é bastante frequente leva Freud a anunciar a existência de um alto grau de prazer relacionado à fantasia inconsciente de espancamento. Fala em três fases dessa fantasia, caracterizando várias vezes a segunda como incomparavelmente a mais importante e significativa. Esta fase é justamente aquela onde percebe-se uma posição passiva da criança, descrita como uma atitude feminina e masoquista. Esse “caráter inequivocamente masoquista nunca é lembrado”, sendo uma “construção em análise” (Freud, 1919a/1996, p.201).

As semelhanças com o artigo de 1924 sobre o masoquismo são evidentes. Não devemos, porém, desprezar o que há de diferente. Aqui, Freud explica o masoquismo ainda como secundário, apesar de já se aproximar bastante da idéia de um masoquismo originário. Acredita que o que converte o sadismo, este sim primário, em masoquismo no caso dessa fantasia é o sentimento de culpa ligado aos desejos incestuosos da menina em relação ao pai. Ela sentiria uma agradável satisfação ao ser espancada como uma espécie de punição pelo fato de ter um desejo sexual proibido dirigido a seu pai. Sua passividade seria expressão do fato de sentir-se merecedora de tal castigo. Vemos, assim, que o complexo de Édipo está servindo de recurso de base para explicar o prazer no sofrimento. Somente enquadrando essa forma de prazer que o surpreende no romance edípico, que tanto lhe era familiar, é que Freud pôde anunciá-lo nesse momento. Em 1920, por sua vez, não mais usará esse recurso, por ver-se diante da crueza de certas situações que se repetem¹⁶.

Finalmente, em *O estranho* (1919) encontram-se fenômenos nunca antes analisados, muito pertinentes a este mapeamento que por ora nos ocupa. A argumentação geral do texto gira em torno de que o estranho [*Unheimlich*] provém de algo familiar que foi recalcado. O mecanismo de recalçamento, incluindo o retorno do recalcado como parte de seu

¹⁶ Seria incorreto dizer que a referência ao Édipo desaparece em absoluto após 1920. Em *O problema econômico do masoquismo*, ao discorrer sobre o masoquismo moral, Freud faz alusão direta a uma revivência do complexo de Édipo (ver vol. XIX, p. 187). De qualquer forma, o masoquismo erógeno dispensa tal referência para ser sustentado.

funcionamento, não é novidade. Contudo, Freud parece indicar, não sem perplexidade, que esse algo que retorna pode ser em alguns casos de uma ordem distinta das formações inconscientes, propiciadoras de uma satisfação substitutiva. O retorno da mesma coisa, ao contrário, é por vezes sentido como estranho, assustador, provocando medo e horror. Além disso, evoca sensações de desamparo e estranheza.

A repetição, nosso guia nesta vasta análise da obra freudiana, está intimamente articulada a este estranho familiar. “Só há *Unheimlich* se houver repetição” (Garcia-Roza, 2003, p.24). Ao falar sobre o fenômeno do duplo, por exemplo, Freud refere-se a uma repetição dos mesmos aspectos, traços e destinos em diferentes gerações. Há uma repetição que é constante e involuntária, que remete à idéia de algo fatídico e inescapável, desprovido de qualquer significado secreto, a qual Jorge nomeia como uma “repetição pura a operar no sujeito” (Jorge, 2005, p.60). No trecho a seguir, vemos um paralelo entre o estranho e a compulsão à repetição, esta já vinculada ao pulsional e também ao desprazer:

“Pois é possível reconhecer na mente inconsciente, a predominância de uma “compulsão à repetição”, procedente dos impulsos pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima “compulsão à repetição” é percebido como estranho” (Freud, 1919b/1996, p.256).

Já que Freud insinua estarmos nos preparando para futuras descobertas em relação à compulsão à repetição, seguiremos seus passos rumo aos desdobramentos deste tema em *Além do princípio de prazer* (1920).

Princípio de prazer: a hegemonia na corda bamba

Freud inicia este importante artigo retomando a forma como a teoria psicanalítica pensara o princípio de prazer até ali. Ele seria o regulador do funcionamento psíquico, operando como um mecanismo de redução de tensão. Sua meta consistia em evitar o desprazer oriundo de acúmulos de tensão desagradáveis e também em produzir prazer. Tendo em vista que os eventos mentais estão sujeitos a esse tipo de regulação, é preciso que se introduza um ponto de vista econômico na teorização a respeito do psiquismo.

Os sentimentos de prazer e desprazer, que já em 1915, como vimos, acoassavam Freud, voltam a ser pivôs de indagações sobre seu significado, por serem uma questão enigmática, “a região mais obscura e inacessível da mente” (Freud, 1920/1996, p.17). Na impossibilidade de encontrar a significação, o sentido de tais sensações, Freud recorre a uma explicação econômica, relacionando prazer e desprazer à quantidade de excitação, retomando, como hoje sabemos, noções desenvolvidas no *Projeto...*, manuscrito há muito abandonado. Sendo assim, o desprazer corresponderia a um aumento na quantidade de excitação e o prazer a uma diminuição.

O recurso a uma economia repleta de fluxos, descargas e catexias, rica em jogos de forças e embates de potências pode ser entendido pelas dificuldades com que Freud esbarrava para equacionar um esquema explicativo ao funcionamento psíquico, dependente de significações, motivos e justificativas. Ter o sentido como base já não dava conta de esclarecer dados oriundos das observações da prática analítica. Assim, foi preciso dar um passo decisivo, o de conceder importância à energética, a partir do qual o enfoque passa do representacional ao pulsional, do sentido ao excesso. Evangelista (2006) esclarece ao pontuar que, dada a existência de processos psíquicos nos quais circulam uma energia, esta deve passar ao estatuto de um conceito-chave. Partindo das excitações no início de sua obra, Freud chega finalmente à idéia de uma energia pulsional.

A hipótese da dominância do princípio de prazer, levantada a partir de suposições especulativas que se sustentava até então, apoiava-se no esforço do aparelho mental em manter as quantidades de excitação em um nível o mais baixo possível, restando apenas uma cota de energia mínima, necessária à manutenção da vida. O que Freud vai percebendo pouco a pouco, a partir de sua experiência junto aos pacientes, contradiz, contudo, essa dominância. Em *Além...*, Freud afirma ser incorreta tal suposição, já que em muitos casos os processos mentais não são acompanhados de prazer. De hegemônico, este princípio

passa então a ser apenas uma tendência, que volta e meia tem sua harmonia rompida por outras forças e circunstâncias.

Mas afinal, ao que Freud estaria se referindo? Que forças e circunstâncias seriam assaz poderosas a ponto de desbancarem uma hegemonia que perdurou por tantos anos? Para respondermos a isso já temos em mãos as pistas oferecidas pelos desdobramentos desta pesquisa até esta etapa. Além delas, temos o riquíssimo e indispensável material apresentado nas primeiras partes desse artigo, na análise cuidadosa que Freud faz das circunstâncias, uma a uma, que impedem o princípio de prazer de ser levado a cabo.

Primeiramente, interroga as relações entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Dadas as exigências do mundo externo, a interferência deste segundo princípio é indispensável para que se crie uma abertura à alteridade, além de servir como proteção contra os perigos à autopreservação. Apesar do princípio de realidade funcionar segundo o processo secundário, imprimindo um adiamento à satisfação, ele representa um mero desvio, um certo empecilho, apenas uma modificação do funcionamento pelo processo primário que se caracteriza pelo imediatismo. Se por vezes funciona como obstáculo, por outras proporciona a possibilidade de prolongamento do prazer. O fato de que o princípio de realidade promova a tolerância momentânea do desprazer, para que em seguida se possa obter o prazer com mais segurança, não contradiz portanto, o princípio de prazer, já que afinal de contas ambos têm o mesmo objetivo.

O segundo ponto observado por Freud é o desprazer neurótico. Um dos efeitos do mecanismo de recalque é a sensação de desprazer experimentada pelo ego. Por se tratar de uma experiência desagradável, causa aparente estranheza quando vigora a dominância do princípio de prazer, merecendo, então, atenção nesta análise. Rapidamente, contudo, percebe-se que mais uma vez a meta final desse mecanismo é o prazer. Frente ao conflito que é próprio ao aparelho mental, o desprazer sentido pelo ego é fruto de uma solução de compromisso, sendo na verdade reflexo de um prazer que não tem como ser sentido como tal. Não nos esqueçamos que o recalque é um mecanismo de defesa, que em última instância visa evitar sensações desagradáveis. Sendo assim, o desprazer em uma instância – no caso, o ego - articula-se ao prazer inconsciente.

Continuando seu trajeto, Freud detém-se no tema da guerra, comentando alguns dos efeitos diretos que esta teve em seu trabalho. Passou a receber pacientes que sofriam de um

quadro denominado de neurose traumática, os quais eram acometidos por sonhos terríveis, caracterizados pela repetição do acidente anteriormente vivido. Esses sonhos instigavam por trazerem repetidamente os pacientes de volta à situação traumática, fazendo-os acordar em um outro susto. O que ocorre é um desaparecimento da diversidade dos sonhos, “os pacientes sempre têm o mesmo sonho-catástrofe” (David-Ménard, 2001, p.22). Essa obscura repetição sugeria reflexões a respeito das misteriosas tendências masoquistas do ego, além de abalar contundentemente a regra de que os sonhos seriam realizações de desejo. Assim, os sonhos traumáticos figuram como a primeira exceção efetiva à importante teoria sobre os sonhos construída em 1900, sendo este um dos pontos de ruptura que este artigo opera na obra freudiana como um todo. Daqui em diante, os sonhos serão pensados como tentativa de realização de desejo, que, todavia, nem sempre é possível.

Com relação à preponderância do princípio de prazer, chama atenção o fato de que o retorno ao mesmo do trauma é desagradável e ainda assim se repete. Apesar de já apontar para um “além”, por se tratar de uma repetição que se contrapõe ao princípio de prazer, não é a partir desse exemplo que Freud o apresenta decisivamente. Pensamos que um argumento mais forte se fez necessário por ao menos duas razões: a impossibilidade de se operar uma generalização ao funcionamento psíquico a partir de casos patológicos tão específicos e a presença de um fator “pró-prazer” nessa repetição insistente do traumático pela via onírica. Mais adiante, este ponto será retomado e aprofundado, com o auxílio de outras conceituações intimamente articuladas a ele.

Outro fenômeno que muito interessará a Freud é a brincadeira das crianças. Considerada uma de nossas primeiras atividades normais, pode ser um belo ponto de partida para que se construam considerações teóricas mais largamente aplicáveis, já que todos fomos crianças e brincamos. Observando seu neto de um ano e meio, percebe que o menino repetia constantemente uma enigmática atividade. Tinha o costume de pegar objetos e atirá-los longe, emitindo junto ao movimento o som “ó-ó-ó”, que Freud intui ser a palavra alemã *fort*, que significa ir embora, partir. O menino emitia esse som de forma longa e arrastada, com uma expressão de interesse e satisfação em seu rosto. Outro jogo que por vezes o entretia envolvia um carretel de madeira com um cordão amarrado em volta. De seu berço, o menino segurava o cordão, arremessava o carretel e enquanto este desaparecia pronunciava seu expressivo “ó-ó-ó”. Em seguida, puxava-o pelo cordão,

saudando seu reaparecimento com um alegre *da*, que em alemão significa “ali”. Assim, a brincadeira completa, extremamente conhecida pelos leitores de Freud como o jogo do *fort-dá*, consistia na repetição do par desaparecimento e retorno.

São muitas as considerações extraídas deste exemplo. Uma delas, que nos parece fundamental, mesmo sem receber muito destaque nas ponderações freudianas, é a prevalência do movimento de desaparecimento, que era “incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo” (Freud, 1920/1996, p.26). Se o retorno do carretel era o que causava alegria, a repetição mais frequente do outro movimento era algo intrigante, que sugeria uma tendência a insistir em algo não propriamente agradável. Para Vidal (1992), se evidencia aí, no mais precoce trabalho do aparelho psíquico, não ser o prazer o guia da repetição (Vidal, 1992, p.25).

Freud se deterá nas articulações entre este jogo infantil e a ausência da mãe. Parecia curioso o fato do menino nunca chorar quando esta o deixava por um certo tempo. Partindo do princípio de que a saída da mãe é mal-vista pela criança, indaga: “como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer?” (Freud, 1920/1996, p.26). Freud sugere algumas interpretações possíveis, todas contendo aspectos que apontam para um certo ganho, para alguma obtenção de prazer por parte da criança nessa repetição (aparentemente) do desagradável. Pensa o jogo relacionado à grande realização cultural da criança, à renúncia pulsional pela saída da mãe sem protestos. Em suas palavras: “compensava-se por isso (...) encenando ele próprio” (idem). Além disso, de uma situação onde era passiva, dominada pela experiência, a criança assumiria um papel ativo através da transformação que realizou ao inventar esse jogo. Tal fato relaciona-se com a pulsão de domínio, que tem seus efeitos observáveis nas brincadeiras que as crianças repetem colocando-se como senhoras da situação. Nestas, operam uma passagem da passividade da experiência à atividade do jogo, por procurarem estar no controle da situação. Freud traz ainda a idéia de uma vingança contra a mãe, por seu afastamento, como se a criança lhe dissesse indiretamente que não está sendo abandonada, já que quem a manda embora é ela, a criança. Nessa “inversão de papéis”, a criança passaria de objeto a agente.

Vemos então que de forma geral a brincadeira infantil confere um estatuto de positividade à repetição, por ser compreendida como estruturante. Estruturante por se tratar

de um recurso “pró-sujeito”, uma invenção para lidar com as adversidades da vida. O prazer está na própria atividade de representação, na capacidade que aos poucos a criança adquire de simbolizar vivências que lhe causaram incômodo, encontrando substitutos para encarnarem o papel que antes lhe cabia. Ademais, o uso que é feito dos sons “ó-ó-ó” e *da* ilustra a construção de um primeiro par de opostos – presença e ausência, aqui e ali – que posteriormente permitirá a construção de tantos outros, fundamentais para a percepção da diferença (noite e dia, frio e calor, em cima e embaixo são alguns dos milhares de exemplos). Assim sendo, neste jogo “perde-se a mãe mas, ganha-se a linguagem”, já que se introduz a palavra como uma presença na ausência. Em *O seminário sobre “A carta roubada”*, nos diz Lacan:

“O jogo com que a criança se exercita em fazer desaparecer de sua vista, para nela re-introduzir e depois tornar a obliterar um objeto, aliás, indiferente por sua natureza, mas que modula essa alternância com sílabas distintivas, essa brincadeira, diríamos, esse jogo manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica” (Lacan, 1955/1998, p.51).

Após apresentar essas possíveis interpretações Freud se diz em dúvida quanto a saber se esse terceiro fenômeno analisado, o *fort-dá*, é independente do princípio de prazer. Diante da dúvida, avança em busca de novos exemplos que possam sustentar com mais propriedade a hipótese de um “além”.

“A consideração desses casos e situações que têm a produção de prazer como resultado final (...) não tem utilidade para nossos fins, pois pressupõem a existência e a dominância do princípio de prazer; não fornecem provas do funcionamento de tendências *além* do princípio de prazer, ou seja, de tendências mais primitivas do que ele e dele independentes” (Freud, 1920/1996, p.28).

Compulsão à repetição: o exemplo decisivo

Desde 1914, Freud já reconhecia a impossibilidade de que tudo fosse recordado por seus pacientes e passava a dar destaque às resistências e ao manejo da transferência em um tratamento. Em *Além do princípio de prazer* (1920), retoma o fato de que repete-se ao invés de recordar, afirmando pela primeira vez que esta compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*] deve ser atribuída ao recalçado inconsciente, sendo a manifestação de seu poder. Acrescenta a isto um “fato novo e digno de nota” (: p.31), a partir do qual toda a reviravolta que se seguirá começa a ser explicitada:

“a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram recalçados” (idem).

Repetir na transferência, por si só, não abalaria consideravelmente o princípio de prazer. Porém, é na natureza daquilo que se repete, aqui enfatizada, que reside a novidade fundamental. A busca de Freud por alguma circunstância que balançasse de fato a hegemonia do princípio de prazer encontra na repetição de experiências sempre desagradáveis, na insistência no desprazer e no sofrimento, o primeiro e principal exemplo a justificar o título do artigo. “De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas” (Roudinesco, 1998, p.631). Concretamente, as situações onde observa a manifestação de tal fenômeno são bastante corriqueiras: o fracasso e a perda do amor, que acarretam um dano permanente à autoconsideração e produzem uma cicatriz narcísica é uma delas. Situações de insucesso, desapontamento, vã expectativa de satisfação e desdém completam a lista. “A pessoa em análise se aferra a seus modos particulares de sofrimento, situando o analista no lugar de quem os eterniza” (David-Ménard, 2001, p.27).

A experiência clínica permite e até mesmo incita Freud a proferir tais afirmações já que “os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade” (Freud, 1920/1996, p.32). Com efeito, nenhuma dessas situações repetidas com insistência poderia ter produzido prazer no passado e acredita-se que o desprazer seria menor se emergissem no presente não em ato,

sob a forma de experiências novas, mas sim como lembranças ou sonhos. Talvez o sujeito fosse realmente poupado de tamanho desprazer caso recorresse a outras vias que não a repetição. Porém, o que vai ficando cada vez mais claro é que a economia pulsional não tem como parâmetro a redução de danos. Segundo Freud, as situações “são repetidas sob a pressão de uma compulsão” (idem). A série, repetição- pressão- compulsão, presente nesta frase, nos remete ao artigo de 1915, *As pulsões e seus destinos*, além de reforçar que nesse momento a compulsão à repetição recebe as características de uma pulsão. Sobre essa associação entre repetição e compulsão, que alude à idéia de uma obrigatoriedade, noz diz Mezan: “A repetição aparece sob a forma de uma compulsão, isto é, uma necessidade premente e cega a realizar o desejo” (Mezan, 2003, p.254).

Esse novo colorido dado à repetição não se reduz à compulsão à repetição no tratamento analítico. Freud vê seus efeitos alastrados para a vida “normal”, trazendo o exemplo de pessoas perseguidas por um destino maligno ou possuídas por um poder “demoníaco”, que têm o mesmo infeliz resultado em todas as suas relações. Freud faz uma interessante distinção entre a ocorrência disso em comportamentos ativos – destino arranjado por elas próprias, por suas determinações inconscientes – e em experiências passivas. Nesse segundo caso, a “perpétua recorrência da mesma coisa” (Freud, 1920/996, p.33), a repetição da mesma fatalidade, impressiona muito mais. O caso de uma mulher que se casou sucessivamente com três homens que adoeceram e morreram em seguida serve como ilustração.

Impressionado com todas essas situações, que se somam à bizarra repetição com a qual se defronta na clínica, Freud finalmente pode dizer que

“encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar” (idem).

O destaque à compulsão à repetição é patente, por ser o exemplo decisivo, que exclui a necessidade de outros, cessando a busca empreendida por Freud. “No caso de uma pessoa em análise, (...) a compulsão à repetição na transferência dos acontecimentos da

infância evidentemente despreza o princípio de prazer sob todos os modos” (: p.46). Frente a esta incontornável constatação, não há contraponto possível, é inegável que sua lógica de funcionamento não tem como meta a evitação do desprazer ou a produção de prazer. Opera-se, assim, um alargamento de sua incidência, que de restrita às neuroses de guerra passa agora a ser um movimento constitutivo de todo e qualquer sujeito. É inclusive a partir do que essa repetição inexorável o fez concluir, que Freud pôde, retroativamente, pensar em atribuir aos exemplos anteriores esse mesmo caráter de “além do princípio de prazer”.

Em uma análise minuciosa deste “além de”, Vidal (1992) propõe traduzi-lo como “para lá de”, apontando para algo fora do domínio, um ponto fora do universo do princípio de prazer, a partir do qual Freud interroga os fundamentos da metapsicologia (Vidal, 1992, p.22). Roudinesco entende este “além” como uma espécie de resíduo que escapa à determinação de obedecer unicamente à busca de prazer (Roudinesco, 1998, p.657). Garcia-Roza, por sua vez, o associa ao limite da palavra, coincidindo, portanto, com um além da dimensão simbólica, que diz respeito ao real (Garcia-Roza, 2003). Real que, segundo Lacan, define-se como “o impossível”, “o choque”, “o obstáculo ao princípio de prazer” (Lacan, 1963-1964/1985, p.159) ou ainda como o que “não cessa de não se inscrever” (Lacan, 1972-1973/1985, p.127), sendo o mistério do corpo falante, o mistério do inconsciente, relativo a um ponto irreduzível, que não se deixa incluir nem no simbólico nem no imaginário.

Não podemos deixar de comentar o caráter paradoxal dessa compulsão à repetição. É uma noção que não está livre de ambigüidade, que implica dois registros. A partir de tudo o que é dito sobre ela, criam-se dois possíveis modos de entendimento, que se à primeira vista parecem contraditórios, de forma alguma são auto-excludentes¹⁷. Analisemos estas duas passagens¹⁸ de Freud:

“contudo, é de notar que apenas em raros casos podemos observar os motivos puros da compulsão à repetição, des apoiados por outros motivos” (Freud, 1920/1996, p.33) (que de alguma forma trazem satisfação).

¹⁷ Deleuze ajuda a compreender, ao mostrar que “não há nada contrário ao princípio, mas há algo exterior e heterogêneo para com o princípio - um além...” (Deleuze apud Garcia-Roza, 2003, p.95).

¹⁸ O sublinhado em alguns termos é grifo nosso, assim como os comentários entre parênteses.

“As manifestações de uma compulsão à repetição, que ocorrem nas primeiras atividades infantis e em um tratamento psicanalítico, apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força demoníaca em ação” (: p.46). (Se é assim, há vezes em que não se opõe ao prazer).

A compulsão à repetição ora aparece como tentativa de elaboração de uma situação traumática, onde o sujeito age em busca de apreender, simbolizar o vivido, ora encarna a impossibilidade desse processo, já que a inscrição do traumático no plano representacional não é garantida. E essa é a novidade radical com a qual Freud se depara em 1920.

Na faceta de elaboração, devemos encará-la como uma maneira de dar destino à excitabilidade, de tentar dominar tensões excessivas, de lidar com o traumático. Segundo esse viés, a repetição seria ela mesma uma tentativa de ligar a pulsão de morte, ligação que visa subjetivar um acontecimento traumático. A tentativa é fazer com que o vivido se transforme de algum modo em palavra, possibilitando a produção de uma narrativa. A não-inscrição confere seu caráter repetitivo, que insiste até encontrar uma significação, uma ordenação no universo da representação, no plano do sentido (Birman, 1991, p.230). A compulsão à repetição pode ser vista ainda como instrumento para a retificação de uma experiência desprazerosa, que tenta, de certa forma, corrigir, “consertar” uma situação. Sendo assim, a repetição seria uma possibilidade de restituição ou uma “tendência restitutiva” (Garcia-Roza, 2003, p.92) e nestes caos, seu trabalho pode ser estruturante, dado o esforço em dominar o sem-sentido, o mal-estar.

A título de ilustração, temos um breve comentário de Freud sobre a representação e imitação artística de adultos ao encenarem tragédias no teatro. Tratar-se-ia de uma estratégia de tornar o que em si é desagradável num tema a ser lembrado e elaborado na mente. Também o sonhar com uma acidente terrível pode ser uma forma de tentar elaborar, encontrar um sentido para o evento traumático. Se assim for, os sonhos dos neuróticos de guerra, “esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo” (Freud, 1920/1996, p.42). E ainda, como vimos no jogo do *fort-dá*, “as crianças repetem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo simplesmente experimentando-a de

modo passivo. Cada nova repetição parece fortalecer a supremacia que buscam” (: p.46). O brincar já é um processo de simbolização, no qual a criança inventa possibilidades de suturar o vazio provocado pela experiência traumática. Há um triunfo sobre a dor, além de uma realização cultural, por tratar-se de uma mescla onde Eros predomina.

Por outro lado, Freud atribui um caráter demoníaco à compulsão à repetição, este sim apontando para um “além do princípio de prazer”. Repetir o desagradável é um dado irrecusável da experiência analítica, sendo propriamente uma das formas de expressão da pulsão de morte, motivo pelo qual é este o exemplo decisivo que o leva à sua postulação. Ao nos depararmos com esse movimento irreprimível, podemos supor haver “por trás” a pulsão de morte, que por ser silenciosa, só é percebida por seus efeitos. Essa faceta nos é apresentada através da compulsão à repetição na transferência, como acabamos de salientar.

David-Ménard (2001) acredita que o aspecto positivo da repetição consiste em uma invenção capaz de converter em decifrável o que se expressa no espaço do tratamento, podendo transformar a existência de alguém. Esse aspecto, também denominado de criativo, faria frente ao aspecto negativo ou destrutivo da compulsão à repetição. A autora desenvolve uma leitura interessante dos jogos infantis, que seriam invenções das crianças para se afastarem de seus sofrimentos e promoverem uma flexibilização dos lugares fixos que lhes são atribuídos. “O jogo inventa uma diferença; (...) talvez o melhor que se possa fazer a respeito das catástrofes, grandes e pequenas, (...) é jogar e sorrir. (...) Jogar sempre consiste em transformar sofrimentos em prazeres” (David-Ménard, 2001, p.24).

Concluiremos nossa reflexão sobre esse caráter paradoxal com uma emocionante colocação de Deleuze:

“Se a repetição nos torna doentes, é também ela que nos cura; se nos aprisiona e nos destrói, é ainda ela que nos liberta, dando, nos dois casos, o testemunho de sua potência “demoníaca”. Todo tratamento é uma viagem ao fundo da repetição” (Deleuze, 2006, p.43).

A pulsão de morte

Eis que chegamos ao tão anunciado momento da entrada desta noção no pensamento freudiano. Esperamos que os argumentos desenvolvidos até aqui possam servir

para contextualizar seu aparecimento, como também para que se vislumbrem seus efeitos, que se farão sentir deste momento em diante.

Segundo Freud, foi a “... compulsão à repetição que primeiramente nos colocou na trilha da pulsão de morte” (Freud, 1920/1996, p.66). Foi a partir da observação desta que foi levado a teorizar o que veio a chamar de pulsão de morte¹⁹. Mas afinal, qual a ponte entre uma coisa e outra? O que faz da compulsão à repetição o conceito-pista para a pulsão de morte? Examinemos esta passagem passo a passo. A repetição compulsiva do desagradável é descrita como um processo incoercível, algo que parece “mais primitivo e elementar” (: p.34). As manifestações dela decorrentes, como vimos, “apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a impressão de alguma força demoníaca em ação” (: p.46).

Tendo enunciado estes aspectos no mínimo delicados, Freud expõe textual e repetidamente palavras de reflexão crítica, as quais fizemos questão de reunir, por sinalizarem vivamente o tom problemático do que estava por vir. Ele se auto-intitula um investigador, fala em suposições, sugestões, hipóteses, estrutura artificial, validade provisória e diz ainda que ele próprio não se acha convencido, escancarando sua não-certeza. “O que se segue é especulação, especulação forçada” (: p.35), acrescenta. Sabe que tecerá observações obscuras, que será preciso “atrever-nos experimentalmente” e ainda que “precisamos de mais informações, pois o problema é capaz de atemorizar um leigo”.

Garcia-Roza pontua que “a repetição é a característica própria da pulsão” (Garcia-Roza, 2003, p.25) e que “a repetição persiste porque a pulsão insiste” (: p.59). Ao se perguntar sobre a relação entre a compulsão à repetição e o predicado de ser pulsional, Freud chega enfim a uma nova definição da pulsão, a definição da pulsão de morte:

“... parece, então que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar, sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, (...) a expressão da inércia inerente à vida orgânica” (Freud, 1920/1996, p. 47).

¹⁹ “o instinto de morte é descoberto não em relação com as tendências destrutivas, não em relação com a agressividade, mas em função de uma consideração direta dos fenômenos de repetição” (Deleuze, 2006, p.40).

Seu caráter conservador (o mais geral das pulsões) reside no fato de impelir para um retorno ao inanimado, ao zero de tensão absoluto, evidenciando que o organismo quer a morte por seus próprios meios. Adiciona ainda mais uma forte razão para a crença na pulsão de morte, o princípio do Nirvana. Este princípio, introduzido com este nome pela primeira vez em 1920, fala de uma tendência dominante da vida mental em levar a zero ou ao menos reduzir o máximo possível a tensão interna²⁰. A pulsão de morte seria regida pelo princípio do Nirvana.

Organizamos nossa leitura estabelecendo três registros da pulsão de morte: a compulsão à repetição, o retorno ao inorgânico e o morrer à nossa maneira. Tendo em vista a proposta desta pesquisa, nos deteremos especialmente no primeiro registro. Apenas a fim de situar as discussões acerca dos outros dois pontos, diríamos que o retorno ao inorgânico refere-se a uma função teleológica, à abolição da excitabilidade, com base na idéia de que a vida busca a morte. Querer a morte por seus próprios meios implica em se pensar a morte como uma experiência, que pode ser vivida por cada um de forma singular.

A sensação de definir deste modo a pulsão é descrita por Freud como estranha, “pois estávamos acostumados com o fator impelidor no sentido da mudança” e agora devemos ver nela o oposto, uma “expressão da natureza conservadora da substância viva” (idem). A primeira pulsão visa retornar ao estado inanimado, seguindo tortuosos caminhos para a morte. Sendo a mais elementar das pulsões, a pulsão de morte torna-se assim o protótipo da pulsão, a pulsão por excelência. Diante desse novíssimo quadro, Freud percebe o quão desnorteados ficamos todos, inclusive ele, ao se levar em conta tudo o que havia sido pensado e desenvolvido detalhadamente sobre a teoria das pulsões até então²¹. Ele é o primeiro a afirmar o quão paradoxal se torna o funcionamento pulsional, pois ao mesmo tempo em que o organismo luta contra os perigos externos que o levariam à morte, esta é seu objetivo de vida. “Originalmente, os guardiões da vida eram também os lacaios da morte” (: p.50). Guardam a vida, para no fundo, levar à morte, pelo próprio caminho.

O novo dualismo pulsional

²⁰ É forte a semelhança com o princípio de inércia apresentado em *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

²¹ A repercussão de *Além...* (1920), segundo Roudinesco, teria sido imensa, tanto por seus efeitos no pensamento filosófico do século XX quanto pelas polêmicas e pelas rejeições que a tese da pulsão de morte provocara no próprio âmago do movimento psicanalítico (Roudinesco, 1998, p.631).

Em meio a essa momentânea falta de norte, Freud inicia uma incursão pelo mundo dos animálculos inferiores, na esperança de encontrar algo que contradissesse o reconhecimento da pulsão de morte. Relutante em aceitar, porém já mais convicto daquilo que suas observações na prática há alguns anos o levavam a crer, declara vã a tal esperança. O que fazer então? Como explicar o fato de estarmos vivos, de nascermos, crescermos e só morreremos muitos anos depois? Para tentar responder questões tão fundamentais, Freud lança mão de algo muito especial na teoria das neuroses, sua velha e fundamental concepção dualista. Com os novos elementos de que dispõe, reconstrói o modelo do dualismo pulsional (que andava “capenga” desde a introdução do conceito de narcisismo), alterando significativamente o papel das pulsões sexuais. Elas passam a ser responsáveis pela ligação, pelos encontros, pela fusão. Eros, outra forma de nomeá-las, esforça-se para combinar substâncias em unidades maiores. Aludindo ao mito das células germinais (entidades elementares), Freud refere-se a um trabalho das pulsões sexuais contra a morte da substância viva, que promove uma imortalidade potencial, ou seja, um alongamento da estrada para a morte. Usa ainda os termos coalescência, união, conjugação, todos como fatores que dão condição à função sexual de prolongar a vida.

Também as pulsões sexuais são descritas como conservadoras, pois esta é a característica essencial de toda pulsão. Porém, são resistentes às influências externas, tendem a preservar a vida por longo tempo e por isso operam contra o propósito da pulsão de morte. Existem, portanto, “duas espécies de pulsões: aquelas que procuram conduzir o que é vivo à morte e as pulsões sexuais que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida” (: p.57). Em uma linda passagem, Freud nos diz dos efeitos recuperadores desta conjugação (aplicáveis ao que se pensa sobre o amor): se dois seres puderem coalescer um com o outro, “conjugarem-se”, salvam-se de ficarem velhos e tornam-se “rejuvenescidos”. A conjugação de dois, mesmo que se separem logo depois, tem efeito fortalecedor sobre ambos (: p.59). Essa união vital faz com que um ajude o outro a conservar sua própria vida, neutralizando parcialmente a ação da pulsão de morte.

A noção freudiana que definirá a relação entre esses dois pólos é a de fusão pulsional. Em um pensamento onde o ser humano é um ser com tendência para a morte, a vida seria a luta constante contra a destruição de si, pela via do erotismo. Ao falar sobre

essa aliança entre as pulsões Mezan (2003) nos oferece uma bela imagem, na qual a fusão é descrita como a pulsão de morte colorida pela sexualidade (Mezan, 2003, p.267). As pulsões de vida, que incluem tanto as pulsões sexuais quanto as de auto-conservação (ou pulsões do eu), são descritas como construtivas ou assimilatórias. A pulsão de morte, por sua vez, é destrutiva e dissimilatória. Outra forma de referir-se ao novo contexto do conflito pulsional é situando-o entre a intrincação e a desintrincação (Birman, 1991, p.232).

Freud nos diz ainda que “essas especulações procuram resolver o enigma da vida pela suposição de que essas duas pulsões se acham lutando uma com a outra desde o início” (Freud, 1920/1996, p.71). Com seu novo dualismo pulsional e a idéia de um confronto permanente de Eros *versus* pulsão de morte, afirma que suas concepções se vêm reforçadas nesse caráter dualista. Sobre isto, Laplanche e Pontalis (1998) comentam que a exigência dualística é particularmente imperiosa no pensamento freudiano quando se trata das pulsões, por fornecer as forças que em última análise se enfrentam no conflito psíquico (Laplanche e Pontalis, 1998, p.409). Hanns, por sua vez, considera que Freud justifique sua insistência no dualismo a partir da experiência clínica. Sugere ainda que incluir o constructo teórico que é a pulsão de morte neste modelo dá a ela maior coerência, possibilitando sua permanência na teorização freudiana. A importância da pulsão de morte para este autor está em seu alto alcance explicativo e em sua grande utilidade clínica (Hanns, 1997, p.82).

Redefinindo o trauma

Outra mudança importante que decorrerá desse novo contexto incide diretamente sobre a forma de compreender o trauma. Desde o princípio, a teoria psicanalítica oferecia uma definição do traumático relacionada à sexualidade. As idéias incompatíveis ao ego, eminentemente sexuais, eram consideradas o fator ameaçador. A censura onírica e o recalque eram os mecanismos de defesa. Em 1920, Freud retoma a temática do trauma, discorrendo inicialmente sobre vesículas indiferenciadas e vesículas vivas, interessando-nos o que diz a respeito de seus mecanismos de proteção. Necessitam de um escudo protetor contra estímulos, para evitarem sua destruição pelos efeitos ameaçadores das enormes

energias em ação no mundo externo. Assim, a proteção é contra as quantidades excessivas de estimulação.

Também para nós humanos essa lógica se aplica. Sob esse viés, o trauma passa a ser definido como a ruptura da barreira protetora contra as excitações poderosas, sendo descritas “como traumáticas quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (Freud, 1920/1996, p.40). Trata-se de algo que ocasiona “o furo da superfície (...) que deixa o princípio de prazer fora de ação” (Vidal, 1992, p.24). Daqui em diante, o fator de perigo, entendido como aquilo que ameaça o psiquismo, são os estímulos, as altas quantidades de energia, ou seja, o excesso. O trauma deixa de ser definido pelo conteúdo, referindo-se agora a algo que excede o que pode ser tratado discursivamente. Está para além da decodificação ou de outros encaminhamentos possíveis no campo da significação. Concomitantemente a esta mudança, a sexualidade se descola da idéia de trauma sexual, figurando muito mais, como acabamos de ver, como ligação à destrutividade da pulsão de morte.

Nessa passagem, talvez possamos acrescentar ainda uma mudança de foco na experiência analítica, propriamente em sua prática. Se antes era a histeria que causava Freud, fazendo-o pensar e construir recursos teóricos, esse posto agora é tomado pela neurose traumática²². Ela será definida como consequência de uma grande ruptura que foi causada no escudo protetor contra os estímulos. A intensidade do trauma excede certo limite, o sistema encontra-se despreparado e por isso ocorre o susto. Em outras palavras, o trauma pensado sob bases quantitativas refere-se a um aumento brusco da energia que circula livremente. Além da imprevisibilidade, há uma desproporção entre tempo e energia, isto é, aumento de intensidades em um curto espaço de tempo. Há um “demasiado antes” do trauma para o qual a palavra chega sempre “só depois” (idem).

Redefinição concluída, resta a pergunta, todavia sem respostas: como vincular essa grande quantidade de energia no sentido psíquico? Como ligar toda essa energia livre para que o princípio de prazer possa operar e então desvencilhar-se dela? Segundo Freud, a questão é difícil de responder, estamos em um estado de “indefinição”, frente a esse

²² No próximo capítulo mostraremos que no percurso final da obra freudiana será o masoquismo a figura-chave de sua psicopatologia.

“grande fator desconhecido” (Freud, 1920/1996, p.41) com o qual temos de operar, sem nada sabermos sobre a natureza do processo excitatório nos sistemas psíquicos.

Hoje sabemos tratar-se de uma “nova-velha” questão. Muitos comentadores traçam um forte paralelo entre o *Além do princípio de prazer* e o *Projeto para uma psicologia científica*, escrito vinte e cinco anos antes e abandonado por Freud logo em seguida. A ignorância quanto à natureza básica das quantidades de energia que reaparece agora, quando o excesso invade a cena analítica, já era salientada no *Projeto*, em relação às *Qs*. Ali, a concepção quantitativa reinava dentre os teoremas principais, o que tirava o fôlego de Freud, fazia-o esbarrar em dificuldades, colocando-o em tormentos mentais excessivos²³. É impressionante a semelhança entre a definição da experiência da dor em 1895 e a do trauma forjada em 1920. Naquela época, Freud definira a experiência da dor como uma irrupção de grandes *Qs*, que agem de forma elevada, caracterizando-se por magnitudes excessivas (Freud, 1895a/1996, p.359). A razão de ser do aparelho psíquico pautava-se em fugir da dor, em construir meios para domá-la, subjugá-la. De certa forma, não é esse o quadro que começa a se construir a partir de 1920, através da idéia da fusão pulsional?

Sobre o trabalho de ligação neste novo contexto, em que a pulsão de morte opera fora do espaço regulado pela oposição prazer/desprazer, Birman (1991) propõe uma operação básica de *ligação* da pulsionalidade num sistema de representações. Seria uma inscrição primordial, necessária para que o funcionamento do princípio de prazer se dê de forma dominante. Esse trabalho básico corresponderia, segundo ele, a um processo de *simbolização primária* da pulsionalidade que tornaria possível a circulação de significados (Birman, 1991, p. 231).

A virada

“... nada faria um leitor desprevenido esperar, a partir de 1920, uma reforma tão extensa do edifício laboriosamente construído nas três décadas precedentes; mormente se refletisse que o arquiteto era um homem de sessenta e quatro anos (...). E,

²³ Observações retiradas das Cartas 27 e 29 de Freud a Fliess, comentadas por J. Strachey. In FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*, volume I, p. 336-337.

contudo, chegando ao outono de sua vida, o jardineiro Freud decide empreender uma experiência decisiva com a árvore que plantara na primavera: o enxerto de uma muda nova, brotada de um ramo lateral e que até então recebera apenas algumas gotas de atenção. (...) O experimento iria modificar de alto a baixo o aspecto da psicanálise, acarretando transformações profundas nos seus elementos essenciais (Mezan, 2003, p.250).

Ao longo de toda essa pesquisa, foram muitas as menções à virada de 1920. Uma vez mais, o título deste capítulo a traz como mote. Muito do que a justifica já foi exposto e esmiuçado. É hora de empreender um esforço para retirar de forma enxuta, dentre tudo o que foi dito, quais são afinal os elementos que introduzem este “quadro de uma remodelação mais geral” (Laplanche e Pontalis, 1998, p.407). Antes, porém, algumas palavras de Freud, que de algum modo parecem autorizar essa compreensão do ano de 1920 como uma virada em sua obra: “vinte e cinco anos de intenso trabalho tiveram por resultado que os objetivos imediatos da psicanálise sejam hoje inteiramente diferentes do que eram no começo” (Freud, 1920/1996, p.29).

Quando ocorre uma virada, estão em curso mudanças referentes a pontos capitais. Listemos, pois, alguns destes pontos: os sonhos não são necessariamente uma realização de desejo; há um ceticismo de Freud em contornar a repetição na transferência; a compulsão à repetição, enquanto processo incoercível, revela a insistência no desprazer e no sofrimento; postula-se um “além do princípio de prazer”, responsável pela perda da hegemonia do princípio de prazer; um passo ousado é dado ao se afirmar a existência de uma pulsão de morte; a experiência analítica encontra-se diante de um abalo considerável no recurso à interpretação e ao representacional; temos um novo dualismo pulsional e uma nova concepção de trauma, onde o excesso é o protagonista; ao sexual é dado um novo lugar, pela aposta no erotismo como mantenedor da vida.

Em *Além...* Freud segue adiante e tira as consequências daquilo que propusera em 1915, a respeito da força pulsional. Tal fato pode ser observado na radicalidade da noção de força presente na conceituação da pulsão de morte, marcadamente da ordem da contingência, da indeterminação e da imprevisibilidade. Jorge (2005) chega inclusive a dizer que “o conceito de pulsão, a rigor, só foi destacado em sua mais radical especificidade com a introdução por Freud da pulsão de morte” (Jorge, 2005, p.49). O excesso, o que vaza,

não é acidental, faz parte de toda e qualquer trajetória de vida. E o traumatismo remete àquilo que foge, que escapa ao sentido.

Há uma mudança definitiva do estatuto da repetição, tema que nos interessa particularmente. Mezan (2003) eleva a repetição a um princípio transcendental, propondo inúmeras articulações desta com outras noções centrais da teoria psicanalítica, tais como: temporalidade, regressão, pulsão, identificação, desejo e angústia. Nesta pesquisa, ressaltamos a ênfase dada à articulação entre repetição e pulsão, que aliás tem lugar de destaque no próprio autor acima citado. Ele propõe nomearmos essa virada como *tournant* (Mezan, 2003, p.154), fazendo uso de um termo em francês pela inexistência de uma tradução tão propícia na língua portuguesa. *Tournant* significa guinada, reviravolta e giro sobre si mesmo. Sobre esse último aspecto, o autor comenta haver todo um movimento de retorno a algumas das primeiras questões trabalhadas por Freud, há tempos abandonadas. Propõe ainda uma revisão ampla do esquema teórico e da eficácia terapêutica (: p.268), acreditando ter havido um “corte de 1920”, pelo fato da “pulsão de morte ser um elemento tão radicalmente novo, que transtorna a rede da psicanálise de maneira tão profunda, que cremos ser necessário tomá-la como ponto de partida de uma fase diferente” (: p.252). Nesse sentido, Rudge acrescenta que a hipótese da pulsão de morte incorre numa “extraterritorialidade em relação às outras construções freudianas” (Rudge, 2006, p.80).

Santos (2002) vai pelo mesmo caminho que Mezan, considerando a virada não só no sentido de que há uma transformação no pensamento de Freud, mas também com o significado de virar-se sobre si mesmo. Há todo um movimento de retorno às primeiras questões, que vai permitir um ultrapassamento e talvez até mesmo uma *Aufhebung* – suspensão do recalque – teórica, já que virão à tona as hipóteses abandonadas desde o *Projeto* (Santos, 2002, p.94).

Nesse sentido, cabe a referência a Lacan, que em *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise* articula o *Projeto ao Além*, colocando o primeiro como um texto que antecipa o posterior. O elo estaria justamente na introdução à temática da repetição, apontando para o conceito de pulsão de morte, como também para as grandes dificuldades a que Freud chegaria ao fim de sua vida, pela presença maciça do excesso e do traumático.

Sobre a questão dos princípios econômicos, há autores que atribuem uma nova característica ao princípio de prazer, que funcionaria a partir de agora como um guardião

contra os perigos externos, relacionado à defesa, à regulação, já que “representa as exigências da libido” (Freud, 1920/1996, p.65). Para Birman (2006), o princípio do prazer seria o vetor da ordem da vida, que pela erogeneidade regularia o movimento inicial em direção à morte. Garcia-Roza (2003) propõe que pensemos o sexual daqui em diante como uma ordem instituída sobre um fundo pulsional anárquico, já que a “vida é, em princípio, perturbação” (Garcia-Roza, 2003, p.70). Deleuze, à sua maneira, considera que o prazer, que originalmente é um processo, torna-se um princípio que tende a organizar a vida psíquica (Deleuze, 2006, p.144-145), por conter o livre escoamento das excitações, transformando o estado de pura dispersão em estado de integração. Em sua concepção, Eros é a força de afirmação da vida, motor da construção.

Ao tentar avançar a partir da pulsão de morte, Freud se questiona sobre a economia do aparelho psíquico, que se comporta sem economizar em desprazer, repetindo experiências que trazem desprazer e “não servem para nada”. Nesse sentido, Fortes (2004) acredita que a partir de 1920 Freud afasta-se definitivamente da idéia de auto-conservação, rompendo com a homeostase e com o equilíbrio e admitindo a possibilidade de prazer no excesso. A autora pensa o sujeito inserido no campo das intensidades e considera que o *Além...* “desloca o pólo da evitação do desprazer para o pólo da *produção de intensidades*, em que tanto o prazer quanto o desprazer são muito mais intensos. A dor deixa de ser exclusivamente algo a ser evitado, produzindo também excitação” (Fortes, 2004, p.84).

Assim sendo, o dito popular “é errando que se aprende”, baseado na idéia de que evitamos re-experimentar uma dor antiga, não se estende à psicanálise. No que se refere ao universo das pulsões, “nenhuma lição (é) aprendida” (Freud, 1920/1996, p.32), “indiscutivelmente não existe uma pulsão universal para o desenvolvimento superior, para o progresso” (: p.52). Definitivamente, não há pulsão de aperfeiçoamento nem tampouco tendência à adaptação. A pulsão não é educável, a aprendizagem não lhe diz respeito, fato que distancia por completo a psicanálise da pedagogia. Mais uma vez, Fortes esclarece ao enfatizar nosso estado de inquietude permanente, já que o ser humano é “um devir em estreita correlação com o jogo de forças travado no circuito pulsional” (Fortes, 2004, p.85).

Considerando as situações clínicas apresentadas no *Além* (especialmente a da mulher com três maridos), Barros (2003) observa um choque entre a repetição e o sentido, além de uma separação entre sintoma e mensagem, já que o primeiro não é mais

necessariamente uma mensagem cifrada. Estaríamos diante de algo radicalmente estranho, que não poderia se traduzir pela enunciação de uma fantasia. A repetição é agora sem memória, seu aparecimento se dá em estado puro, fazendo pensar em uma repetição acéfala, opaca. Pensamos que tais proposições articulam-se ao fato da pulsão de morte ser silenciosa, de “efetua(r) seu trabalho discretamente” (Freud, 1920/1996, p.74). O silêncio coloca em cena o que transvasa a interpretação, ultrapassa a significação e sinaliza uma ausência de representação e de discursividade. Remete ainda a um informulável, relacionado a algo que não se pode traduzir.

Segundo Birman, a compulsão à repetição faz ressurgir impossibilidades teóricas e clínicas para a psicanálise que a solução representacional desenvolvida em *A interpretação dos sonhos* (1900) queria recalcar. De fato, cinco anos antes da elaboração desse texto, Freud havia discorrido detalhadamente sobre a questão das intensidades e do excesso, sem contudo ter divulgado esses escritos. Jocosamente, poderíamos arriscar dizer que o autor estaria sendo vítima de uma das manifestações do que ele próprio postulou como a pedra angular da psicanálise: o retorno do recalcado.

Com efeito, *Além do princípio de prazer* marca o fim da fase da psicanálise como arte interpretativa. Há uma crise na prática da interpretação que acompanha a virada dos anos vinte, pois “ao invés da associação triunfante que vem à tona do sonho, os psicanalistas lidam com o sintoma que resiste ao desvelamento inconsciente” (Laurent, 2003, p.71). A pulsão de morte, mesmo que declaradamente concebida a partir de especulações, não desaparecerá jamais da obra freudiana, sendo constantemente reafirmada até o fim. Este texto pode, assim, ser considerado uma introdução da fase final das concepções de Freud. Prata (1992) acredita que confrontado com tantos limites Freud acaba por redimensionar suas perspectivas de cura e de tratamento analítico, visto que “o inexplicável (...) está no interior da vida” (Prata, 1992, p.148). Dada esta dimensão irreduzível à significação, que insiste como resto, podemos falar em um impasse pontual, momentâneo, com o qual Freud se depara e do qual lutará para se desembaraçar em seguida.

Em 1920, diante da compulsão à repetição do sofrimento, o manejo da transferência não se mostra tão eficaz. Se até aqui, repetir era um motivo para recordar, nesse momento torna-se complicado sustentar tal proposição. O encontro recorrente com esse resíduo que

escapa à busca de prazer, coloca Freud em uma verdadeira dificuldade, pela impossibilidade de pôr em evidência nesses casos, a realização de desejos inconscientes, idéia crucial que se esforçava enormemente em sustentar desde os primórdios da psicanálise.

Barros (2003) defende a idéia de que diante da repetição Freud reconhece a insuficiência dos recursos teóricos e técnicos de que dispunha. Se pensarmos nas consequências para a psicanálise da época, para a forma como Freud vinha teorizando e exercendo sua atividade clínica, o que será possível daqui em diante? Frente ao aspecto inassimilável, insuportável e estranho que nos constitui e persevera, como responder à questão fundamental *do que pode uma análise?*.

Houve um corte, que como tal, exige novas respostas, já que daqui em diante as coisas não serão jamais como eram antes. Os fenômenos da agressividade e da violência ganham lugar de destaque e Freud, tomado de certa perplexidade e desilusão, se vê obrigado a rever antigos conceitos e a formular alguns outros. “O além do princípio de prazer é o modo com que Freud funda o lugar do real e a torção que resulta” (Vidal, 1992, p.27). Diante das dificuldades com as quais se vê confrontado, será que apresenta uma nova postura, um posicionamento que, mesmo radicalmente distinto do anterior, afirme ainda assim o exercício psicanalítico? É sobre isso que discorreremos no próximo e último capítulo.

CAPÍTULO IV

Fim de percurso:

Consequências teórico-clínicas da virada de 1920

Chegamos ao quarto e último capítulo. Até aqui, através do rastreamento da repetição ao longo da obra freudiana, tivemos contato com as diferentes formas de aparecimento desta noção no decorrer dos anos. Com a chegada ao conceito de compulsão à repetição e sua análise minuciosa, a missão em que inicialmente nos lançamos está de certa forma cumprida. A aparição explícita de nosso tema de pesquisa em textos escritos depois de 1920 não é freqüente. Sua presença, contudo, não desaparece por completo, tanto porque Freud se refere diretamente ao tema uma vez ou outra, quanto pelas alusões que muitas questões fará à virada de 1920. Pois bem, a repetição nos trouxe até aqui, “de olho nela” percorremos vinte e cinco anos de uma produção teórica e de um trabalho clínico profundíssimos. Por suas trilhas, percebemos a passagem de um momento primordialmente representacional a um momento onde a ênfase está no pulsional.

Neste capítulo, não perderemos de vista a noção de repetição. Manteremos-nos por perto sobretudo da questão da compulsão à repetição, seguindo os passos de Freud subsequentes ao seu encontro com isto que descreveu como obscuro e paradoxal. A curiosidade que nos move nessa parte final da pesquisa é acompanhar justamente os efeitos desse encontro, tanto na teoria quanto na prática analítica. Somos incitados por declarações nas quais entre suas “assertivas e concepções discordantes” (Freud, 1920/1996, p.69) diz: “eu próprio não me acho convencido (...) não sei até onde nelas- nas hipóteses formuladas nessas páginas – acredito” (idem).

O que fez Freud diante disso que lançou? Que destino pôde dar às tão ousadas postulações de *Além do princípio de prazer* (1920)? Trabalharemos as consequências da virada dos anos vinte, acompanhando a ampla revisão dos esquemas teóricos, a fim de dar conta dos fenômenos clínicos. O foco principal estará nos desdobramentos que serão colocados em função da repetição, em uma proposta que caminha no sentido de tirar as implicações disto na própria obra freudiana. Buscaremos ainda os exemplos por ele encontrados da atividade da pulsão de morte. A idéia é que se possa, ao final de todo esse

percurso, mostrar o quanto Freud era sensível à repetição, o quanto isso o fará avançar no interior mesmo de sua produção. São muitas as deixas ao leitor de sua aceitação das dificuldades, que se não se configuram propriamente como saídas, sinalizam uma postura humilde, fazendo ecoar um “vamos trabalhar”, por apontar os problemas mesmo naquilo em que acredita estar avançando. Tomemos como exemplo a seguinte passagem:

“Há uma infinidade de questões levantadas, para as quais no presente, não podemos encontrar resposta. Temos de ser pacientes (...) devemos estar prontos, também, para abandonar um caminho que estivemos seguindo por certo tempo, se parecer que ele não leva a qualquer bom fim. Somente os crentes, que exigem que a ciência seja um substituto para o catecismo que abandonaram, culparão um investigador por desenvolver ou mesmo transformar suas concepções” (Freud, 1920/1996, p.74).

Arriscar-nos-íamos a dizer que indiretamente Freud faz uso do que escrevera em 1916, ao posicionar-se de forma enfática e afirmativa frente à questão da transitoriedade. Diante do fato de que tudo o que é belo e perfeito está propenso à decadência, adota uma postura radicalmente inversa aos pessimistas e reivindicativos. Diz que “a limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor da fruição” e que “a evanescência empresta renovado encanto” (Freud, 1916/1996, p.317). Não são belas formas de se falar de uma não negatividade frente aos limites, de uma aceitação do caráter provisório de constructos teóricos?

Para encerrar essa introdução, cabe uma última referência ao *Além...*, ao desfecho poético dado ao artigo, que nos serve maravilhosamente de inspiração e estímulo na continuação do trabalho de pesquisador: “ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando (...) não é pecado claudicar” (Freud, 1920/1996, p.74).

Fusão e desfusão pulsional

Dando sequência aos pensamentos expostos em 1920, na tentativa de chegar a novas conclusões, Freud inicia o artigo *O eu e o isso* (1923) dizendo não ir “além do mais grosseiro esboço”, achando-se ainda assim “perfeitamente contente com essa limitação”

(Freud, 1923/1996, p.25). Trabalhando abertamente com hipóteses, sem “provas a oferecer” (: p.57), retoma a importante questão das duas classes de pulsões, sendo talvez o ponto mais próximo nesse artigo à proposta há pouco apresentada. Retomar esse tema e esmiuçá-lo não é um ato banal. Dar prosseguimento à idéia da pulsão de morte, reiterando sua característica de conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado é mais um dado, que, *a posteriori*, dá notícias de que o *Além...* (1920) é um marco em sua obra. A vida passa a ser definida como um conflito e uma conciliação entre as tendências da pulsão de morte e de Eros, cuja finalidade principal é ligar, unir, estabelecer unidades. Desse jogo entre as duas pulsões, surgem as noções de fusão e desfusão, intimamente ligadas às questões da destrutividade e da violência, centrais nessa etapa final da obra freudiana. Não é sem motivos que Freud passa a chamar a pulsão de morte, com certa frequência, de pulsão de destruição. Quando há uma fusão, a pulsão de morte é neutralizada com sucesso e os impulsos destrutivos dela oriundos são desviados para o mundo externo. A outra possibilidade, denominada desfusão, tem como efeito uma manifestação da pulsão de morte em estado “puro”, sendo o sadismo como perversão e não como componente sádico da pulsão sexual o exemplo clássico. A desfusão se manifesta ainda nas inclinações à agressão e à destruição.

Em *A negativa* (1925), esse jogo entre Eros e Tanatos fundamentará o entendimento de alguns outros fenômenos cotidianos e clínicos, como a questão do julgamento. A polaridade de julgamento, incluindo a afirmação e a negativa (ou denegação), correspondem à oposição entre os dois grupos de pulsões. Enquanto a afirmação pertence a Eros, o desejo geral de negar pertence à pulsão de destruição e é um sinal de desfusão entre as pulsões, decorrente da retirada dos componentes libidinais. O negativismo dos psicóticos é exemplar para mostrar o trabalho solitário de Tanatos²⁴.

Ainda neste artigo, outro ponto merece ser apontado. Discorrendo sobre a percepção, Freud afirma que as representações são repetições das percepções e que o teste de realidade visa *reencontrar* um objeto que corresponda ao representado na percepção real. Todo encontro é na verdade um reencontro, postulação que tem como origem a teorização sobre a experiência de satisfação descrita desde *Projeto para uma psicologia*

²⁴ Comentários desse tipo geraram nos pós-freudianos a impressão de que a pulsão de morte teria única e exclusivamente uma faceta negativa. Retomaremos essa problemática nas considerações finais, quando junto a alguns autores tentaremos articular a pulsão de morte não à destruição, mas à renovação e à diferença.

científica (1895). Estamos diante da relação do sujeito com o objeto de seu desejo, fadada à repetição. O desejo é marcado pela infundável busca do objeto que poderia trazer satisfação, objeto perdido desde sempre, sendo seu reencontro impossível de se dar plenamente. Em outras palavras, “a repetição é o modo no qual o desejo existe e insiste” (Mezan, 2003, p.259).

Vamos voltar à questão da fusão e da des fusão pulsional. A explicação para o conflito psíquico nessas bases, que pode à primeira vista parecer simples, tem detalhes um tanto delicados. É difícil definir com precisão a resposta ao que quer a vida. O clamor da vida, nos diz Freud, procede na maior parte de Eros (Freud, 1923/1996,p.59). Logo em seguida, contudo, acrescenta: “E da luta contra Eros!”, definindo a libido como a força que introduz distúrbios no processo de vida. Tais afirmativas estariam de acordo com o princípio de constância que governa a vida, impondo uma descida contínua em direção à morte - a vida, nessa perspectiva, quer a morte. As reivindicações de Eros, que podem ser vistas sob a forma das necessidades das pulsões sexuais, mantêm o nível de excitação (que tenderia a baixar) ao introduzirem novas tensões. Se é assim, a ação da pulsão de morte serve de estímulo a Eros, o põe a trabalho, como um alarme que aciona ser o momento de agir. Leituras que daí se seguem podem considerar que a vida quer ser mantida, que essa tendência ao zero de tensão é na verdade um alimento à manutenção de estados excitatórios. Vejamos uma bela passagem que se refere ao conflito pulsional já à luz da segunda tópica do aparelho psíquico: “Eros e a pulsão de morte lutam dentro do id. Ele não possui meios de demonstrar ao ego amor ou ódio. Ele não pode dizer o que quer; não alcançou uma vontade unificada” (: p.71).

Segundo Freud, há diversas maneiras de se tratar a “perigosa pulsão de morte” (: p.66). Ela pode ser tornada inócua, como vimos, pela aliança com componentes eróticos, além de poder ser desviada para o mundo externo sob a forma de agressividade. Assim mesmo, grande parte continua seu trabalho interno, sem estorvo.

A severidade do superego

Essa ação da pulsão de morte que incide sobre o próprio indivíduo está intimamente ligada ao superego, instância psíquica introduzida por Freud para compor seu novo modelo

de aparelho psíquico. Não nos cabe um apanhado minucioso da passagem da primeira para a segunda tópica. O que muito nos interessa é a formulação de que “o que está influenciando o superego é uma cultura pura da pulsão de morte” (idem). É pela análise da melancolia, que, aliás, já ocupa Freud desde 1917, que se torna cada vez mais claro um movimento de autocrítica inconsciente que se confronta com o próprio ego. Em 1923, a explicação para esse quadro é protagonizada pela figura do superego, que na melancolia faz sua apresentação de forma aguda. Com sua força e ira excessivas dirige-se contra o ego de forma violenta e impiedosa, como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. Em outras palavras, o componente destrutivo – eis aí a pulsão de morte – entrincheirou-se no superego voltando-se contra o ego. Percebe-se a montagem de uma equação segundo a qual, quanto mais a agressividade em direção ao exterior é controlada, mais severo e agressivo se torna o superego, manifestando sua crueldade pela injunção ditatorial “farás”. Para Rudge (2006), o superego constitui-se como ferramenta teórica fundamental para se pensar a destrutividade na ordem psíquica. A autora o considera como inseparavelmente ligado à pulsão de morte, salientando seu funcionamento reverso à adaptação, motor de uma “repetição indomada e antivital” (Rudge, 2006, p.86).

Nesse novo contexto, Freud continua às voltas com a resistência de seus pacientes à análise. Os obstáculos mais poderosos ao caminho do restabelecimento originam-se do sentimento de culpa inconsciente e da reação terapêutica negativa. A luta do analista para promover a cura frente a esta satisfação com a punição do sofrimento não é fácil. De fato, a necessidade de doença, em muitos casos, é maior que o desejo de restabelecimento. Um acréscimo importante na definição do sentimento de culpa chama a atenção: ele “desempenha um papel econômico decisivo” (: p.40). Esse destaque ao econômico, já anunciado desde os primeiros capítulos, também se faz presente quando Freud divide com seus leitores ter sido “obrigado a presumir” (: p.28) algo para além do papel desempenhado pela dinâmica mental. “Existem idéias ou processos mentais muito poderosos (e aqui um fator quantitativo ou econômico entra em questão pela primeira vez²⁵) que podem produzir na vida mental todos os efeitos que as idéias comuns produzem” (idem). O campo das idéias, antes fortemente marcado pelo sentido é invadido pelas quantidades, abrindo

²⁵ O sublinhado é grifo nosso, visando ressaltar o relevo dado por Freud ao fato, nesse comentário que faz questão de incluir entre parênteses.

passagem para a questão do excesso, chave de entendimento das postulações freudianas nesta parte final de seu percurso.

O masoquismo originário

A análise dos processos de fusão e des fusão entre a pulsão de vida e a pulsão de morte será responsável por um passo decisivo em relação a um tema caro à psicanálise, a teorização do par sadismo-masoquismo. Desde 1905, em *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*, o masoquismo foi considerado como secundário, derivado do sadismo, que era primário. Em considerações posteriores, como em *As pulsões e seus destinos* (1915) essa caracterização é mantida, sendo sutilmente modificada apenas em 1920, quando em *Além do princípio de prazer* Freud afirma poder haver um masoquismo primário, em decorrência da postulação da pulsão de morte. Tal emenda, embora polêmica e embaraçosa, se impõe com cada vez mais vigor em decorrência das observações clínicas. A mudança definitiva se dá em *O problema econômico do masoquismo* (1924), artigo dedicado a esse enigmático fenômeno. Segundo Freud,

“a existência de uma tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos pode corretamente ser descrita como misteriosa desde o ponto de vista econômico (...). Incompreensível por paralisar, colocar fora de ação o princípio de prazer (...). Somos então defrontados pela tarefa de investigar o relacionamento do princípio de prazer com as duas classes de pulsões que distinguimos, e não podemos avançar até realizarmos essa tarefa” (Freud, 1924/1996, p. 177).

Para realizar tal tarefa retoma então as relações entre a libido e a pulsão de morte. Esta última, quando desviada para fora pela primeira, é chamada de “pulsão destrutiva ou destruidora”, “pulsão de domínio” ou “vontade de poder” (: p. 181). Não são todas as suas porções, no entanto, que compartilham desse destino. Parte dessa pulsão permanece dentro do organismo e acompanhada pela excitação sexual fica libidinalmente presa. “É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno” (idem). Vemos, portanto, que a pulsão de morte é um elemento decisivo para que um masoquismo primário seja

tomado como certo. E podemos agora, em um exercício de retrospectiva, repensar os exemplos trabalhados por Freud no *Além...*, identificando o prazer no sofrimento ao masoquismo erógeno, que entra para a lista dos exemplos de manifestação da pulsão de morte²⁶. A compulsão à repetição na transferência exemplifica de forma inequívoca esse caráter masoquista que nos constitui, dada a repetição em ato de situações desde sempre desagradáveis. Acrescenta-se a isso um comentário curto, porém precioso, no qual Freud considera que a destruição de si porta uma satisfação libidinal. “Há um lucro que se auferre da doença” (: p.183), uma “necessidade de punição” (: p.184).

O masoquismo erógeno propriamente dito “resta como um resíduo” (: p.182), resto da operação de amansamento da pulsão de morte pela libido. Em linhas gerais, a amalgamação entre ambas é muito ampla e por isso lidamos apenas com misturas destas pulsões, em quantidades diferentes, e não com cada uma delas em estado puro. Em uma leitura descuidada, pode ficar a impressão de que pelo fato de ser um resto o masoquismo é um detalhe no funcionamento humano, não muito importante. A clínica psicanalítica, entretanto, não nos deixa enganar por entendimentos como este. O masoquismo erógeno evidencia a ética da psicanálise, que não pensa o homem como um ser que quer o seu próprio bem. Sujeitos atolados em posturas masoquistas batem a cada dia à nossa porta, mostrando o quanto esse resto dá trabalho e o quão intenso e incessante deve ser o trabalho de ligação de Eros. Este trabalho, por mais bem sucedido que seja, não é garantia de apaziguamento ou tranquilidade plena. Isso se vê claramente no outro lado da moeda, isto é, no sadismo que daqui em diante é visto como secundário. Baseando-se no masoquismo como primário, temos o eu como o primeiro objeto da pulsão de morte. Ao agir a serviço da pulsão sexual, a pulsão de morte se manifesta em direção ao mundo externo, atacando um outro objeto, como forma de proteção narcísica. Nesse caso, o sujeito não sofre com a autodestruição, prova de que o masoquismo erógeno é condição de possibilidade da existência dos seres humanos. Entretanto, certamente sofrerá alguma retaliação daqueles que o cercam por sua atitude agressiva. Faz parte da “dor e da delícia de ser o que é” e ainda por cima se viver em sociedade!

²⁶ Freud apresenta neste artigo duas outras formas de masoquismo, o moral e o feminino. Ambas são derivadas do masoquismo erógeno, também chamado de primário. Optamos por não nos aprofundar nestas duas formas de masoquismo, para não perder o foco da pesquisa.

O princípio de Nirvana

Enquanto psicanalistas, sabemos da importância da nomeação, pois a forma que se escolhe para referir-se a alguma coisa nunca é aleatória. Assim, quando Freud intitula o artigo de 1924 como *O problema econômico²⁷ do masoquismo*, a importância do ponto de vista econômico é mais uma vez explicitada. O masoquismo é, portanto, um problema econômico, um fenômeno intimamente relacionado às quantidades e por essa razão os princípios econômicos devem ser repensados. As novidades construídas em 1920 serão uma vez mais debatidas, na tentativa de se esclarecer pontos nebulosos como a existência de pulsões que visam o desprazer. Nesse sentido, Freud se ocupará em distinguir o princípio de prazer do princípio de Nirvana, que se supostamente parecem idênticos, na realidade não o são. A observação clínica do fenômeno do masoquismo, que comprova a possibilidade de um prazer na dor, o obriga a realizar tal distinção. O princípio de Nirvana, termo proposto por Barbara Low, fala de uma tendência a reduzir a nada ou manter tão baixas quanto possível as somas de excitação que fluem no aparelho psíquico. Segundo Freud, ele estaria totalmente a serviço da pulsão de morte que busca conduzir a vida ao estado inorgânico. Porém, se considerarmos o princípio de prazer como “vigia de nossa vida” (: p.177), não podemos encarar os dois princípios como um só. Admitindo haver tensões prazerosas e relaxamentos de tensão desprazerosos, como por exemplo, no estado de excitação sexual, não se pode pensar em prazer e desprazer apenas em relação a aumentos ou diminuições de quantidades. Lança-se então uma hipótese, pouquíssimo explorada pelo próprio Freud, de que alguma característica qualitativa também estaria em jogo na análise desse tema. Ele somente indica que “talvez seja o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo. Não sabemos” (: p.178).

Nota-se certo embaraço diante dessa questão econômica, que mesmo sendo complicada, não tem como ficar de fora das teorizações metapsicológicas. A proposta de Freud em 1924 será considerar que o princípio de Nirvana sofreu uma modificação nos seres vivos, tornando-se princípio de prazer. A força responsável por tal modificação foi a libido, que desta forma apoderou-se de uma parcela da regulação da vida, realizando esta função lado a lado com a pulsão de morte. Esquemáticamente, o princípio de Nirvana

²⁷ O sublinhado é grifo nosso.

expressa a tendência da pulsão de morte, o princípio de prazer representa as exigências da libido e a modificação deste, o princípio de realidade, representa a influência do mundo externo. Acrescenta-se ainda que nenhum deles anula um outro, conflitos surgirão ocasionalmente.

Anos mais tarde, em uma entrevista a um jornalista da imprensa americana, George Sylvester Viereck, concedida em 1930, Freud tenta esclarecer tal questão, retomando a mensagem de seu livro de 1920, *Além do princípio de prazer*. A crença de que os homens querem viver com o mínimo de desconforto possível sustentou-se sem maiores problemas até o momento em que foi constatado um *além do prazer*, de igual importância. Ao observar que alguns homens gostam da dor, Freud diz ter encontrado uma explicação no fato de que ela representa um passo em direção à morte. A vida é uma mistura do desejo de viver com o desejo ambivalente de morrer, já que a morte é companheira do amor, juntos eles governam o mundo. É possível, diz ele, que a morte em si não seja uma necessidade biológica. “Talvez os homens morram porque queiram morrer” (Freud apud Viereck 1930/1995, p.91). “Talvez seja certo dizer que toda morte é um suicídio disfarçado” (: p.92). Pronunciando-se especificamente em relação ao Nirvana, pontua:

“Da mesma forma que um elástico tende a voltar ao seu formato original, toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, anseia pela inércia completa e absoluta da existência inorgânica (...) Todo ser humano anseia pelo Nirvana, pelo fim da *febre chamada vida* (...) O desejo pode ser disfarçado por rodeios. Entretanto o objetivo final da vida é a própria extinção!” (idem).

Dentre tudo o que estudamos nessa pesquisa, dentre todos os assuntos que percorremos, este nos pareceu um dos mais, senão o mais difícil de compreender. Onde fica nessa história o além do princípio de prazer? Seria um sinônimo para o Nirvana? Por que abandonar o termo escolhido para intitular seu artigo de quatro anos antes? Encontramos em alguns comentadores a mesma inquietação e a partir dela bastante fôlego para avançar com relação a esse ponto. Evangelista, em pelo menos dois de seus artigos, incumbe-se da tarefa de tentar sistematizar e coordenar entre si os princípios econômicos utilizados sem muita clareza por Freud. Em relação ao Nirvana, problematiza o fato de que “apelando para

um *princípio de nirvana* Freud parece querer pensar uma impensável identificação entre *zero, redução e constância*” (Evangelista, 2004, p.230). Nesse sentido, “o aparelho psíquico seria regido por um princípio, senão contraditório, pelo menos impreciso”, já que manter constante, reduzir e chegar a zero não são idênticos (Evangelista, 2006, p.207). Este autor propõe que Freud tenha lançado mão desse *novo princípio* para construir o conceito de pulsão de morte. Arrisca a dizer que da mesma forma que a pulsão é um conceito-limite, o conceito de *princípio de nirvana* é o conceito-limite entre *a vida e a morte* (: p.234).

Mais do que isso nos é impossível prosseguir, nem mesmo claudicando. Devemos consentir ao fato de que questões em aberto são parte inevitável de um trabalho de investigação. Há outros temas que nos chamam, a fim de cumprirmos com a proposta que nos guia, a de elencar e articular entre si as mais importantes conseqüências da virada de 1920.

Uma nova teoria da angústia

Vimos assinalando aqui e ali a ênfase que vai sendo dada à questão das quantidades, das excitações, que em última instância remetem à temática do excesso. Este será diretamente trabalhado no momento em que Freud mergulha em um velho conhecido tema, de certa forma deixado de lado durante alguns anos. Revisitar a teoria da angústia era um movimento que não podia ser adiado. Era preciso também dar ao excesso seu devido lugar.

Inibição, sintoma e angústia (1926) traz considerações importantíssimas nesse sentido, que culminarão na formulação da segunda teoria da angústia. O ponto de partida para essa virada (mais uma!) é pensar o trauma como tensão acumulada. Tal fato relaciona-se com a inexistência de um escudo protetor contra as exigências pulsionais internas. Uma situação de perigo caracteriza-se, portanto, pela não satisfação, isto é, pela “*crescente tensão devida à necessidade*, contra a qual se é inerte” (Freud, 1926/1996, p.136). Estar em perigo equivale à impossibilidade de dominar psiquicamente ou descarregar quantidades de estímulo elevadas a um grau desagradável. “Trata-se de uma perturbação econômica provocada por um acúmulo de quantidades de estímulos que precisam ser eliminadas” (idem). Apesar de não serem diretamente observáveis, admite Freud, as

relações quantitativas devem ser inferidas, pois são elas que determinam se antigas situações de perigo se preservarão, se recalques serão mantidos e se neuroses infantis terão continuidade. O recalque, que anteriormente relacionava-se a idéias incompatíveis ao ego, será agora redefinido sob bases quantitativas. “É altamente provável que as causas precipitantes imediatas dos recalques primitivos sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos” (: p.98).

O cenário para que se anuncie a nova teoria da angústia está montado. Ao contrário do que se acreditava até aqui, não foi o recalque que produziu a angústia, mas a angústia que produziu o recalque. A atitude de angústia do ego é a coisa primária, que põe em movimento o recalque (: p.111). A angústia é, pois, uma reação a uma situação de perigo e a criação de sintomas (decorrentes do recalque) é um modo de evitar a geração da angústia ou uma forma de afastar-se dela. Sua função é, assim, de ser um sinal para a evitação de uma situação de perigo, como forma de prevenir-se de uma experiência realmente traumática. Fica claro que nesse novo panorama o excesso passa a ocupar o posto de fator de perigo que ameaça o eu, antes ocupado pelo sexual. Este, agora pensado mais exatamente como pulsão sexual, parte de Eros no conflito pulsional, é responsável pelo trabalho de ligação da pulsão destrutiva.

O estado afetivo de angústia tem um acentuado caráter de desprazer, é algo que se sente e que se acha baseado em um aumento de excitação. Relaciona-se à repetição na medida em que é reproduzida sempre que uma reação a um estado de perigo se repete. Provoca “atos de descarga ao longo de trilhas específicas” (: p.132), através dos quais se encontra alívio. A compulsão à repetição é pensada nesse novo contexto como um fenômeno que se dá quando um novo impulso pulsional análogo a um anteriormente recalcado seguirá a mesma trilha que um antigo, sob uma influência automática, como se a situação de perigo antes superada ainda existisse. A compulsão à repetição, atribuída ao id inconsciente, é o fator que está por trás da fixação no recalque (: p.150). Nesse sentido, a repetição está na fundação do desenvolvimento da angústia, que surge a partir da percepção de semelhanças entre uma situação do presente e um modelo primordial. Quando isso se dá, o ego desenvolve uma reação defensiva.

Não é apenas a compulsão à repetição que é repensada seis anos depois. Partindo do ponto de vista de que as pulsões se enquadram em dois grupos, proposto em *Além do*

princípio de prazer (1920), Freud declara explodida a antiga construção sobre as fases sucessivas da organização libidinal, sendo esta mais uma das conseqüências que nos ocupam neste capítulo. Outro aspecto que se vê balançado, mais gravemente, aliás, é a crença de que em uma neurose o ego se defende contra a exigência da libido. Como sustentar tal crença diante da hipótese de um impulso agressivo que flui da pulsão destrutiva? É uma questão difícil, frente a qual Freud mais uma vez não recua, mesmo que não saiba respondê-la com exatidão:

“(…) É quase humilhante que, após trabalharmos por tanto tempo, ainda estejamos tendo dificuldade para compreender os fatos mais fundamentais. Mas decidimos nada simplificar e nada ocultar. Se não conseguirmos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quais as obscuridades. O que nos está prejudicando aqui é evidentemente algum obstáculo no desenvolvimento da nossa teoria das pulsões” (Freud, 1926/1996, p.124).

Resistências por todo lado

Além de obstáculos provenientes da teoria da pulsão de vida *versus* pulsão de morte, há uma série de obstáculos vividos diretamente na experiência analítica que atormenta Freud. São muitos os tipos de resistência apresentadas por seus pacientes, que pressupõem um contra-investimento. O analista tem de combater cinco espécies de resistência, que emanam de três direções: do ego, do id e do superego. O ego é fonte de três: a resistência do recalque, a da transferência e a que advém do ganho secundário da doença. Do id, decorre uma resistência relacionada ao poder da compulsão à repetição, que clama por um processo de ‘elaboração’. Esse fator é descrito como resistência do inconsciente que precisará ser superada mesmo após a remoção da resistência do ego. Mais uma vez, quando a compulsão à repetição dá sinais de sua força o analista se vê diante de um trabalho redobrado. E finalmente, há uma forma de resistência proveniente do superego, descrita como a mais obscura e não menos poderosa. Tem origem provável no sentimento de culpa ou na necessidade de punição, caminhando contra o êxito do tratamento e opondo-se à recuperação do paciente.

Ufa! Depois desta verdadeira lista de resistências parece muito mais compreensível o motivo pelo qual Freud fará um uso cada vez mais frequente de termos como “luta”, “combate”, “batalha” ao se referir a uma análise. Antes de nos aprofundarmos em suas considerações derradeiras sobre essa questão, consideramos de fundamental importância passar por *O mal-estar na cultura* (1930), texto contundente no que se refere às crenças de Freud sobre a natureza humana e sobre o viver em sociedade. Sua inclusão no percurso desta pesquisa baseia-se, principalmente, na forte presença do caráter pulsional dentre os argumentos nele presentes.

O mal-estar ineliminável

Conhecido como um dos textos culturais da obra freudiana, *O mal-estar na cultura* (1930) promove uma ampliação das teorizações psicanalíticas para um plano que ultrapassa o individual. A questão do prazer e do desprazer é central, estando particularmente articulada à busca dos homens pela felicidade. Diante dos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis, visamos, segundo Freud, uma ausência de desprazer, além de experiências de prazer intensas. Em um tom extremamente realista que perpassa todo o texto (que para muitos comentadores beira o pessimismo), o autor define a vida como árdua demais, já que seu propósito é decidido pelo programa do princípio de prazer, que por estar em desacordo com o mundo inteiro é impossibilitado de ser executado. A tão desejada felicidade é sempre restringida, por nossa própria constituição psíquica. Dessa forma, o mal-estar não é exclusividade dos estados patológicos, é algo que acomete a todos. Apesar de recorrermos a medidas paliativas para suportar a vida, não há sequer um método que proporcione proteção completa contra o sofrimento, não há meios de se criar uma “armadura impenetrável” (Freud, 1930/1996, p.87). Até mesmo a modalidade da vida que faz do amor o centro de tudo, denominada “técnica da arte de viver”, comporta sofrimento, desamparo e perdas, ilustrando a radicalidade da inexistência de garantias para que alguém se sinta bem. Definitivamente, não há fórmulas universais para se alcançar a felicidade. “Existem, como dissemos, muitos caminhos que *podem* levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança” (: p.92).

Tais afirmações levam Freud à idéia de que o mal-estar, tanto na vida individual quanto na social é ineliminável. Ademais, existe uma desarmonia pulsão-mundo que é absolutamente irremediável. Os laços sociais estão marcados pela não-conciliação e a violência, acrescenta Mezan, encontra-se “no próprio coração da intersubjetividade” (Mezan, 2003, p.278). Como se não bastassem as dificuldades de cada um em lidar com o conflito proveniente de fatores internos, a vida em nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça, se considerarmos as numerosas exigências que nos são por ela impostas. Desde 1924, Freud falava em uma “supressão pulsional cultural” que impede significativamente que os componentes pulsionais destrutivos se exerçam na vida e atribuía a isto uma intensificação do masoquismo. Dizia também que a renúncia pulsional é forçada pelos poderes externos e que disso advém a criação do senso ético (Freud, 1924/1996, p.188). Nessa mesma linha, acrescenta em 1930 que o sacrifício das pulsões, um movimento de auto-restrição são necessários para se ingressar na comunidade. Há então uma “frustração cultural”, já que a civilização é construída sobre a renúncia à pulsão e pressupõe a não-satisfação de pulsões poderosas. Freud não deixa passar o fato de que paga-se um preço por isso, pois “não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação uma pulsão. Isso não se faz impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso” (Freud, 1930/1996, p.104).

Uma das novidades que esse texto traz de forma enfática é a imposição de sacrifícios não apenas à sexualidade dos homens (aspecto muitíssimo trabalhado em momentos anteriores da obra), mas também à sua agressividade. “Além e acima dos componentes sádicos (há) uma quota de inclinação pura à agressão” (: p. 111), havendo, portanto, uma agressão não-erótica. Assim, a destrutividade que desde 1920 figurava como um elemento significativo dentre as teorizações psicanalíticas, se torna definitivamente não derivada do sexual, acarretando uma autonomia entre eles. Nas palavras de Freud,

“A princípio, foi apenas experimentalmente que apresentei as opiniões aqui desenvolvidas, mas, com o decorrer do tempo, elas passaram a exercer tal poder sobre mim, que não posso mais pensar de outra maneira. (...) não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não-eróticas e falhado em conceder-lhes o devido lugar em nossa interpretação da vida” (: p.123).

Assim, na atual interpretação freudiana da vida, a mútua hostilidade entre os homens é tida como primária, o ódio e a hostilidade são anteriores ao amor, dado “... o reconhecimento de uma pulsão agressiva, especial e independente”(: p.121), responsável pela alteração na teoria psicanalítica sobre as pulsões²⁸. Com efeito, cabe lembrar que esta pulsão agressiva é o derivado e o principal representante da pulsão de morte. Levar às últimas consequências essa nova teoria pulsional resultou na constatação de uma maldade original, na idéia do homem como uma besta selvagem, que para satisfazer seus desejos não se importa em escarnecer do outro, em insultá-lo, caluniá-lo, em mostrar enfim a superioridade de seu poder (: p. 115). Esta inata inclinação humana para a ruindade é o maior impedimento à civilização, já que se opõe ao seu programa de reunir libidinalmente os homens. Garcia-Roza vê aí o reconhecimento por parte de Freud da existência do *mal radical* no homem. Como um princípio, é algo que está presente a cada momento, regendo cada começo (Garcia-Roza, 1990, p.155). O autor lembra ainda que com essa passagem, Freud dá à destrutividade o lugar de grande inimigo, antes ocupado pela libido. Se antes o sentimento de culpa era uma reação à sexualidade, agora é visto como resposta à maldade presente nos seres humanos.

Diante desse quadro, alguns (certamente desavisados em relação à psicanálise) poderiam pensar: mas nem tudo está perdido. Basta que o indivíduo controle os seus mais cruéis impulsos, tornando-se um virtuoso, para que se possa viver em paz uns com os outros. Para estes, pensamos que a resposta de Freud seria algo como “a liberdade e a felicidade plenas não existem, a completude jamais se dá”. Ou então, como coloca Jimenez, “na própria natureza humana existe algo desfavorável à emergência de uma satisfação completa” (Jimenez, 1988, p.80).

É uma idéia presente nas entrelinhas da passagem “que poderoso obstáculo à civilização a agressividade deve ser, se a defesa contra ela pode causar tanta infelicidade quanto a própria agressividade!” (Freud, 1930/1996, p.145-146). A explicação para esse caráter inelutável relaciona-se ao fato de que a restrição da hetero-agressividade tem como contrapartida um aumento da autodestruição. Nesse sentido, o ego se encontra em certa encruzilhada: de um lado, há a autoridade externa, que o pune por seus atos; de outro, a

²⁸ Freud retoma detalhadamente as descobertas de *Além do princípio de prazer* (1920) nas páginas 122 e 123 de *O mal-estar na cultura*.

autoridade internalizada do superego, que não deixa passar nem as “más” intenções e pensamentos. Nesse jogo de tensões, quanto maior a “virtude” de um homem, mais poderoso o superego, que aumenta sua severidade contra o ego. E para não deixar nenhuma instância psíquica de fora, Freud acrescenta: “... mesmo naquelas que são conhecidas como pessoas normais, o id não pode ser controlado além de certos limites” (: p.145).

Freud ratifica seu modo de pensar a condição humana na já citada entrevista ocorrida também em 1930. Afirma que “a maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições impostas a ele” e que seus “hábitos e idiossincrasias mais desagradáveis (...) são produzidos pela sua adaptação incompleta a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre as nossas pulsões e a nossa cultura” (Freud apud Viereck, 1930/1995, p.95).

A questão do desamparo

A idéia de que a cada nova renúncia pulsional aumenta a intolerância de nossa consciência moral pertence inteiramente à psicanálise. Somente ela traz esta proporção inversa ao que se espera, ao colocar lado a lado o aumento da virtude e o aumento da culpa. O sentimento de culpa é considerado como um sério problema, “expressão da eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou morte” (Freud, 1930/1996, p.135). Sendo a luta eterna e o conflito permanente, aceitar restrições não apazigua. Fica clara, portanto, a exposição de Freud neste texto da miséria humana na sociedade, que no fundo fala da condição precária dos seres humanos segundo o discurso psicanalítico.

A tal precariedade soma-se a questão do desamparo, da dependência de outras pessoas como algo vital. A renúncia às satisfações justifica-se pelo medo da perda do amor, pelo fantasma da solidão que assombra a todos. Referindo-se ao tema, Lacan fala em *O seminário 7, a ética da psicanálise* sobre o caráter de desolação de nossa condição, “onde o homem, nessa relação consigo mesmo (...) não deve esperar a ajuda de ninguém” (Lacan, 1959-1960/1988, p.364).

Em seu livro *O mal-estar na atualidade* (2000) Birman desenvolve uma rica reflexão sobre esta questão. Considera *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930) como a versão freudiana da condição *trágica* do sujeito no mundo moderno. Essa condição desamparada

da subjetividade é marcada pela finitude, pelo imprevisível, pela incerteza. A “condição básica de *insuficiência*” do ser humano é assim descrita por ele:

“É o vazio e o abismo que estão permanentemente sob seus pés, num vórtice tempestuoso que pode engoli-lo a qualquer momento, pois a morte o espreita com sua face tenebrosa e hedionda em todos os instantes” (Birman, 2000, p.43).

A hipótese sustentada pelo autor é de que a afirmação do desamparo do sujeito é o ponto de chegada do discurso freudiano. Dentre os motivos que levam Freud a esta postulação estão a presença fulminante da pulsão de morte no psiquismo humano, além da inexistência de um objeto de mediação específico no circuito de satisfação. Ao situar o desamparo como primordial, o discurso freudiano o colocou no fundamento do sujeito. Birman fala então em uma posição de fragilidade estrutural, de ordem originária, que como tal é insuperável, irreduzível e “marca a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável” (: p.37).

O que fazer diante disso? Haveria meios para lidar com esta “fragilidade inerente ao psiquismo, entreaberto por suas fissuras em face do traumático” (Birman, 2004, p.24)? Pelo que vimos até aqui, uma solução precisa, “tiro e queda”, como se diz coloquialmente, certamente não há. Mesmo assim, ou melhor, por isso mesmo, há muito a se fazer na tentativa de se virar diante dessa experiência de desamparo. Cabe ao sujeito um exercício permanente de construção de circuitos pulsionais, a fim de dominar satisfatoriamente as *intensidades* que lhe perpassam. Essa tarefa se recoloca insistentemente, exigindo novos encaminhamentos, já que a pulsão como força constante é marcada por um eterno repetir. Birman acredita ser “necessária uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito pelo sujeito (pois) este não poderia jamais se deslocar de sua posição originária de desamparo” (Birman, 2000, p.129).

O que pode uma análise...?

Estamos nos aproximando daquele que determinamos como nosso fim, no duplo sentido do termo: a meta de apresentar e problematizar os destinos que o próprio Freud deu às especulações que levantou e sustentou está prestes a ser cumprida. Da mesma forma, o término do percurso que trilhamos até aqui se anuncia, por já estarmos trabalhando textos da década de trinta. Elegemos como ponto de chegada dois importantes textos tardios da obra freudiana, eminentemente clínicos. Tanto *Análise terminável e interminável* (1937) quanto *Construções em análise* (1937) giram em torno da questão do processo analítico, de como defini-lo teoricamente à luz de todas as dificuldades que foram aparecendo nos últimos textos que os antecederam. Dentre elas, ressaltamos a importância fundamental para a clínica freudiana da idéia do excesso de energia, que transcende a capacidade de representação psíquica. Pensando o excesso como “impossibilidade do sujeito em dominar este transbordamento energético pela articulação do sentido” (Birman, 1988, p.28), qual seria a função da passagem de alguém por um processo de análise?

Já na apresentação de *Análise terminável e interminável* Freud esclarece que sua tentativa é tornar claros os limites estabelecidos à eficácia da terapia analítica. É curioso que ele parta justo das limitações de sua prática para buscar o que ainda assim é possível obter de um tratamento ofertado pela psicanálise. Perguntando-se sobre a duração de uma análise, ponto referido no título deste artigo, levanta questões cruciais, como a existência ou não de uma cura permanente ou de uma profilaxia inabalável. Afinal, existiria um término para uma análise? Uma análise possibilita alcançar um nível de normalidade absoluta? E em última instância, o que seria se analisar “até o fim”?

Birman (1999) considera esse texto como um testamento trágico no fim da vida de Freud, onde a psicanálise é posta em questão. O acento está nas limitações do procedimento, há uma insistência nos obstáculos que se interpõem no caminho. Uma novidade em relação a textos anteriores é a expressão de ceticismo em relação ao poder profilático da psicanálise. Contra o poder desestruturante da realidade pulsional, esclarece Birman, “não existe “vacina” e muito menos qualquer possibilidade de antecipação do conflito para resolver dilemas futuros” (Birman, 1988, p.34). Isso não significa absolutamente que Freud não se disponha a investigar as barreiras que se interpõem ao

sucesso. Eis aí, inclusive, uma de suas grandes riquezas, a de ter peito para ver e admitir quando algo não está funcionando. Nesse sentido, apresentará um a um os limites que tirariam a psicanálise do campo de ação: fatores biológicos e fisiológicos, resistências contra o restabelecimento, necessidade de punição, reação terapêutica negativa, impossibilidade de aceitação da castração, repúdio à feminilidade, adesividade da libido, apego ao sofrimento.

A ênfase do que de fato limita o alcance de um tratamento reside indubitavelmente na força das pulsões. Na definição do conflito o fator econômico é decisivo e abala a finalidade terapêutica de uma análise. São inúmeras as passagens em que isso aparece. Freud parte do pressuposto de que livrar-se permanentemente de uma exigência pulsional, fazer com que ela desapareça, é impossível e indesejável. “Não é possível fugir de si próprio, a fuga não constitui auxílio contra perigos internos” (Freud, 1937a/1996, p.253). Este aspecto é de importância suprema, há um “poder irresistível do fator quantitativo na causação da doença” (: p.242). Isso, que pouco antes de morrer pode ser afirmado, não recebera esse mesmo destaque anteriormente. Nas palavras de Freud,

“Sinto-me como se devesse estar envergonhado de tão poderosa exposição, ao ver que tudo o que disse há muito tempo é conhecido e auto-evidente. É fato que sempre nos comportamos como se soubéssemos de tudo isso, mas, em sua maioria, nossos conceitos teóricos negligenciaram dar à linha *econômica* de abordagem a mesma importância que concederam às linhas *dinâmica* e *topográfica*. Minha desculpa, portanto, é a de que estou chamando a atenção para essa negligência” (idem).

Essa mudança de posição do autor relaciona-se diretamente com a virada ocorrida em 1920. A pulsão de morte, nomeada como tal desde então, será considerada agora, dezessete anos depois, responsável por grande parte da resistência em análise e como a causa suprema do conflito na mente. Trata-se do mais poderoso fator impeditivo, para além de qualquer possibilidade de controle. Birman (1988) nos lembra que o que inquieta Freud neste momento posterior à descoberta desconcertante de uma pulsão sem representação é a tentativa de reencontrar uma articulação possível entre a energética pulsional e o sistema de significação. Desta pulsão de agressividade ou de destruição decorrem ainda os fenômenos

de masoquismo e a reação terapêutica negativa, que reforçam a insustentabilidade da antiga crença de que os eventos mentais são exclusivamente governados pelo desejo de prazer. Segundo Freud, “no momento temos que nos curvar à superioridade das forças contra as quais vemos nossos esforços redundarem em nada. Mesmo exercer uma influência psíquica sobre o simples masoquismo constitui um ônus muito severo para nossos poderes” (: p. 260).

A partir dessas novas considerações, Freud revisita um tema capital para a psicanálise, desde seus primórdios: a etiologia das neuroses. Esta, que em 1897 era apresentada como uma etiologia sexual é agora pensada como mista, estando em sua base as pulsões excessivamente fortes e um ego imaturo incapaz de dominar efeitos traumáticos precoces. A doença nervosa é, portanto, um “distúrbio pulsional” (: p.238). Lidar com esse distúrbio é buscar um ‘amansamento’, uma combinação entre a libido e a pulsão de morte que torne esta inócua. A forma como isso se dá é que permanece em aberto. Não é fácil responder a essa questão, não está elucidado o modo como a ligação entre as pulsões se afrouxa ou mesmo se rompe. O recurso à Metapsicologia da Feiticeira como sempre é válido, mesmo que não ofereça clareza nem minúcia. Freud pressupõe que sua teoria talvez ainda não seja ampla o suficiente para chegar a conclusões. No fim de sua vida produz um verdadeiro inventário dos problemas que concernem à psicanálise, deparando-se com seu caráter propriamente insolúvel, por causa da questão pulsional. Numa bela passagem, Mezan descreve o “sem-fim” de uma análise pelas constantes aberturas para outra cena, para outro momento. “A análise é interminável não porque nunca toque o seu fim, mas por que jamais se atinge o começo” (Mezan, 2003, p.259).

Quando falamos em insolúvel, não desejamos anunciar um impasse absoluto. Pelo contrário, nos propomos a recolher do texto freudiano elementos cuja mensagem é a de que mesmo que a profissão de analista seja “impossível” (como a do governante e a do educador), há algo precioso a ser feito. Freud mesmo diz que sua teoria das pulsões não é uma teoria nem otimista nem pessimista da vida. Uma análise possibilita, segundo ele, transformações parciais. Se grande parte do material recalçado é tornada consciente, coisas ininteligíveis são explicitadas, desaparecem sintomas e angústias que faziam sofrer, resistências internas são vencidas e o temor da repetição de processos patológicos está mais distante, algum êxito foi obtido. Entretanto, o poder dos instrumentos com que uma análise

opera é restrito. Isso não tem a ver com uma carência interna à psicanálise, que a restringiria a resultados insatisfatórios, como se pudesse haver outra prática clínica capaz de transpor todo e qualquer obstáculo. A questão é a constituição dos seres humanos, nossa vulnerabilidade enquanto sujeitos e o fato de que o estado de conflito é irreconciliável. Não existe um nível de normalidade psíquica absoluta, não há garantias de estabilidade infinita, há uma “resistência contra a revelação das resistências” (Freud, 1937a/1996, p.255) e além do mais, um “ego normal” não passa de uma “ficção ideal” (: p.251).

Há casos relatados em *Análise terminável e interminável* (1937) de situações contra o restabelecimento do sujeito que tocam muito de perto no tema da repetição. Freud questiona-se, por exemplo, se é possível nos resguardarmos contra um retorno do mesmo conflito. Afirma que cada um de nós utiliza sempre os mesmos mecanismos de defesa, que, aliás, reaparecem no tratamento como resistências. Falará então de um outro tipo de resistência (mais um!), não localizável, tratando-se de um campo de investigação “desconcertantemente estranho e insuficientemente explorado” (: p.258), a adesividade da libido. Essa “lealdade catexial”, a princípio sem razão especial, está presente em pacientes que entram e saem da análise, como se nada tivesse acontecido. São casos em que o esforço do analista é em vão. Freud pensa em um esgotamento da plasticidade, da capacidade de modificação, resultantes de uma distribuição de forças imutável, fixa e rígida. Podemos pensar em um congelamento da libido, do qual decorrem limites insuperáveis para o trabalho de simbolização. Diante disso, nos arriscamos a traçar um paralelo com uma das facetas da compulsão à repetição apresentada no capítulo anterior. O aspecto insistente da repetição do sofrimento sem ganho algum aponta para essa “mesmidade” inassimilável e inabordável, que tem a característica de ser inalisável.

A insistência do não-ligado leva Freud a utilizar a imagem de um teatro de guerra para pensar o psiquismo. Frente a frente com a importância do fator quantitativo admite que a análise só pode se valer de quantidades de energia limitadas contra as forças hostis das pulsões, acrescentando que “aparece como se a vitória, de fato, via de regra esteja do lado dos grandes batalhões” (: p.256). Os imponentes batalhões pulsionais se contrapõem ainda à individualidade do analista, que com sua “pequenez” de ser humano como outro qualquer representa, para Freud, mais um fator às dificuldades de um tratamento. Frente a tudo isso, haveria algo a fazer, que não considerar-se impotente? Vejamos a proposta de Freud:

“Nosso objetivo não será dissipar todas as peculiaridades do caráter humano em benefício de uma ‘normalidade’ esquemática, nem tampouco exigir que a pessoa que foi ‘completamente analisada’ não sinta paixões nem desenvolva conflitos internos. A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego; com isso, ela se desincumbiu de sua tarefa” (: p.267).

Dois anos antes de sua morte é assim que Freud refere-se ao poder de sua criação, a psicanálise. Para além de fins terapêuticos, ela se mantém como possibilidade de sustentar, suportar a não-conciliação e o permanente confronto. O achado deste trecho foi particularmente interessante nesta pesquisa, pela incrível semelhança com outro trecho, escrito durante o momento considerado como pré-psicanalítico. Freud encerra *A psicoterapia da histeria*, de 1895, falando de seus tratamentos como possibilitadores da criação de condições que tragam ao sujeito maior probabilidade de avançar no sentido da recuperação. E acrescenta:

“Quando prometo a meus pacientes ajuda ou melhora por meio de um tratamento catártico, muitas vezes me defronto com a seguinte objeção: “Ora, o senhor mesmo me diz que minha doença provavelmente está relacionada com as circunstâncias e os acontecimentos de minha vida. O senhor, de qualquer maneira, não pode alterá-los. Como se propõe ajudar-me, então?”. E tem-me sido possível dar essa resposta: “Sem dúvida o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-lo de sua doença. Mas você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histérico numa infelicidade comum. Com uma vida mental restituída à saúde, você estará mais bem armado contra essa infelicidade” (Freud, 1895b/1996, p.316).

Efetivamente, a humildade é, do início ao fim, uma marca de Freud. Considerar a “infelicidade comum” como um verdadeiro ganho é uma atitude inegavelmente corajosa. Uma análise não oferece nem cura, nem salvação, nem tampouco alívio. Ela disponibiliza meios para que um sujeito trabalhe na direção da responsabilização por sua existência singular e por seus atos. É isso que a faz única e sem dúvida transformadora.

Afora as dificuldades e os efeitos possíveis de um tratamento analítico, as ferramentas disponíveis são um elemento importante. *Construções em análise*, também de 1937, trata justamente desse ponto. Por muito tempo, Freud sustentou que a recordação do material recalçado e a interpretação eram os pilares de sua prática. Pouco a pouco, foi percebendo que, com bastante frequência não se consegue fazer com que o paciente recorde. Torna-se necessário, portanto, encontrar outra fonte de material para a análise, sendo a repetição de reações da tenra infância na transferência um fenômeno privilegiado para este fim (Freud, 1937b/1996, p.277). A situação analítica favorece o “retorno de conexões emocionais” e “repetições dos afetos”, sendo desta “matéria-prima” que advém aquilo que “estamos à procura” (: p.276). O analista infere dados a partir do comportamento do paciente na análise, como também das lembranças e associações produzidas. A interpretação cede lugar à construção, segundo Freud mais apropriada para colocar perante o sujeito um fragmento esquecido de sua história primitiva. A tarefa do analista passa a ser definida como completar, construir e finalmente recuperar algo da experiência perdida, sendo esta construção apenas um trabalho preliminar. Em um breve comentário deste texto freudiano, Horne (1995) refere-se à construção como uma elaboração de saber que é feita passo a passo, tijolo por tijolo. Sugere que no fim de sua vida, Freud olha para trás e discute com seus colegas analistas sobre a relação e o valor das interpretações e das construções.

Laplanche e Pontalis (1998) consideram inadequada uma leitura que restrinja o termo “construção” a este artigo de 1937, no qual Freud o utiliza quase como uma técnica. Os autores apontam para muitos momentos ao longo da obra onde um trabalho de organização do material de uma análise e de perlaboração tanto do analista quanto do analisando estão indicados. Se assim for, a idéia de construção perpassa a psicanálise como um todo, por relacionar-se às idéias de reconstituição, recomposição, recordação e perlaboração. Figueiredo (1997) lembra que Freud considerou o *Durcharbeiten* como trabalho próprio à psicanálise. Recorrendo às muitas traduções ao termo alemão, considera que a perlaboração deve ser entendida como um trabalho-através [da análise], com a característica de ser um “trabalho incessante”, “sem parar, sem descanso”. O prefixo *durch*, diz ela, traz a idéia de ‘por meio de’ ou ‘de um lado a outro’, como a travessia de um lugar ou de um período de tempo (Figueiredo, 1997, p.133). O uso do termo ‘perlaborar’ é de fato mais adequado do que ‘elaborar’, para evitar compreensões errôneas da psicanálise

como uma prática reflexiva ou intelectualizante. Cabe ainda destacar a importância da ideia de trabalho, que se repete no pensamento freudiano: trabalho da análise, da interpretação, dos sonhos, do luto.

Ao dedicar um artigo inteiro às construções em análise Freud dá a elas um papel de destaque nessa parte final de sua obra. Porém, isso não significa que lhes atribua uma função “mágica”, resolutive de todas as dificuldades pelas quais vinha passando com o uso do método interpretativo. Também com as construções não há garantias, equívocos volta e meia são cometidos. De seus efeitos, só se colhem os frutos *a posteriori*, pois “só o curso ulterior de uma análise nos capacita a decidir se nossas construções são corretas ou inúteis” (Freud, 1937b/1996, p.283). Birman (1991) aponta que frente à problemática da não-inscrição a “estratégia do deciframento”, considerada insuficiente, é complementada pela “estratégia da construção”, que busca promover uma criação frente a um vazio na representação psíquica (Birman, 1991, p.235). De qualquer forma, não há como afirmar *a priori* que o processo de inscrição será bem conduzido com cada analisando, o que transforma a clínica psicanalítica numa “aventura inquietante” (: p.237).

Com a inclusão das construções, há um enriquecimento das ferramentas de que o analista dispõe para ocupar essa função. Contudo, continuam pesando contra o trabalho da análise todos os poderosos fatores anteriormente descritos, além do fato de que os objetos psíquicos são complicados e “possuímos um conhecimento insuficiente do que podemos esperar encontrar, uma vez que sua estrutura mais refinada contém tanta coisa que ainda é misteriosa” (: p.278). É assim, a obra avança, são dezoito anos de intensa produção pós 1920, mas o mistério continua.

Uma vez mais, recorreremos à entrevista realizada com Freud em 1930, na qual há muitas declarações que falam de sua atitude de não recuar diante das dificuldades. A vida lhe ensinou a aceitá-la com alegre humildade. Mesmo acometido por uma doença maligna, mantinha a mente ativa, o espírito firme e a impecável cortesia de sempre. Dizia preferir viver a morrer, afirmando tranquilamente que os desconfortos que vêm com a idade chegam para todos. E para ele não eram impedimento para que continuasse seu trabalho, por se sentir capaz de seguir em frente, com prazer. Sobre as mudanças sofridas pela psicanálise, em seus pressupostos teóricos e na prática clínica, declara que a vida muda e a

psicanálise também. Ela nunca fecha as portas para uma nova verdade, logo estaríamos no princípio de uma nova ciência, assim definida:

“A psicanálise simplifica a vida. Nós atingimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise cria uma nova ordem para o labirinto onde estão perdidos certos impulsos, e tenta conduzi-los para o lugar ao qual pertencem. Ou, usando outra metáfora, ela é o fio que conduz o homem para fora do labirinto do seu próprio inconsciente” (Freud apud Viereck, 1930/1995, p.95).

Aquele que “confrontou a Esfinge sem receio” (: p.89) alegra-se com as coisas simples da vida, é grato aos pequenos prazeres. Não despreza o mundo, não é mais infeliz do que as outras pessoas e definitivamente não é um pessimista, “não enquanto tiver (seus) filhos, (sua) mulher e (suas) flores!” (: p.98). Ademais, ter encontrado uma ou duas vezes um ser humano que quase o entendeu lhe parece extraordinário: “o que mais eu posso querer?” (: p.90), indaga o velho Freud.

Em linhas gerais, podemos dizer que Freud chega ao final da vida sem dizer que a psicanálise é impossível nem tampouco que é uma filosofia. Ela não traz a cura, mas não deixa de servir para alguma coisa. Sua pertinência e valor continuam a ser afirmados por seu criador, mesmo após suas últimas formulações, que analisamos neste capítulo. Até pouquíssimo tempo antes de morrer, aos 82 anos de idade, Freud ainda possuía um dom espantoso de abordar temas aparentemente batidos emprestando-lhes novos ares. Além do mais, do início ao fim de sua obra, ao mesmo tempo em que mostra os problemas, enfatiza as potencialidades da clínica, como o fato do analista se dispor a escutar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(ou novos trilhamentos)

Guiados pela escolha da repetição como noção-chave, percorremos o pensamento freudiano do início ao fim. Nesse momento, é o fim desta pesquisa que então se aproxima. Esperamos terem ficado claras tanto as variações sofridas pela noção de repetição quanto as reviravoltas pelas quais passou o próprio pensamento de Freud nos diferentes momentos em que nos baseamos pra compreender sua obra. Nos parece de grande importância reforçar a mensagem, já presente nas entrelinhas de todo o trabalho, de ser imprescindível termos sensibilidade para saber que os modelos nos quais o criador da psicanálise se apoiou foram mudando, havendo aquilo que permanece funcionando e o que deixa de funcionar. Mais de uma vez, fracassos na clínica forçaram Freud a duvidar das hipóteses teóricas que vinha sustentando, fato que indica a direção predominante de sua maneira de produzir: questões que lhe acometeram na prática clínica o fizeram formular novas hipóteses teóricas.

No primeiro capítulo apresentamos os argumentos que apontam para um lugar privilegiado que é dado ao campo representacional nos primórdios da psicanálise, quando a ênfase estava na interpretação como meio de decifração e produção de sentido. Definindo a psicanálise como uma arte interpretativa, Freud se propunha a realizar um trabalho de significação que promoveria a cura através da rememoração. O lugar dado à repetição, como vimos, não era de muito destaque. Era um fenômeno que aparecia extremamente ligado às cadeias de representações e que ajudava a dar pistas para a reconstituição de lembranças esquecidas. Apresentamos ainda alguns pontos, que chamamos de “pontos de impossível”, que de alguma forma já escapavam ao domínio do representacional, lhe impondo limites. São eles: o núcleo patogênico de lembranças onde a penetração é irrealizável, as compulsões histéricas, *das Ding* como a parte inassimilável do objeto, o umbigo do sonho e o caráter de armadilha que uma interpretação excessivamente apegada ao sentido pode comportar.

Seguindo os passos de Freud, a partir do aparecimento marcante da transferência no caso Dora, destinamos o segundo capítulo à análise da forte presença que esse fenômeno vai passando a ocupar em sua clínica e conseqüentemente em seu pensamento. Ao longo

deste trajeto, procuramos mostrar a existência de uma íntima articulação entre a transferência, a repetição e a resistência, assim como apontar a reflexão sobre esse “trio” como um motivo determinante para a descoberta de um “além”. Trabalhamos também em torno do conceito de pulsão, destacando especialmente a questão da força pulsional e da variabilidade do objeto. A idéia era tornar evidente que as quantidades de energia, a abundância de excitações e o predomínio do ponto de vista econômico (que serão protagonistas do pensamento freudiano a partir dos anos vinte) já vinham ganhando espaço anos antes.

O terceiro capítulo dedicou-se à virada de 1920. Procuramos esclarecer os antecedentes deste acontecimento, assim como justificar as razões que levaram os comentadores de Freud a estabelecer desta forma esse marco em sua obra. Mostramos que daí em diante, durante todo o fim de seu percurso, Freud está às voltas com a insuficiência de sua técnica em vigor até então. Ao ter se deparado com a oposição palavra *versus* força, percebe que um trabalho de elaboração nem sempre é possível, sendo inevitável admitir que o excesso ultrapassa o que é representável. Por essa razão, o período final de sua produção é marcado pelo predomínio do incontrolável, da imprevisibilidade e da pura pulsionalidade.

Em relação à repetição, vimos surgir propriamente o conceito de compulsão à repetição e salientamos sua importância crucial para o advento da noção de pulsão de morte. Nos detivemos ainda na apresentação e problematização de seu caráter paradoxal, ponto que decidimos retomar brevemente nestas considerações finais. Tendo em vista de um lado o aspecto de tentativa de elaboração do traumático, de simbolização e de outro seu caráter demoníaco, de repetição do desagradável para além do prazer, como pensar a articulação da repetição à novidade ou à reprodução?

A repetição enquanto reprodução aproxima-se da repetição do Mesmo encontrada no pensamento deleuziano. Embora haja uma inclinação a se associar a reprodução à cópia, à não-originalidade, sendo de certa forma desvalorizada, ela não é sem importância. Seu caráter vital, extremamente necessário é explicado pelo fato de que a repetição do Mesmo serve ao entendimento, à lei, à generalidade, como também para controlar e regular algo da experiência da morte. É algo que construímos para criar uma identidade que estabilize, que nos dê pontos de referência contra o desconcerto total, o caos, o não-familiar.

Para pensar a repetição como novidade, concordamos com Maluf (2007), que trabalha sobre as possibilidades de se promover o engendramento de algo novo a partir da repetição, sobretudo na experiência de análise. Ela propõe que esse novo seja entendido em termos de uma nova posição do sujeito diante daquilo que ele traz como sofrimento, como queixa para o tratamento. Assim, em sua vertente “positiva”, a repetição se deslocaria da insistência em aspectos cristalizados e paralisantes, caminhando na direção do encontro de arranjos inéditos e da construção de uma multiplicidade de conexões. Nas palavras de Birman (2000) “a psicanálise, ao se transmitir efetivamente dá ao sujeito a possibilidade de invenção e de ruptura com as cadeias mortíferas da repetição” (Birman, 2000, p.118).

Ainda sobre esse duplo aspecto da repetição, encontramos em Lacan importantes teorizações. Em *O seminário, livro 11*, o autor elege a repetição como um dos quatro conceitos que acredita serem fundamentais à psicanálise. Nos interessa particularmente nesse momento sua abordagem com relação a *tiquê e autômaton*. A idéia é articular esta contribuição de Lacan ao caráter paradoxal da repetição que trabalhamos. Começamos então pelo *autômaton*. Ele é caracterizado pela tendência à repetição do mesmo, à reprodução. Vinculado à rede de significantes, corresponde ao desdobramento automático desta cadeia no inconsciente. Como uma insistência dos signos que retornam em uma serialização automática, trata-se de uma tentativa de ordenação do inassimilável. Nesse circuito repetitivo em busca de elaboração, resta sempre algo que retorna. E é aí que o outro aspecto entra na história.

A *tiquê*, por sua vez, é o encontro com o real, que vem como ruptura ao outro aspecto da repetição. O real é o que vige sempre por trás (ou para além) do *autômaton*, interrompendo seu funcionamento tranquilo, sujeito à lei regular do simbólico. Esse real apresenta-se como traumatismo e repete-se como falta, insistência. A *tiquê* consiste, portanto, no retorno não do mesmo, mas no retorno de outra coisa, diferente da anterior. É da ordem do acaso, algo que promove uma descontinuidade no funcionamento do sujeito. Caracteriza-se como encontro faltoso, uma físgada, sempre surpreendente, desconcertante, que nos faz agir e só depois nos responsabilizarmos pelos efeitos. Nesse sentido, repetição equivaleria a produção, ao acréscimo de algo novo em torno do vazio. E sob essa perspectiva, podemos enxergá-la como algo que, ao mesmo tempo que escapa ao sujeito, lhe dá um lugar no mundo. A questão ética da psicanálise convida a assumir a repetição, a

responder por essa insistência acéfala da demanda pulsional. Revolucionaria justamente por nos convocar a um posicionamento ativo frente a algo que comumente é visto como um empuxo à acomodação pelo inefável da vida.

No último capítulo, apresentamos as consequências teóricas e clínicas da virada dos anos vinte. A idéia era encontrar no próprio texto de Freud sua forma de se haver com aquilo que a compulsão à repetição lhe fizera postular. Percebemos que apesar da atmosfera de perplexidade que se instalara, ele não só não recuou, como prosseguiu seu trabalho em direção aos desdobramentos da pulsão de morte e de suas manifestações. Mesmo diante das inúmeras dificuldades Freud não desiste, insiste. Nossa hipótese é pensar que seu próprio testemunho, ao falar de suas descobertas finais é em si uma afirmação. Seu gesto de continuar a escrever e atender são provas inequívocas de sua contínua produção.

Conceito polissêmico e controvertido, a pulsão de morte abre caminho para a existência de múltiplas formas possíveis de leitura. Entrando em contato com aqueles que se debruçaram na obra freudiana, percebemos que de fato não foram poucas as interpretações a essa noção radical trazida pelo criador da psicanálise. Ao longo dessa pesquisa, foram muitos os encontros com o tema, que por mais intrigante que fosse, não era algo que coubesse no interior de nossa proposta. Apenas agora, nesta parte final que não por acaso chamamos de “novos trilhamentos”, traremos algo do que despertou nossa curiosidade. Do estudo dos textos tardios de Freud ficou a sensação de que ali estava indicada a possibilidade de haver produção na desordem. E dessa sensação, surgiu o desejo de fundamentar essa postura que nascia, no sentido de dar outro destino à pulsão de morte que não a destrutividade, o caminho rumo ao pior.

O ponto de partida é encarar o dualismo pulsional Eros *versus* Tanatos da seguinte forma: a pulsão de vida estaria do lado da conservação, da estabilidade (via formação de unidades cada vez maiores) e, portanto, da ordem, da mesmice e da monotonia. Já a pulsão de morte seria pensada como produtora de mudança, de novidade, de diferença, evidenciando a liberdade absoluta que é o sujeito. Contra modos de ser muito “amarradinhos”, sem lugar para abalos e surpresas que bagunçam, ela viria trazendo o novo, possibilidades diferentes de se viver oriundas de seu combate à “mesmidade”. Assim, o desligamento pulsional e a interrupção na atividade representativa passam a ser vistos como fundamentais para a economia do aparelho psíquico e o conflito encarado de forma

positiva, por ser aquilo que movimenta. Ambos são necessários, vitais, próprios do funcionamento humano.

É preciso esclarecer que tal proposta não descarta a hipótese freudiana, que enaltece a via erótica como forma de ligação e amansamento da agressividade. Considerar Eros como paralisante ou como “o melhor remédio” contra a dor, em um exercício de afirmação erótica da vida é uma questão de nuance. Do mesmo modo, o é pensar a pulsão de morte como destruidora ou como revigorante. A idéia é considerar a vida como uma conquista permanente, já que é justamente pela existência dessa força originária que nos habita e deseja morrer do seu próprio modo, que Eros precisa trabalhar. Há, portanto, um caráter de estímulo à ação de Eros atribuído a Tanatos. Se temos metas, planos e sonhos que aspiram ao futuro, se nos esforçamos para produzir e construir laços é justamente por sentirmos a morte nos rondando de perto. Ela é nossa única certeza, se fazendo presente não só no porvir, mas em muitos outros momentos. Nesse sentido, a vida é às vezes bela, às vezes dura, nos proporciona bons e maus encontros. Apesar das lamentações, sabemos que infortúnios e frustrações são inevitáveis, parte constituinte dessa luta constante que é a única forma que temos de estar nesse mundo.

Passemos então a alguns dos autores com os quais tivemos a felicidade de esbarrar. Particularmente interessante é a visão de Zaltzman em seu livro *A pulsão anarquista* (1993). A autora defende a idéia de que a pulsão de morte não vem acompanhada por um cortejo de acontecimentos trágicos. Ao contrário, algumas de suas modalidades são extremamente úteis à vida. Em sua leitura do texto freudiano, descreve a ação de Eros como unificante, uma atividade de ligação onde se faz presente uma intenção de anexação. Os laços libidinais comportam, portanto, uma intenção de posse, que anula a alteridade. Para Zaltzman, Freud, por considerar a ação de Tanatos como desorganizadora e desagregadora, recomenda implicitamente a “domesticação libidinal” das pulsões de morte (Zaltzman, 1993, p.48) e prega a *domesticação libidinal apaziguante* (: p.56).

A novidade trazida pela psicanalista francesa são os vários destinos à pulsão de morte, que não podem ser reduzidos a uma finalidade mortífera, contra a vida. Para além do destino “clássico”, que a define como cega, destruidora e mortífera, cunha o termo pulsão anarquista, para falar de um ímpeto libertário, que faz a conservação voar pelos ares. “É preciso reconhecer outras formas “demoníacas” que se afastam das vias banalizadas e

contribuem à vida psíquica e não à destruição” (: p.59), diz Zaltzman. Nesse contexto, Tanatos funcionaria como resistência à anulação de si (: p.71), “resistência ativa” (: p.64) que trabalha contra as formas de vida estabelecidas, arruinando as relações fixas e contribuindo então para a renovação. A título de ilustração selecionamos dois exemplos: no caso clínico apresentado no livro, Zaltzman acredita que a atividade disjuntora da pulsão de morte liberou momentaneamente David do encarceramento em uma obrigação de amor com sua mãe; o esquecimento ou compromisso amnésico é visto como uma forma de trabalho psíquico da pulsão de morte que não tem efeitos mortíferos ou destrutivos.

Encontramos esse estatuto de positividade atribuído ao esquecimento também em Derrida. A consideração desse “desfuncionamento” como algo funcional e mesmo necessário é um ponto-chave de sua teorização acerca da memória, apresentada em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995). O filósofo vê com bons olhos os limites da rememoração, ao pensar que é justamente o esquecimento que torna a memória dinâmica e funcionante. A renovação seria explicada pelo apagamento de arquivos que possibilita a continuação da capacidade de lembrar. A presença ininterrupta da memória é em si mesma um empecilho para o próprio processo de memorização. Percebe-se que sua visão é contrária àquelas que opõem *Eros* e *Tanatos*, já que Derrida adota uma lógica em que o funcionamento de um depende completamente do outro: o paradoxo é o próprio motor do processo. Em suas palavras:

“Por um lado, o arquivo é possibilitado pela pulsão de morte, de agressão, de destruição, isto é, também pela finitude e pela expropriação originárias. Há um movimento propriamente infinito de destruição radical sem o qual não surgiria nenhum desejo nem mal de arquivo. (...) A destruição anarquivante pertence ao processo de arquivamento; produz aquilo mesmo que ela reduziu a cinzas e além” (Derrida, 1995/2001, p.121-122).

Garcia-Roza (1990) é mais um a apontar a faceta de *Eros* como força que tende à unificação e, por conseguinte, à indiferenciação e totalização. O autor chama atenção para o conservadorismo e a possível cristalização que podem estar lado a lado com a pulsão de vida. Por essa razão, considera a pulsão de morte como renovadora, produtora de diferenças, por preservar a singularidade, relacionando-a a idéia de desejo como “pura diferença”. A disjunção é pensada pelo autor como impedimento da permanência de

totalidades, além de ser uma forma de superação da “monotonia sem fim da pulsão sexual enquanto reprodutora do “mesmo” (Garcia-Roza, 1990, p.150).

Fortes (2004), por sua vez, relaciona a pulsão de morte a uma resistência à mortificação do sujeito, funcionando como fonte de criação. Seu caráter disruptivo refere-se ao rompimento da ordem estabelecida, que em última instância sinaliza a quebra de crenças iluministas baseadas em idéias de aperfeiçoamento, progresso e evolução. A autora considera que o modo de pensar e agir predominante nos dias de hoje é marcado pelo ressentimento contra o novo e a mudança. Subvertendo esse quadro, vê a fragmentação como uma fonte de libertação e a dispersão como uma saída vital. Nesse sentido, as quebras provocadas pelas manifestações da pulsão de morte a caracterizariam como força disruptiva, que em si não seria causadora de aniquilação. A questão reside no destino que cada sujeito dará a essa potência: destruição ou criação. Resistência e desistência seriam ambos posicionamentos possíveis diante das agruras da vida, já que o organismo quer afirmar sua singularidade até na forma de morrer.

Para concluir, gostaríamos de comentar encaminhamentos possíveis às questões levantadas por Freud em *Análise terminável e interminável* (1937), a respeito da eficácia terapêutica da psicanálise e de sua concepção de cura. Realizaremos essa tarefa voltados para a contemporaneidade, de olho na realidade que nos cerca. Imersos que estamos em ofertas de felicidade por todo lado, seja por parte da ciência, seja pela religião ou pela mídia, que lugar resta para a psicanálise?

Sua tamanha validade frente às outras terapêuticas localiza-se justamente no fato de não ser mais uma a oferecer a cura a qualquer preço. Ao contrário do que se espera comumente, um processo analítico não visa a eliminação total dos conflitos, um conhecimento pleno de si mesmo, nem muito menos um final idealizado de conto de fadas, que se encerra tal qual um *happy end*. Talvez um pouco menos enfeitada e florida, porém mais ética e real, a psicanálise crê na necessidade de implicação do sujeito com o seu sintoma, em sua inclusão na responsabilização de si como passo essencial para o tratamento de seu sofrimento, sendo este seu grande diferencial.

A psicanálise não é cura pra todos os males, não vai resolver todos os problemas, nem tampouco trazer propriamente a felicidade, mas, ainda assim, vale à pena analisar. De fato, há em Freud a queda da terapêutica e de um ideário. Entretanto, resta a idéia de uma

análise como possibilidade de sustentação do confronto, de suporte das incertezas. Inegavelmente, enquanto seres humanos que somos, vivemos diante da falta de garantias, da não-promessa de complementaridade, sendo a impossibilidade de conciliação entre o amor e a discórdia um ótimo exemplo. Como reflexo dessa condição, temos em um processo de análise uma hiância irreduzível, já que não há uma última palavra. Ademais, não pode haver um processo de cura que esteja livre dos efeitos de contingência.

Traçando um paralelo entre os primórdios da psicanálise freudiana e seu momento final, haveria ainda espaço para o sentido e função para a interpretação? Encontramos na orientação lacaniana uma postura interessante, de se pensar a interpretação como equivocação. A intervenção do analista não visaria o preenchimento de lacunas, sendo, ao contrário, uma intervenção que produz efeito de furo e não de complementação de sentidos perdidos, esquecidos. A arte do analista consistiria justamente em traumatizar o sentido, ao tornar claro o limite crucial entre este e o fora de sentido. Partindo do princípio de que sempre há algo que escapa, a direção do tratamento incluiria a re-introdução no discurso de um não-sentido que põe limite ao sentido, mantendo-o em suspenso.

Selecionamos contribuições precisas de alguns autores, todos psicanalistas, aliás, referentes às particularidades da experiência analítica. Para Jimenez, “nossa prática se dirige a uma zona diferente da mera desapareção dos sintomas. Nossa intervenção não se dirige, exatamente, a aliviar-lhe o sofrimento (...). A psicanálise não é uma receita de conseguir sucesso” (Jimenez, 1988, p.79 - p.81). Miller complementa, ao afirmar que “a psicanálise não promete nenhuma harmonia, não promete nenhum sucesso, nenhum êxito, não promete preencher uma falta, uma carência que, pelo contrário, está na estrutura” (Miller, 2002, p.39). Birman atenta para a dificuldade dos psicanalistas em não cair na tentação de uma clínica normativizante, propondo que “poder suportar agora a presença efetiva da guerra, sem recair na sedução da normalização, se constitui, enfim, no desafio maior da aventura psicanalítica, que alguns certamente sucumbem nas bordas trágicas desse fio da navalha” (Birman, 2006, p.12). E finalmente, em comentário recente, Kehl nos diz:

“O psicanalista não aconselha, não promove o ego de ninguém, não alivia (quase) nada (...). A psicanálise é o império do significante, da palavra com seu fundo falso, sua parcela de vazio e de *nonsense*. (...) No terreno escorregadio do desejo, o sujeito é um eterno sem-teto: vive acampado, nômade, mudando sua tenda de cá para lá de acordo com os ventos e as chuvas. (...) O efeito de uma psicanálise é propiciar que se suporte desejar; ao sair de uma análise o sujeito deve ser capaz de se responsabilizar pela sua condição desejanter” (Kehl, 2007).

Encerra-se aqui o caminho que nos dispomos a percorrer. Foram muitas as questões que, embora cuidadosamente trabalhadas, restaram não-todas respondidas, como não poderia deixar de ser. Por ora, o ponto que mais nos causa e alimenta o desejo de uma nova pesquisa refere-se à psicanálise e o não-sentido. Vivemos em tempos onde a busca de um sentido para a vida é fomentada pela proliferação de livros de auto-ajuda, vendidos aos milhares como manuais que contêm “o segredo” para a felicidade. Além de propostas vazias e muitas vezes grosseiras como estas, as ofertas de salvação pela via do “sagrado” crescem assustadoramente. Recentemente, um outro tipo de serviço invadiu o “mercado dos prazeres”, engordando a lista das soluções que se dizem mágicas, através das quais os sujeitos se ausentam mais e mais do cuidado de si. São os profissionais, especialistas que dedicam-se ao atendimento personalizado de sua clientela. Há os *personal diet*, que ajudam na perda de peso mais rápida através do monitoramento 24 hrs, os *personal zen express*, que mexem no corpo e liberam os problemas, os *personal trends*, que orientam mudanças de visual, além dos *organizers*, que arrumam a casa e o closet das pessoas e do *terapeuta financeiro*, que promete mudar a relação com o dinheiro daqueles que o procuram. E há também os psicanalistas, que precisam situar-se nessa época de enorme esvaziamento da dimensão subjetiva, continuando a se autorizar nessa impossível e fascinante tarefa de psicanalisar. Pensar em como fazer é o estímulo que nos move a continuar, em um futuro breve.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, A.C.C. “A repetição em volta do corpo”, in *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de psicanálise*, n° 24, junho de 1999.

BARROS, R.R. Seminário sobre a repetição, proferido em Belo Horizonte, 2003.

BIRMAN, J. “Finitude e interminabilidade do processo psicanalítico”, in *Análise com ou sem fim?* FERENCZI, S... et. al. (Coleção Teoria e prática psicanalíticas). Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____ “A ausência de inscrição e o transbordamento pulsional”, in *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

_____ “Estilo de ser, maneira de padecer e de construir: sobre a histeria, a feminilidade e o masoquismo”, in *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____ “Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (1ª ed. 2000), 6ª ed., 2007.

_____ “Fraternidades, seus destinos e impasses”, in *Formas de subjetivação* PEIXOTO JÚNIOR, C. A. (org). Rio de Janeiro: Contra Capa / Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2004.

_____ “A biopolítica na genealogia da psicanálise: da salvação à cura”. Conferência realizada na Jornada de Estudos do Espace Analytique, sobre “La guérison en psychanalyse”, que ocorreu em Bordeaux, em 17 e 18 de junho de 2006.

BISSO, E. “Qué es el sentido?”. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2007.

DAVID-MÉNARD, M. “Todo el placer es mio”. Buenos Aires: Paidós, 2001.

DELEUZE, G. “Diferença e repetição”. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 2006.

DERRIDA, J. “Freud e a cena da escritura”, in *“A escritura e a diferença”* (1967). São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____ “Mal de arquivo: uma impressão freudiana” (1995). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ECO, U. “Como se faz uma tese” (1977). São Paulo: Perspectiva, 19ª ed., 2005.

EVANGELISTA, W.J. “Freud: dos atropelos da termodinâmica às brumas do nirvana”, in *O tempo, o objeto e o avesso - ensaios de filosofia e psicanálise*. IANNINI, ROCHA, PINTO, SAFATLE (orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____ “Princípio de Nirvana: sintoma de mudança de terreno no itinerário de Freud?”, in *Revista Natureza Humana*, vol. 8, número especial 1. São Paulo: PUC-SP, outubro de 2006.

FIGUEIREDO, A.C. “Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

FORTES, I. “O sofrimento na cultura atual: hedonismo *versus* alteridade”, in *Formas de subjetivação*. PEIXOTO JÚNIOR, C. A. (org). Rio de Janeiro: Contra Capa / Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2004.

Tese de Doutorado: FORTES, I. “O sentido do sofrimento: a positividade da dor em Freud”. Rio de Janeiro, UFRJ, CFCH, IP, 2000.

FREUD, S. “Obras Completas de Sigmund Freud”, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

(1895) “Projeto para uma psicologia científica”, volume I.

(1895) “A psicoterapia da histeria”, volume II.

(1896) “Carta 52”, volume I.

(1900) “A interpretação dos sonhos”, volumes IV e V.

(1905 [1901]) “Fragmento da análise de um caso de histeria”, volume VII.

(1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, volume VII.

(1910) “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, volume VII.

(1910) “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, volume XI.

(1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, volume XII.

(1912) “A dinâmica da transferência”, volume XII.

(1914) “Recordar, repetir, elaborar”, volume XII.

(1915) “Observações sobre o amor transferencial”, volume XII.

(1915) “As pulsões e seus destinos”, volume XIV.

(1915) “O recalque”, volume XIV.

(1915) “O inconsciente”, volume XIV.

(1915) “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, volume XIV.

- (1916) “Sobre a transitoriedade”, volume XIV.
- (1918) “História de uma neurose infantil”, volume XVII.
- (1919) “Uma criança é espancada”, volume XVII.
- (1919) “O estranho”, volume XVII.
- (1920) “Além do princípio de prazer”, volume XVIII.
- (1923) “O Eu e o Isso”, volume XIX.
- (1924) “O problema econômico do masoquismo”, volume XIX.
- (1925) “A negativa”, volume XIX.
- (1926) “Inibição, sintoma e angústia”, volume XX.
- (1929) “O mal-estar na cultura”, volume XXI.
- (1937) “Análise terminável e interminável”, volume XXIII.
- (1937) “Construções em análise”, volume XXIII.

GARCIA-ROZA, L.A. “Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões”. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____ “O mal radical em Freud”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

HANNS, L.A. “Retornando a Freud: a teoria pulsional no texto alemão”, in *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de psicanálise*, nº 19, agosto de 1997.

HORNE, B. “Construções em Análise”, in *Agente, Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise - Bahia*. Ano I, nº IV, outubro de 1995.

JIMENEZ, S. “Considerações sobre final de análise”, in *Análise com ou sem fim?*

FERENCZI, S...et.al.(Coleção Teoria e prática psicanalíticas).Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KEHL, M.R. “Por uma vida menos banal”. Texto recebido por e-mail em 08 de dezembro de 2007.

JONES. E. “A vida e a obra de Sigmund Freud”. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

JORGE, M.A.C. “Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais. 4ªed.-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN. J. (1955) “O seminário sobre “A carta roubada” in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1956-1957) “O seminário, livro 4, a relação de objeto”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____ (1959-1960) “O seminário, livro 7, a ética da psicanálise”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____ (1963-1964) “O seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____ (1972-1973) “O seminário, livro 20, mais, ainda”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LAPLANCHE, J. “Vocabulário da psicanálise” / Laplanche e Pontalis; [tradução Tamen, P]. – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAURENT, E. “O relato de caso, crise e solução”. in *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, Belo Horizonte, Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, Ano 6, n.9, novembro de 2003.

MAIA, M.S. “A máquina de expressão: corpo, subjetivação e clínica psicanalítica”. in *Formas de subjetivação* PEIXOTO JÚNIOR, C. A. (org). Rio de Janeiro, Contra Capa / Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2004.

Monografia de Graduação: MALUF, A. P. “A repetição e o novo em psicanálise: uma articulação possível?”, Rio de Janeiro, UFRJ, CFCH, IP, 2007.

MANZETTI, R.E. “Transferência e Nome-do-Pai”. in *Scilicet dos Nomes do Pai: textos preparatórios para o Congresso de Roma da AMP, julho de 2006*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2005.

MEZAN, R. “Freud: a trama dos conceitos”. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MILLER, J.A. “Percurso de Lacan: uma introdução”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. Dissertação de Mestrado: PRATA, M.R. “Repetição e pulsão de morte em Freud”, Rio de Janeiro, UFRJ, CFCH, IP, 1992.

PRATA, M.R. “Pulsão de morte: mortificação ou combate”, in *Agora: estudos em teoria psicanalítica*. [vol. I, nº 1 (1998). Rio de Janeiro: pós-graduação em teoria psicanalítica IP/UFRJ] vol. V, nº 1. Rio de Janeiro, janeiro/junho, 2002.

ROUDINESCO, E. “Dicionário de psicanálise” / Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; [tradução Ribeiro, V. e Magalhães, L.]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

RUDGE, A.M. “Pulsão de morte como efeito de supereu”, in *Agora: estudos em teoria psicanalítica*. [vol. I, nº 1 (1998). Rio de Janeiro: pós-graduação em teoria psicanalítica IP/UFRJ] vol. IX, nº 1. Rio de Janeiro, janeiro/junho, 2006.

- SANTOS, L.G. “O conceito de repetição em Freud”. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.
- SCHNEIDER, M. “Freud et le plaisir: du principe à l’expérience”. *Topique: Revue Freudienne*. Epi Éditeurs, octobre 1977, n. 20.
- TIZIO, H. “Interpretação e Nome-do-pai”, in *Scilicet dos Nomes do Pai: textos preparatórios para o Congresso de Roma da AMP, julho de 2006*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2005.
- VIDAL, E. “A torção de 1920”, in *Pulsão e Gozo, Revista da Letra Freudiana –Ano XI- n° 10/11/12*. Rio de Janeiro, 1992.
- VIEIRA, M.A. “No banquinho de Joyce (Lições da psicose)”, in *Revista Latusa da Escola Brasileira de Psicanálise, n° 12*. Rio de Janeiro, 2007.
- VIERECK, G.S. “Sigmund Freud”, in *A arte da entrevista*. AUTMAN, F. (org). São Paulo: Scritta, 1995.
- ZALTZMAN, N. “A pulsão anarquista”. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)